



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA MÍDIA**

DAHIANA DOS SANTOS ARAÚJO

**CONVERGÊNCIA E TEIA NARRATIVA:
a dinâmica do jornalismo como lugar de memória**

**NATAL - RN
FEVEREIRO / 2016**

DAHIANA DOS SANTOS ARAÚJO

**CONVERGÊNCIA E TEIA NARRATIVA:
a dinâmica do jornalismo como lugar de memória**

Dissertação apresentada ao Programa Pós-Graduação em Estudos da Mídia, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito parcial para a obtenção do grau de mestre.

Linha de pesquisa: Estudos da Mídia e Práticas Sociais.

Orientadora: Profa. Dra. Valquíria Aparecida Passos Kneipp

**NATAL - RN
FEVEREIRO / 2016**

**NARRATIVA DE CONVERGÊNCIA:
A dinâmica do jornalismo como lugar de memória**

DAHIANA DOS SANTOS ARAÚJO

DATA: ____/____/____
BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Valquíria Aparecida Passos Kneipp
Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN
Orientadora

Profa. Dra. Maria do Socorro Furtado Veloso
Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN
Membro titular interno

Prof. Dr. Denis Porto Renó
Universidade Estadual Paulista – UNESP
Membro externo

DEDICATÓRIA

Aos meus avós,

Dona Dety e Seu Chico,

Por provarem diariamente ao mundo, em mais de 80 anos de vida, que o amor nos guia por rumos diversos, cria valores que ultrapassam fronteiras, rompem barreiras, correntes, e sempre nos faz retornar ao peito de quem está a nossa espera. Mesmo quando não prometemos chegar...

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela capacidade, pelo dom da coragem e pelas certezas que me fazem acreditar que ser feliz é nada mais que viver;

A minha mãe, Elzinha de Clermont, pelas histórias que me ensinou a escrever enquanto silenciava diante dos aprendizados ao longo da vida. Pela força de vontade e por levantar-se todas as vezes que a pequenez mundana a fez tropeçar;

Ao meu pai, Gerleon Araújo, por acreditar nas minhas escolhas e se fazer presente, nas grandes e pequenas distâncias por onde a vida já nos levou;

À Tia Anady, por ensinar a quem estiver ao seu redor o que é resistir. Sorrindo sempre, mesmo com a alma banhada de lágrimas;

À Tia Eliane, por ter sido sempre uma referência de sabedoria e amor; Aos tios Eleina, Eliene e Augusto, por acreditarem em mim;

Aos meus irmãos, Nahiana Araújo e Gerleon Filho, por vibrarem como se deles fossem todas as minhas conquistas. Por estarem sempre presentes, por serem minhas almas, mais que gêmeas;

À Gabriella Santos de Lima, Emilly Sales Araújo, Nátalie Santos e Agatha Nobre de Magalhães e Marina Fernandes, por fazerem-me compreender o quanto eu ainda preciso aprender sobre amar e ser amada;

Aos meus avós, José Gerardo (*in memoriam*) e Leonísia, pela família que ajudaram a construir;

À minha orientadora, Valquíria Kneipp, por colaborar com a minha pesquisa, minha formação acadêmica e pelos valores que me fizeram admirá-la;

Ao PPgEM e à UFRN, pela troca de aprendizados, por permitirem-me fazer escolhas e tornarem-se referências na minha vida;

Aos professores Maria do Socorro Furtado Veloso e Denis Porto Renó, por aceitarem os convites para compor a banca e se disporem a colaborar com a pesquisa;

Aos colegas da Turma 2014.1 do PPgEM, que, como uma espécie de família, acolheram-me. Em especial, Andrielle Mendes, Cezar Barros, Geórgia Monteiro, Ramon Nascimento, Mayara Maia, Gilberto Oliveira, Giordano Bruno, Maísa Carvalho, Lídia Raquel Herculano e Anna Paula;

Aos amigos Ben-Hur Bernard, Jadson Maia, Tatiana Dutra e Alan Soares, que muito me ensinaram sobre estudar, amar, resistir e viver;

Ao Jornal Diário do Nordeste, por colaborar com a minha formação profissional e dar-me a chance de ampliar os horizontes concedendo-me licença para estudar;

Ao Jornal O Globo, por abrir as portas para a minha pesquisa;

Aos amigos Erilene Firmino, Julianna Sampaio, Marília Clévia, Beatriz Jucá, Terezinha Fernandes, Luciana Custódio, Diva Gaspar, João Moura, Martha dos Martins, William Santos, Georgea Veras e Lana Vanessa, pelo incentivo e inspiração de cada dia. Pela força de sentimentos traduzidos em palavras;

À Layza Castelo Branco, pelos questionamentos que me ajudaram a sair rumo ao mundo em busca de respostas, boas respostas;

À Thatiany do Nascimento, por manter acesa a luz dos seus olhos. Por ter me ensinado tanto sobre o jornalismo, o amor e a vida;

Aos “Porkos Digitais”, pelo amor e as gargalhadas que compartilhamos online e ao vivo, em Fortaleza, em Natal. Em uma vida inteira;

A todas as pessoas que estiveram presentes;

E aos que sabem viver “e não ter a vergonha de ser feliz”...

“A comunicação tem o poder de criar pontes, favorecer o encontro e a inclusão, enriquecendo assim a sociedade. Como é bom ver pessoas esforçando-se por escolher cuidadosamente palavras e gestos para superar as incompreensões, curar a memória ferida e construir paz e harmonia. As palavras podem construir pontes entre as pessoas, as famílias, os grupos sociais, os povos. E isto acontece tanto no ambiente físico como no digital”.

Papa Francisco

RESUMO

A proposta deste trabalho é avaliar o cenário jornalístico e a maneira como o jornalismo se comporta em seu papel de lugar de memória, diante da atual conjuntura das redações, dispostas a partir da cultura da convergência e aos reflexos nas práticas sociais. Atua-se com reflexões de teorias e autores – como Flores e Renó (2012), Halbwachs (1990), Jenkins (2008), Fachine et al. (2012), Moloney (2011), Nora (1984), Ricoeur (2007). Para debater o assunto, optou-se pela análise de conteúdo a partir de um estudo de caso de produtos veiculados pelo Jornal O Globo na cobertura da Jornada Mundial da Juventude (JMJ Rio 2013). Estão no levantamento textos, gráficos e imagens veiculadas entre os dias 20 e 30 de julho de 2013 pela edição impressa do jornal, assim como seu site, a versão exclusiva para *tablet*, O Globo a Mais, e o E-book *Os Encantos de Francisco*, além das postagens da página mantida na rede social Facebook do periódico. A partir de uma coleta de dados e de técnicas de pesquisa qualitativa, como a entrevista, avaliamos conteúdo produzido pelo O Globo para diversas plataformas apontando a relação das estratégias utilizadas pela empresa com as estratégias de transmídia trabalhadas por Fachine et al. (2012) e com os princípios do jornalismo transmídia elaborados por Moloney (2011). Os diálogos entre o que se aponta na cobertura do O Globo e no corpo teórico desta dissertação são expostos a fim de proporcionar uma visão do jornalismo, diante do contexto da convergência, como uma prática social efêmera, mas que, embora esteja inserida nos avanços tecnológicos, mantém aspectos tradicionais da produção de informação, como os critérios de noticiabilidade.

Palavras-chave: Memória. Jornalismo. Convergência. Narrativa transmídia.

ABSTRACT

The purpose of this work was to research the journalistic scene, and how journalism behaves in its role as a “place of memory”, given the current situation of newspaper, by insert of the culture of convergence and reflections on social practices. It works with reflections from theories and authors - such as Flores and Renó (2012), Halbwachs (1990), Jenkins (2008), Nora (1984), Ricoeur (2007). To debater, we use to product content analysis conveyed by the O Globo Journal in coverage of “Jornada Mundial da Juventude (JMJ Rio 2013)”. The survey have text, graphics and images transmitted between 23 and 29 July 2013 the printed edition of the printed journal, as well as its website, the exclusive version for tablet, “O Globo a Mais”, and the e-book's “Os Encantos de Francisco”, as well as posts on the social network Facebook journal. With a data collection and qualitative research techniques such as interview, evaluate content produced by O Globo Journal for several platforms pointing the relation of the strategies used by the company with the transmidiação strategies worked by Fechine et al. (2012) and the principles of journalism transmedia prepared by Moloney (2011). The dialogues between that point on the roof of O Globo Journal and theoretical body of this work are exposed to provide a journalism vision before the convergence context, as an ephemeral social practice, but that, although it is inserted in the technological advancements maintains traditional aspects of the production of information, such as the criteria of newsworthiness.

Keywords: Memory. Journalism. Convergence. Storytelling.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 A COMUNICAÇÃO E A MEMÓRIA COMO ESTRATÉGIAS DE ASSIMILAR E TRANSMITIR O PASSADO.....	15
1.1 ENTRE TELAS, PAPÉIS E LUGARES DE MEMÓRIA.....	21
1.2 JORNALISMO COMO LUGAR DE MEMÓRIA E A NECESSIDADE DE VEICULAR PASSADO EM PRESENTE.....	25
1.3 (CIBER)ESPAÇO DE MEMÓRIA: A NOTÍCIA ENTRA NA REDE	29
1.4 RASTROS DA COMUNICAÇÃO: DE MCLUHAN À PIRÂMIDE DEITADE.....	34
2 A CULTURA DA REDAÇÃO E O CENÁRIO DA CONVERGÊNCIA.....	41
2.1 A INTERATIVIDADE E O DIÁLOGO DE SISTEMAS.....	45
2.2 ESPAÇO E ESFERA (PÚBLICOS) E AS REDES SOCIAIS DIGITAIS.....	49
2.3 NARRATIVA TRANSMÍDIA.....	55
2.3.1 Jornalismo transmídia: os caminhos para se chegar ao <i>storytelling</i>	60
2.3.2 Estratégias de transmediação.....	65
3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	68
3.1. PESQUISA BIBLIOGRÁFICA.....	68
3.2. COLETA DE DADOS E AMOSTRAS.....	69
3.3. ESTUDO DE CASO E ANÁLISE DE CONTEÚDO.....	71
3.4 ENTREVISTAS.....	74
3.5 BUSCA NA INTERNET.....	76
4. MEMÓRIA EM REDE: A NARRATIVA DA VISITA DO PAPA AO BRASIL.....	79
4.1 AS RAÍZES DA TEIA NARRATIVA.....	85
4.2 ENTRE TELAS E PAPEIS: A TRANSMEDIAÇÃO COMO PONTE ENTRE MÍDIAS FORMATOS.....	88
4.3 APLICATIVO O GLOBO A MAIS.....	97
4.4 E-BOOK “OS ENCANTOS DE FRANCISCO”.....	100
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	104
REFERÊNCIAS.....	107
APÊNDICE A - Entrevista presencial no Jornal O Globo.....	111
ANEXO A - Edições impressas O Globo – cobertura da JMJ Rio 2013.....	114
ANEXO B - Links de matérias O Globo - cobertura da JMJ Rio 2013.....	124

INTRODUÇÃO

A memória é construção simbólica do que se vive, do que se experimenta, principalmente na prática. O jornalismo é prática social, mas é também parte da construção simbólica que faz a sociedade daquilo que é produzido. Jornalismo e memória estão diariamente entrelaçados, porque um se utiliza do outro para existir, para se fazer presente no seio social. Com o advento de novas tecnologias, a prática jornalística sofreu alterações, assim como, no processo prático, a construção da memória também ganhou uns atributos, perdeu outros. No contexto da cultura da convergência, memória e jornalismo mantêm seus laços, mas a essência de como um auxilia o outro no contexto social também sofre mudanças.

A ideia deste trabalho é observar como se comporta o jornalismo, diante da fluidez dos processos contemporâneos nos quais tempo e espaço, muitas vezes, deixam de ser a referência para se produzir, se consumir e se armazenar informação. Para trabalhar essa dinâmica, buscamos um diálogo entre teoria e prática, que resultou nas observações expostas aqui em quatro capítulos. Para isso, construímos uma pesquisa que finda com a proposta de um conceito metodológico chamado aqui de Teia Narrativa e, como recorte prático, avalia a cobertura da Jornada Mundial da Juventude (JMJ Rio 2013) pelo Jornal O Globo. Portanto, analisamos quatro produtos jornalísticos da empresa veiculados nas plataformas impressa e digital.

No primeiro deles, abordamos o conceito de memória sob o viés social e filosófico aos quais se referem o termo. Pierre Nora (1984), criador do termo lugar de memória, trabalhou de uma forma quase que superficial a definição ao ressaltar como os restos de passado estão presentes em espaços físicos, em acontecimentos, em obras de arte, em histórias, dentre outros. O autor ainda abriu espaço para outros pesquisadores tratarem a questão da memória a partir das representações materiais e imateriais do termo. Ao utilizarmos o conceito de memória coletiva, de Maurice Halbwach (1990), observamos as ligações realizadas pelo autor com a vida em sociedade e necessidade de se construir de uma forma conjunta a memória, sempre com base em experiência vividas, segundo ele, em grupos sociais. Paul Ricoeur (2007), a partir de uma abordagem filosófica, problematiza os dois conceitos, amparado na subjetividade do ato de lembrar-se que possui o indivíduo.

Traçamos ainda no primeiro capítulo uma ponte entre memória e jornalismo a partir do conceito de acontecimento, sob as perspectivas de Muniz Sodré (2009) e Nora

(1984). A partir de então, elaboramos uma abordagem teórica acerca do jornalismo como lugar de memória, segundo pesquisas de Marcos Palacios (2003) e como os rumos da produção de notícia vistas sob essa perspectiva passaram a se inserir no contexto na internet. A base teórica passa ainda pelos conceitos de notícia e a sua inserção na rede mundial de computadores, lembrando as gerações do jornalismo digital. (SCHWINGEL, 2005; PALACIOS, 2003; MIELNICZUK, 2002). Com a necessidade de encontrar base nas teorias da comunicação, buscamos diálogos com autores como Marshall McLuhan (1972), por meio da Aldeia Global, além do conceito e problematização *do agenda setting* (WOLF, 2002) e das pirâmides invertidas e deitadas ao tratar dos critérios de noticiabilidade (CANAVILHAS, 2006).

Uma das bases principais do segundo capítulo é o conceito de cultura da convergência (JENKINS, 2009), mas para dialogar com o autor trabalhamos as mudanças na sociedade proporcionadas pelo uso de softwares (MANOVICH, 2012); o conceito de máquina, na perspectiva filosófica de Guattari (2008), e a relação com o sujeito; o conceito de interatividade; as redes sociais e a Esfera Pública (RECUERO, 2012; SCOLARI, 2008; HABERMAS, 1984). O trajeto teórico chegou ao conceito central da cultura da convergência, a narrativa transmídia, de Jenkins (2009), e a necessidade de se buscar um diálogo com o jornalismo, a partir das Estratégias de Transmídiação de Fechine et al. (2012), e dos princípios do jornalismo transmídia, de Kevin Moloney (2011). A ideia do capítulo é construir um esboço de conceitos num percurso que nos leve à compreensão de como têm se dado alguns dos aspectos da prática jornalística no contexto da convergência.

Elaboramos esse trabalho a partir de processos metodológicos que incluíram um estudo de caso e análise de conteúdo. Optamos pelo estudo de caso porque optamos, ainda durante a etapa da pesquisa bibliográfica e definição do objeto, a seleção de uma amostra de conteúdo jornalístico publicado pelo O Globo. São eles:

- a) Jornal impresso. 9 cadernos especiais, publicados de 21 e 29 de julho de 2013, além da edição do Caderno Rio, do dia 30 de julho de 2013, todas sobre a JMJ;
- b) Site O Globo. 230 publicações sobre a jornada foram catalogadas, entre os dias 20 e 30 de julho de 2013, com a presença de textos, gráficos, fotos e vídeos;
- c) O Globo a mais. 12 edições da dição para *tablets* foram contabilizados entre 21 e 30 de julho;

- d) E-book *Os encantos de Francisco*. Livro digital publicado em 26 de agosto de 2013 sobre a jornada.

Com base em autores como Bardin (1977), Yin (2001), Duarte (2008), Fonseca Júnior (2008), dentre outros, escolhemos métodos e técnicas para uma pesquisa qualitativa a fim de observar o conteúdo, a sua forma de distribuição e produção, levando em conta as mídias e plataformas nas quais O Globo se fez presente ao longo do evento mundial. Considerando que “toda pesquisa científica é motivada pelo desejo de compreensão de alguns aspectos do mundo real com a utilização de procedimentos já consagrados” (FONSECA JÚNIOR, 2008, p. 290). Para isso, optamos ainda por entrevistas em profundidade com editores do O Globo, a fim de coletar respostas a partir das experiências subjetivas de alguma fonte, como sugere Duarte (2008).

A busca na internet também foi utilizada, levando em consideração o papel da web, tanto no contexto cultural quanto nos processos práticos da pesquisa metodológica. Com base nos textos das autoras Fragoso (2001); Recuero (2001); Amaral (2001), consideramos a natureza efêmera da rede mundial de computadores e sua relevância não apenas para a pesquisa bibliográfica, para a construção do corpo teórico deste trabalho, mas também na coleta de dados para as amostras no site do O Globo e nos exemplos obtidos por meio da rede social Facebook.

Por fim, foi no quarto capítulo que detalhamos a ideia da Teia Narrativa, como parte de um processo metodológico na seleção e avaliação de conteúdo, definindo sua estrutura física e simbólica, sendo utilizada como uma espécie de filtro em processos práticos de definição dos componentes de uma grande narrativa: a vinda do Papa Francisco ao Brasil. Neste capítulo, revelamos as bases nas quais nos amparamos para sugerir a ideia de Teia Narrativa, citando conceitos como rede, agenciamento e rizoma (DELEUZE; GUATTARI, 1995), além da Teoria do Ator Rede (LATOURE, 2005).

Expomos ainda no capítulo quatro a análise do material coletado no Jornal O Globo a partir das teorias e autores citados ao longo deste trabalho. Revelando onde estão presentes tanto as Estratégias de Transmídia elaboradas por Fecchine et al. (2012), como os princípios do jornalismo transmídia (MOLONEY, 2011) usados pelo O Globo diante da cultura da convergência, para se fazer presente nas mídias e plataformas onde estão os consumidores de informações. Apresentamos uma análise comparativa entre edições impressas e digitais, destacando características que as ligam e as tornam autônomas diante das demais publicações e do contexto macro de uma narrativa em formato de teia.

Nas Considerações Finais buscamos respostas para a problematização desta pesquisa, sobre a atualização do jornalismo como lugar de memória na sociedade contemporânea, por meio de questionamentos, dos diálogos entre os autores e o material coletado ao longo das pesquisas. Destacamos algumas alterações na prática jornalística empenhada em fortalecer os produtos para plataformas digitais e como esse processo tem ocorrido nos jornais por meio da integração das redações. Concluindo o trabalho reforçando o papel social do jornalismo de transformação social por meio de seu caráter prático de buscar informações, manter credibilidade e veicular de forma massiva notícias, levando em conta o caráter simbólico do jornalismo, de ser parte da memória coletiva da sociedade, armazenador de informações, lugar de memória, independentemente da plataforma ou mídia em que atua.

1 A COMUNICAÇÃO E A MEMÓRIA COMO ESTRATÉGIAS DE ASSIMILAR E TRANSMITIR O PASSADO

As palavras com as quais inicio agora este texto complementam o meu presente, mas em breve farão parte de um passado. Hoje representam o início de um percurso, mas tão logo serão apenas fragmentos de um tempo a ser resgatado em memória. No entanto, percorrer os trajetos entre passado e presente requer uma compreensão: A memória não guarda apenas histórias, fatos ocorridos. Guarda significados, essências construídas ao longo de vivências. Há memória palpável, há memória simbólica. Às vezes as duas perdem-se em meio ao tempo. E essa dinâmica vai além de concretos erguidos num presente perpetuado por histórias recontadas (NORA, 1984; RICOEUR, 2007).

Os contextos do presente são sempre originados em meio à ótica do passado, e as experiências oscilam dividindo a história da humanidade diante da construção da fenomenologia do tempo. Tudo passa pelo que já se viveu. Na concretude da vida, com provas materiais de ter havido tempo distinto do de agora. Mas também na construção de significados, erguidos sempre a partir das histórias vivenciadas. Nada chega ao presente, ou às expectativas em relação ao futuro, sem que o uso da memória esteja envolvido. Sem que o presente sirva de base para sustentar os derivados da memória. “A memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto” (NORA, 1984, p. 9).

Para diferenciar os termos memória e lembranças, seguiremos os pensamentos de Paul Ricoeur e Pierre Nora. Ao citar a utilização do plural da palavra lembranças, Ricoeur ressalta o caráter distinto do termo “memória”, a partir de Santo Agostinho. “As lembranças podem ser tratadas como formas discretas com margens mais ou menos precisas, que se destacam contra aquilo que poderíamos chamar de fundo memorial, com o qual podemos nos deleitar em estado de devaneio vago” (RICOEUR, 2007, p.41). Enquanto isso, Nora ressalta o caráter das lembranças como componentes indispensáveis para a construção da memória.

A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente (...) Porque é afetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confortam, ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censura ou projeções” (NORA, 1984, p4).

No século passado, o sociólogo Maurice Halbwachs (1990) admitiu essa relação do antes com o agora. Para o autor, tudo do que nos lembramos a respeito do passado está relacionado ao presente. Mais que isso, o pesquisador defendeu a ideia de que para lembrar-se de algo, o sujeito precisa de outrem. Ou seja, a memória individual está sempre ligada a memórias vivenciadas em grupos sociais. São essas as características do que o autor conceituou de “A Memória Coletiva”, termo que intitula o livro publicado por ele, após a sua morte em um campo de concentração nazista. Inserido nos debates filosóficos da época, foi ele quem mais contribuiu para se compreender o significado de memória. Sob as influências iniciais de Bergson, o Halbwachs começou a descrição de suas percepções a partir de abordagens filosóficas, mas depois seguiu os rumos da sociologia ao amparar-se em Durkheim e em sua herança sociológica.

O trabalho de Halbwachs (1990) nos diz que para se lembrar o sujeito precisa das lembranças dos outros com quem compartilha ou compartilhou momentos. As lembranças relacionam-se com as perspectivas práticas e morais da sociedade. É uma rede de interação social – hoje, inclusive, está inserida no ambiente digital – que permite ao indivíduo lembrar-se, construir memórias e significados a partir das vivências em grupos sociais. Neste âmbito, o autor traçou o conceito de quadros sociais da memória, justamente para revelar a sua tese de que não há uma memória exclusivamente individual, há sempre a presença de experiências em grupos quando se rememora algo (SANTOS, 1998).

Para Halbwachs (1990), cada vez que uma pessoa remonta um passado, longínquo ou não, as impressões construídas ali estão impregnadas de experiências e vivências tidas dentro dos grupos dos quais o sujeito faz ou fizera parte: família, escola, bairro, trabalho, partidos políticos. O autor vai além ao destacar a necessidade de atentar para os contextos sociais de onde se retiram os traços das recordações às quais se recorre na construção desta memória coletiva.

É difícil encontrar lembranças que nos levem a um momento em que nossas sensações fossem apenas o reflexo dos objetos exteriores, no qual não misturávamos nenhum das imagens, nenhum dos pensamentos que nos prendiam aos homens e aos grupos que nos rodeavam (HALBWACHS, 1990, p.38).

O jornalismo faz parte dessa rede de práticas sociais por meio da qual o sujeito interage com a sociedade. A produção de notícia aguça as discussões do presente, os problemas sociais, as mudanças culturais, as heranças genéticas, os processos

climáticos, e para isso remonta ao passado para contar fatos sociais. O leitor participa do processo midiático e se utiliza das lembranças para interpretar os fatos, elabora e descobre significados por meio da construção da memória.

A mídia ajuda a lembrar o que se passou, trazendo de volta à mente não apenas o que está nos textos, mas lembranças secundárias, sensações, afeto vivenciado tempos atrás. As informações publicadas estimulam essas construções. O leitor utiliza as informações veiculadas na imprensa para lembrar, é elemento chave nessa dinâmica de produção de memória social, já que utiliza o jornalismo como um marco testemunhal de fatos ocorridos, conforme as reflexões e Pierre Nora (essa questão será aprofundada no tópico 1.4).

Conforme Halbwachs (1990), os indivíduos constroem narrativas de suas vidas utilizando os resquícios de passado que sobrevivem na memória. Na visão do autor, o fato de cada indivíduo ter guiado seus dias em trajetórias únicas, diferencia também as recordações que cada um deles possui acerca de acontecimentos passados. A individualidade seria, portanto, a combinação das vivências sociais mantidas acesas ao longo da vida. Muitas das escolhas traduzidas em opiniões pessoais estão relacionadas ao caráter reflexivo do qual a memória também faz parte. O sujeito elabora suas decisões ao longo da vida sob os efeitos do que carrega na lembrança, de si e dos outros. Neste aspecto o papel dos grupos dos quais fez ou faz parte o indivíduo acaba se sobressaindo, ainda que seja nas histórias que precisa ou pretende esquecer para erguer suas veredas.

A construção da identidade está intrinsecamente relacionada à memória. É sempre com base nos acontecimentos passados, no que se lembra das suas histórias de vida que as pessoas constituem muitos dos elementos característicos de suas identidades. A partir da convivência com a família, na escola, nos diferenciados grupos inseridos nas comunidades o sujeito se elabora, ergue suas decisões, descobre seus gostos, as heranças de família mais presentes e aquelas mais distantes.

Se indivíduos constroem suas identidades mediante o uso da memória, esta é indissociável, por exemplo, da linguagem, que é uma construção social que antecede a existência destes indivíduos. Por outro lado, na medida em que indivíduos utilizam a linguagem, eles também são parte de sua manutenção e continuidade (SANTOS, 1998, p.7).

A ideia da memória coletiva torna-se um diferencial na área porque reflete o olhar exterior em torno das lembranças do indivíduo. Se antes os filósofos partiam de pressupostos do *eu* para falar de memória, Halbwachs (1990) se destaca ao aprofundar os questionamentos que rompem esse limite, reforçando a influência de outrem no ato de lembrar do sujeito.

Contudo, mesmo então, a originalidade das impressões ou dos pensamentos que sentimos não se explica por nossa espontaneidade natural, mas ‘pelos encontros em nós e correntes que têm uma realidade objetiva fora de nós’ (RICOEUR, 2007, p. 133).

Mas as associações de Halbwachs (1990), embora extremamente relevante na construção de inúmeras pesquisas, também encontram limites quando confrontadas com a amplitude que o termo memória nos propõe. Suas afirmações abrem precedentes tanto para questionamentos quanto para reflexões acerca dos significados e construções relacionadas ao termo. Primeiro de tudo porque o processo mnemônico é composto de variáveis diversas, dentre elas o “que” e o “quem” – lembrando, inclusive, o lead jornalístico. Na lida deste processo de produzir memória há um construtor no desenvolvimento da práxis, todavia, há também o objeto (não exatamente no sentido concreto) inserido nessa construção.

Paul Ricoeur (2007) – francês, herdeiro de bases filosóficas e autor de reflexões amparadas na filosofia analítica – vai problematizar o pensamento de Halbwachs, assim como de outros teóricos e filósofos que discorrem sobre a memória, em diversos sentidos, como a questão da “atribuição”. O ato de lembrar-se está sempre relacionado ao *eu*, já que comporta as vivências e experiências. Prova disso, cita o autor, é a forma como se apresenta a linguagem quando se trata dos verbos relacionados à memória: “a forma pronominal dos verbos de memória atesta essa aderência que faz com que lembrar-se de algo é lembra-se de si” (RICOEUR, 2007, p. 136). Para ele, os pensadores ligados à “tradição do olhar interior” tinham a facilidade de relacionar a memória à “esfera do si”.

Um exemplo é Santo Agostinho, que destaca em seus escritos a relevância de suas recordações sob aspectos de “tesouros” ao chamar de “vastos palácios da memória”.

Lá [nos palácios da memória] também estão armazenados todos os nossos pensamentos, quer aumentando, quer diminuindo, ou até alterando de algum modo o que nossos sentidos apanharam, e tudo o que aí depositamos, se ainda não foi sepultado ou absorvido no

esquecimento. Quando ali penetro, convoco todas as lembranças que quero. Algumas se apresentam de imediato, outras só após uma busca mais demorada, como se devessem ser extraídas de receptáculos mais recônditos. Outras irrompem em turbilhão e, quando se procura outra coisa, se interpõem como a dizer: “Não seremos nós que procuras?” Eu as afasto com a mão do espírito da frente da memória, até que se esclareça o que quero, surgindo do esconderijo para a vista (AGOSTINHO, 2007, p.95).

Então, sob a dualidade entre memória coletiva e memória individual, Ricoeur (2007) – sempre embasados por outros autores – questiona o fato de haver a necessidade de uma denominação possessiva sobre a quem pertence uma lembrança. Como se a memória tivesse um dono. Como se o fato de a memória ser construída por meio dos processos psíquicos de um indivíduo, a caracterizasse como posse desse sujeito, excluindo os demais componentes do grupo social do qual participa esse sujeito rememorador de algo.

Mais que questionar-se acerca das diferenças e semelhanças no que se refere às duas memórias, torna-se essencial compreender a existência de processos múltiplos da rememoração. Isso porque, embora reconheçam-se aspectos subjetivos no caráter da lembrança, da construção e significação da memória, é fato a existência das influências externas que fazem parte desse processo e, conforme Ricoeur, as influências de outrem nessas dinâmicas. Desde a antiguidade, existe a compreensão de uma espécie do que o autor vai chamar de “proximidade” entre o “indivíduo solitário” e o “cidadão definido pela sua contribuição à *politeia*, à vida e à ação da *polis*”. Essa mesma essência está presente na sociedade hodierna, por meio das práticas compartilhadas nos grupos sociais.

Tomando como base as abstrações o ator, uma assertiva prática relacionada a este trabalho é justamente esse entendimento acerca do indivíduo enquanto sujeito e enquanto cidadão. Quando ele rememora, ele une as suas experiências individuais ao que viveu em grupo. No caso prático do jornalismo, por exemplo, a estrutura apresentada em forma de produção de notícia é um gancho composto por dois lados: o relato de fatos sociais por meio de notícias é interpretado pelo leitor a partir de suas próprias vivências, mas também encarado e armazenado a partir das heranças obtidas por ele ao longo de vivências em grupos diferenciados da sociedade. É uma construção social absorvida por quem recebe a informação.

Todavia, “a coisa lembrada” também faz parte das diretrizes abordadas quanto aos complexos elementos que envolvem o conceito de memória. “O que” é lembrado esteve ao longo de séculos dentro dos questionamentos relacionados a esse assunto devido à naturalização de se compreender que há sempre alguém lembrando de algo, o “quem”.

A primeira expressão do caráter fragmentado dessa fenomenologia deve-se ao próprio caráter objetual da memória: lembramo-nos de alguma coisa. Neste sentido, seria preciso distinguir, na linguagem, a memória como visada e a lembrança como coisa visada (RICOEUR, 2007, p.41).

Na antiguidade clássica, a memória era tida como elemento mágico, “um segredo dos protegidos dos deuses greco-romanos.” Além disso, a memória foi associada à cosmogonia cristã e pagã e, na Idade média, às “representações do simbólico, da transcendência atemporal do ser e das coisas”. (Lopes, 2002, 4). Conforme o autor, o sentido original da palavra memória “seria a capacidade humana de guardar no cérebro impressões das experiências vividas”. Ele ainda divide essa capacidade em três níveis. No primeiro e no segundo níveis estão armazenadas as impressões referentes à própria identidade enquanto indivíduo de uma história, presente em um contexto social. No terceiro nível está a capacidade de lembrar os acontecimentos ocorridos durante o dia e ao mesmo tempo relembrar antigos momentos.

Por fim, Ecléa Bosi (1979), ao destacar o papel da memória da construção social, coloca os velhos num patamar destacado na sociedade – quando muitas vezes são esquecidos – porque os mesmos possuem um elemento indispensável para a formação de uma história: a memória. Os velhos possuem suas próprias histórias e junto delas a história de gerações, de comunidades que podiam estar esquecidas se não fossem as lembranças guardadas por eles. Ou seja, perpassa a autora, ainda que sem menções sobre o tema, a questão da coisa lembrada ao destacar o papel memória como uma função social.

1.1 ENTRE TELAS, PAPÉIS E LUGARES DE MEMÓRIA

Ao longo da vida, o sujeito constrói trajetórias, percorre caminhos unindo às questões subjetivas os traços sociais dos grupos aos quais está ou esteve inserido. É um percurso formado por lugares, que funcionam como uma espécie de referência para retornar ao passado mediante o recorrer às lembranças. Ao rememorar outros tempos, o indivíduo desloca sua consciência para outras épocas, mas também para outros lugares, geograficamente falando. O tempo da infância na escola, no quintal de casa; a juventude nos cinemas, nas praças históricas; as experiências tidas em outros bairros, cidades, países. Para contar a história de si – e muitas vezes a história do outro – o sujeito se volta a lugares de existência. Lugares que possuem relevâncias simbólicas justamente por serem ou terem sido espaços de práticas sociais (HALBWACHS, 1990; RICOEUR 2007).

Mas a noção de lugar como espaço vivo no processo de recorrer às lembranças ganha uma abordagem a mais na obra do autor francês Pierre Nora (1984), criador do termo “lugar de memória”, cunhado numa perspectiva “material, simbólica e funcional”, conforme o autor. Nora organizou uma coletânea de livros chamada *Le Lieux de mémoire*, relacionando lugares da França, espaços com significados patrimoniais para aquela Nação.

Em meio às páginas das publicações, o termo “lugar de memória” chamou a atenção de pesquisadores, sendo então inserido em reflexões acadêmicas ao longo das últimas décadas. Mas o próprio Nora não traz reflexões longas e explanatórias acerca do termo. Após certa disseminação da coletânea, o autor se voltou à escrita de uma espécie de introdução para tratar do assunto, quando escreveu em poucas dezenas de páginas algumas reflexões – sob o tópico *Entre memória e história: a problemática dos lugares* – acerca da memória e da história, onde insere suas análises e conceitos sobre os lugares de memória. Neste capítulo, nos interessa os argumentos do autor sobre a memória e seus lugares.

Os rastros deixados pela memória habitam o dia a dia de qualquer pessoa, enquanto indivíduo único, enquanto ator social. Fazem parte do concreto das cidades, em prédios, equipamentos públicos; mas também em “processos verbais”, nas histórias orais, nos livros, na produção de notícia. Constantemente, guarda-se ou esquece-se memória. Encontra-se ou perde-se memória. E essa dinâmica envolve aspectos materiais e simbólicos. Isso porque a construção da memória perpassa âmbitos

diferenciados da vida pública e privada do indivíduo. Os rastros e marcos da memória são processos muitas vezes informais de absorção e retorno ao passado – diferentemente do que ocorre com a história. E esses lugares de memória são exemplos concretos do que ficou do passado, todavia, representam também perspectivas simbólicas.

São lugares com efeito nos três sentidos da palavra, material, simbólico e funcional, simultaneamente, somente em graus diferentes. Mesmo um lugar de aparência puramente material, como um depósito de arquivos, só é lugar de memória se a imaginação o investe de uma aura simbólica. Mesmo um lugar puramente funcional, como um manual de aula, um testamento, uma associação de antigos combatentes, só entra na categoria se for objeto de um ritual. Mesmo um minuto de silêncio, que parece o exemplo extremo de uma significação simbólica, é ao mesmo tempo o recorte material de uma unidade temporal e serve, periodicamente, para uma chamada concentrada da lembrança. Os três aspectos coexistem sempre (NORA, 1984, p. 22).

Na prática jornalística essa perspectiva é clara, portanto, esses aspectos coexistem. Como parte do processo de construção da memória social e coletiva da sociedade, o jornalismo participa não apenas do registro dos fatos, mas colabora nas significações do que é veiculado. Diante dos afetos, experiências, heranças e valores sob as quais foram erguidas a sociedade, a imprensa é espaço de armazenamento de informação, é um dos elementos aos quais se recorre para se voltar ao passado, mas é também ambiente de construção de significados. Foi desde o início e continua sendo. E as características inseridas no processo de elaboração da notícia por meio dos avanços tecnológicos atribuí ao papel do jornalismo enquanto lugar de memória novas vertentes.

Essa dinâmica perpassa a construção da notícia, seja ela factual, sejam reportagens especiais com assuntos frios, aprofundados. Para cada texto, é constante o recorrer à memória, é crucial para o repórter legitimar o que diz no presente e um dos artifícios usados para isso são os documentos, dados e materiais apurados, produzidos e/ou veiculados tempos antes de sua construção presente.

Erguidos materialmente e simbolicamente na multiplicidade social, “os grandes acontecimentos” também representam, para Nora (1984) lugares de memória. E neste argumento, entra o papel de mídia de destacar momentos, panoramas, sentidos ao escolher o que veicular, de que forma veicular e produzir a notícia a ser levada à sociedade, às pessoas ausentes de muitos desses acontecimentos. Esses são dois aspectos relevantes quando nos deparamos com o objeto empírico desta pesquisa: A

Jornada Mundial da Juventude (JMJ Rio 2013) veiculada a partir da cobertura do Jornal O Globo sob a ótica da cultura da convergência. O acontecimento histórico, com a presença do papa Francisco, – em sua primeira visita internacional e recém-escolhido para o cargo a após o fato inédito da renúncia de um papa, Bento XVI – está no presente armazenado na memória das cerca de 3 milhões de pessoas que participaram, mas está também nas páginas dos jornais, sites e demais produtos tanto do O Globo como de outros periódicos.

Entre uma lembrança e outra do que ocorreu naquele julho de 2013, as pessoas constroem a memória coletiva daquele fato, rememoram as suas experiências, as vivências em seus grupos da Igreja, do colégio, do seu bairro. Tudo reunido resultando em memórias. Todavia, entre um texto e outro, uma galeria de fotos, uma reportagem O Globo também fazem parte da construção da memória, material e simbólica. Não dentro das perspectivas da história oficial de um acontecimento, amparados em memórias. Mais que isso, os produtos físicos estão ali para serem armazenados em arquivos concretos como rastros do passado, mas as informações, sob os vieses erguidos em cada informação, texto, gráfico, fotografia, possuem caráter de significação em meio à práxis jornalística. Vai além de estabelecer os critérios oficiais do que ocorreu naqueles dias de evento, ultrapassa o caráter formal ao identificar entre uma e outra informação a vivência de personagens, o comportamento dos fiéis, as particularidades do bairro, da rua, da praia.

Nora (1984) questiona-se: “Todo grande acontecimento e a própria noção de acontecimento não são, por definição, lugares de memória?” Em meio à resposta, o autor ressalta não a grandiosidade de fatos, mas as repercussões futuras de acontecimentos “ínfimos”, assim como os “sentidos simbólicos” de acontecimentos em que muitas vezes “nada acontece”. Ou seja, mais uma vez, torna-se claro ressaltar que não é exatamente a dimensão de um acontecimento que o faz lugar de memória, mas as implicações conferidas pelo indivíduo, pela sociedade em relação ao que representa para si e para os outros, para o grupo do qual participa; que resulta em sentidos para as crenças, valores, ideologias daquilo que acredita ou aprendeu a acreditar. Portanto, não é especificamente dos acontecimentos que nasce a memória, mas desses lugares de caráter representativo. Essa memória, diferentemente da história, que ampara-se e baseia-se em acontecimentos, não precisa ser legitimada, formalizada, como ocorre com a história. “(...) a memória pendura-se em lugares, como a história em acontecimentos” (NORA, 2007, p.25).

Na prática jornalística, o acontecimento real, aquele de interesse social, com caráter de informação, denúncia, explicação, pressupõe a produção de notícia, a partir dos desdobramentos e apurações alcançadas e dos sentidos dados pelo repórter ao que está registrado.

Real ou fictício, o acontecimento é a referência apropriada por uma sequência de enunciados cronologicamente ordenados, alterando-se a técnica de apropriação de acordo com o gênero em que se manifeste a narrativa. Na notícia, que é uma estratégia ou gênero discursivo essencialmente jornalístico o acontecimento referido obriga-se a ser verídico (real-histórico, portanto) e obedecer à técnica corrente da prática do jornal. O real da notícia é a sua ‘factualidade’, a sua condição de representar um *fato* por meio do *acontecimento* jornalístico (SODRÉ, 2009, p. 27).

Em meio a pressupostos filosóficos junto ao contexto da Comunicação Social, avalia-se o acontecimento representando não apenas atribuição de sentido a fatos sociais, mas também como construtor de um caráter possível a partir da atualidade de um fato. O acontecimento precisa não apenas ter esse viés de factualidade, mas é necessário ser ele notado pelo público. Por meio de abordagens de Quéré (2005)¹, Sodré vai pluralizar os acontecimento a partir de categorias, levando em conta seus poderes de afetar o indivíduo e de imbuir certas situações de aspectos que as individualizam. Ele vai além, ao problematizar a “unidade” do acontecimento, refletindo sobre o fato de a ocorrência não ser apreendida direta e por inteiro em nenhum momento.

Há, assim, grandes e pequenos acontecimentos, hierarquizados em razão de sua previsibilidade dentro de um sistema determinado. Macroacontecimentos, por exemplo, são o assassinato do Presidente Kennedy, a destruição por terroristas das torres gêmeas de Nova York, o *tsunami* no sul da Ásia, etc. Já o assassinato de um cidadão comum por terroristas, um terremoto de pequenas proporções, etc, são microacontecimentos (...) O sistema jornalístico agrega microfatos, diferentemente das grandes nomações feitas pelos historiadores (SODRÉ, 2009, p.34-35).

Quando fala sobre o acontecimento, Sodré, baseado nas reflexões de Goffman², destaca um “enquadramento técnico” para ressaltar a midiatização de acontecimentos. O

¹ QUÉRÉ, L. Entre facto e sentido: a dualidade do acontecimento. In: Revista *Trajectos*, 6, 2005, p. 59. Lisboa: Isce, 2005, p.59

² GOFFMAN, E. Les cadres de l’expérience. Paris: Minuit, 1991, p.19

termo está ligado à questão do *framing*³, “o ajuste de um fato a um quadro de referências”. Partindo desse pressuposto o enquadre de algo está ligado às referências que possuem certos grupos refletindo na atribuição de sentidos diante do modo de organizar sua “experiência social” em determinadas áreas da sociedade. A partir desse enquadre um problema social transforma-se em questão pública.

Mas quando se trata de sua inscrição no espaço público, a mídia aparece como o dispositivo de conversão do social ao público, já que a midiática é hoje o processo central de visibilização e produção dos fatos sociais na esfera pública. Por isso, o enquadramento midiático é a operação principal pela qual se seleciona, enfatiza e apresenta (logo, se *constrói*) o acontecimento (SODRÉ, 2009, p.38).

Esse cenário está todos os dias presentes na rotina jornalística de contribuir para a construção de sentidos sociais. Tanto no processo de midiática de acontecimentos, quanto na construção da memória coletiva, a partir de acontecimentos tornados públicos, armazenados e significados a partir da lógica de produção da notícia. Os acontecimentos atravessam o cotidiano midiático, transformando-se de acordo com aspectos variados, inclusive levando em conta os critérios de noticiabilidade, assim como agendamento de informações que pautam a discussão social – como lembra a Teoria do Agendamento –, interferindo também na construção da memória coletiva.

1.2 JORNALISMO COMO LUGAR DE MEMÓRIA E A NECESSIDADE DE VEICULAR PASSADO EM PRESENTE

Todo dia recorre-se ao passado. Para contar histórias de ficção ou fatos reais, a memória é o aparato fundamental. No jornalismo, embora as dinâmicas sejam diferenciadas de outras atividades cotidianas ou profissionais, é também imprescindível, na hora de relatar acontecimentos, voltar o olhar ao que passou. O presente exige do profissional um retorno ao passado, tanto para significar as suas informações, quanto para construir arcabouço histórico-cognitivo para a elaboração de matérias. É, portanto, em um sentido mais amplo que o caráter material que jornalismo ocupa-se do papel de lugar de memória. (PALACIOS, 2010).

³ Sodré explica que a palavra *framing* origina-se do termo *frame analysis*, introduzida pela canadense Goffman, explicando a forma como as pessoas reagem às situações sociais.

Na prática jornalística, enquanto rememora passados muitas vezes nem vivenciados por ele, o repórter retorna a tempos passados em busca de reconhecer os sentidos atribuídos a determinados acontecimentos. Mas há muitos lados nessa reminiscência: o repórter volta-se ao passado de construções sociais da memória, todavia, recorre às suas lembranças, em unidas em espécies de cachos, representam a memória de algo que vivenciou. Ao narrar um fato histórico, como a vinda do papa ao Brasil, o jornalista trabalha a partir da construção de uma memória individual criada por meio de recorrências a momentos vividos por ele mesmo em determinados grupos.

(...) o jornalismo é memória em ato, memória enraizada no concreto, no espaço, na imagem, no objeto, atualidade singularizada, presente vivido e transformado em notícia que amanhã será passado relatado. Um passado relatado que, no início, renovava-se a cada dia, e com o advento do rádio, da televisão e da web, tornou-se relato contínuo e ininterrupto, nas coberturas jornalísticas 24x7 (24 horas por dia, sete dias por semana) (PALACIOS, 2010, p. 40).

A mídia possuiu um grau de responsabilidade sobre essa formação de uma memória social. As tecnologias trouxeram às mídias a capacidade de armazenar informações em espaços enormes ou até ilimitados, como a *web*. A partir desse momento, a memória da imprensa tornou-se equipada de informações que fazem parte da construção de uma memória social, já que os meios de comunicação possuem desde seu nascimento a capacidade de ordenar fatos de interesse social e divulgá-los, armazenando-os. “(...) acredita-se que a televisão, os jornais e as revistas socialmente visíveis são fundamentais no mundo presente na representação de determinados aspectos retrospectivos da vida social brasileira”. (LOPES, 2002,01).

Mas o caráter do jornalismo enquanto lugar de memória atribui à prática esse espaço de agendamento de informações, seleção de conteúdo a serem explorados no futuro, ou mesmo no presente. Neste tempo de convergência, integração de redações impressas e digital, a durabilidade de uma informação foi alterada, assim como os espaços em que a notícia é armazenada. Para alcançar os adventos tecnológicos, que alteram os processos sociais, assim como a determinação dos sentidos e significação de fatos, as empresas jornalísticas optaram por adentrar em diferentes plataformas, diferenciado em linguagens conteúdos antes presentes prioritariamente no papel. Nasce a construção de uma memória numa perspectiva mais ampla, tendo em vista que o

repositório de conteúdo agora está multifacetado. A informação, que há alguns anos perdeu alguns aspectos de linearidade, passa a ser produzida, armazenada e significada em um formato que, neste trabalho, chamaremos de Teia Narrativa (assunto será abordado com mais detalhe no Capítulo 4).

Jacques Le Goff (1924) também enfoca o papel preponderante do passado, da memória social e coletiva na construção do presente e do futuro das sociedades ao longo dos séculos. Goff atenta para as implicações da memória na vida pública e privada dos indivíduos ao longo do desenvolvimento social do espaço urbano, destacando também o papel do jornalismo ao lidar com a História, com o passado diante de questões e reflexões acerca do presente e do passado. “Memória jornalística e diplomática: é a entrada em cena da opinião pública, nacional e internacional, que constrói também a sua própria memória” (GOFF, 1924, p. 397).

O autor – que se ocupa primordialmente da memória coletiva, foco abordado na História e na Antropologia – lembra que a imprensa tem papel relevante nessa dinâmica de contar a história e destaca que o aparecimento da imprensa “revolucionaria” a memória ocidental e para embasar e fortalecer a sua afirmativa, o pesquisador ainda cita Leroi-Gourhan:

Com o impresso... não só o leitor é colocado em presença de uma memória coletiva enorme, cuja matéria não é mais capaz de fixar integralmente, mas é frequentemente colocado em situação de explorar textos novos. Assiste-se então à exteriorização progressiva da memória individual; é do exterior que se faz o trabalho de orientação que está escrito no escrito (LEROI-GOURHAN, 1974, p. 69-70 *in* GOFF, 1924, p. 394).

E a memória é parte integrante dessa construção. Quando se trata do tema, Le Goff ressalta a atuação da imprensa e é claro ao afirmar que uma nova entrada do testemunho nos domínios da História, embora seja importante e decisiva para a sociedade, levanta problemas aos historiados a partir do desenvolvimento dos *media* e a evolução do jornalismo, justamente “pela vontade de colocar a explicação no lugar da narração”. (GOFF, 1924, p.5). O autor trata da construção do presente e expectativas acerca do futuro e enfatiza o papel de profissionais como o jornalista no trato com a memória.

Tem, portanto, o jornalista, seja em qualquer uma das plataformas ou estruturas nas quais atua, seu papel também preponderante ao lidar com a memória, ao destacar

em textos fatos do passado, o que muitas vezes não ganha foco dentro da narrativa jornalística que, por falta de tempo, de experiência profissional, espaço ou pesquisas mais intensas, deixam de lado dados primordiais para dar um caráter completo e coerente às histórias reais.

Para Nora (1984), a memória é sempre um fenômeno atual e possui como marcos testemunhais elementos como museus, arquivos, cemitérios, festas, tratados, processos verbais, monumentos, etc. Esses elementos, conforme o autor, são tidos como “as ilusões da eternidade” justamente porque remontam a outras épocas. “Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações” (NORA, 1984, p.13).

Pio (2005) vai lembrar que, atuando simbólica e reflexivamente, as matérias de jornais criam modos de interação, alterando alguns modos de sociabilidade, o que para o autor reflete num “dever de memória”. Pio (2005) acrescenta ainda que essas matérias agem sobre a natureza histórica da sociedade contemporânea, construindo não apenas a História, mas também seus significados.

Este passado cada vez mais presente torna esta era singular em relação ao contexto social anterior. É neste contexto sociocultural que se estabelece a revisão da modernidade na sua relação com a memória, por meio de um “reencontro” com o passado (...) a sociedade contemporânea tende a desenvolver uma hipervalorização do passado e uma revisão das fronteiras entre passado e o presente (PIO, 2005, p.85).

Tem-se, portanto, a noção de que não há como se narrar o presente sem recorrer ao passado. Ainda que houvesse, é a construção harmônica entre o tempo presente e os aprendizados e exemplos do passado o caminho para um jornalismo sólido, embasado nas marcas que se foram, mas que deixaram nos “marcos testemunhais”, propostos por Nora (1984, p.13), os significados dos acontecimentos. Há de se transmitir o passado para que a construção do presente ocorra a partir do caráter social e simbólico dos fatos de outrora. É a reunião de aspectos desse nível o aprofundamento pertinente e necessário para que as veiculações, sejam impressas, online, televisivas, radiofônicas, mais que mera contação de fatos reais, mas, além disso, percepção e construção de significados.

Muda seria a experiência temporal caso não houvesse como narrar o mundo, é o que diz Letícia Cantarela Matheus (2009), baseada nos estudos de Paul Ricoeur. E o

jornalismo está inserido nesse papel de contar histórias, narrar para leitores fatos levando em conta também questões ligadas à temporalidade do acontecimento. Visto como um conjunto de práticas comunicacionais, que complementam circuitos mais amplos de representação, entende-se jornalismo como um conjunto de narrativas compartilhadas cotidianamente por uma massa de indivíduos, tendo como condição sua periodicidade e o alargamento da esfera pública. (MATHEUS, 2009, p.6). Hoje, esse aspecto narrativo do jornalismo precisa perpassar formatos, plataformas para chegar onde o leitor se encontra.

1.3 (CIBER)ESPAÇO DE MEMÓRIA: A NOTÍCIA ENTRA NA REDE

É a experiência temporal um pré-requisito para se narrar o mundo, se contar fatos. Transmitir histórias faz parte do desenrolar das narrativas, e o jornalismo está inserido nesse papel de transmitir à sociedade as histórias reais, levando em conta também questões ligadas à temporalidade do acontecimento. O elemento chave para isso é a notícia, uma espécie de narrativa que ganha vertentes, linguagens, formatos e abrangências diferenciados a partir das constantes transformações tecnológicas e sociais. No entanto, mais que um caráter estrutural, cada notícia, se avaliada de perto, carrega um caráter ideológico advindo de múltiplas direções. Entretanto, mantém, em meio às metamorfoses estruturais e linguísticas, o papel de informar.

Conforme Sodré (2009), a notícia dá à sociedade a possibilidade de acesso argumentativo aos fatos sociais. Isso porque a sua essência é reunir relatos sobre um acontecimento em uma produção capaz não apenas de chegar ao leitor, mas de o fazer assimilar as informações e atribuir sentido ao que está sendo narrado.

Assim a *notícia*, a anglo-saxônica *News of the day*, constitui-se como relato (micronarrativo) de um acontecimento factual, ou seja, inscrito na realidade histórica e, logo, suscetível de comprovação (...) Esta [*notícia factual*] implica a construção do acontecimento segundos os parâmetros jornalísticos de tratamento do fato, ou seja, uma prática que comporta apuração de dados e informações, entrevistas, redação e edição de texto. A dimensão ‘construtivista’ deixa ver que se trata mesmo de uma *interpretação singularizante* do fato – um processo ordenado de versões – em função da ‘cultura’ jornalística, isto é, B do

conjunto de regras, hábitos e convenções que estruturam o campo profissional da imprensa (SODRÉ, 2009, p. 71).

Acontece que esses caracteres interpretativos, ideológicos, estruturais da notícia ganham mais possibilidades com a inserção da Internet comercial no Brasil, que em 2015 celebra 20 anos. São apenas duas décadas, mas as adaptações, alterações, avanços, declínios, ganhos e perdas somam milhares ao longo desse tempo. Com a ferramenta, foram transformados aspectos dos cenários econômico, social, político, cultural do País, portanto, interferiu na lógica de produção da notícia. A Internet tornou-se um meio de socialização, e o jornalismo precisou se adequar às exigências de novos suportes: as redes telemáticas. Palacios e Mielniczuk (2002) lembra que a Internet passa a ser utilizada de forma relevante no contexto jornalístico no mesmo instante em que torna-se comercialmente importante. Por ser um meio multimídia, a Internet requer do texto jornalístico elementos peculiares que o tornem eficiente diante dos leitores específicos da rede, os internautas.

Inserir a referbencia desse autor na lista! Seguir sistema autor data. Na Internet, a convergência entre texto, imagem e som tem sido a marca do jornalismo online que surge no início do século 21. Por reunir e explorar todas as potencialidades dos demais meios, o jornalismo online representa uma revolução no modelo de produção e distribuição de notícias vivenciado pelo jornalismo impresso. (SBARTELOTTO, 2006, p.56).

No jornalismo digital as tecnologias de comunicação desempenham funções fundamentais nos processos de produção, disseminação e utilização da informação, tornando-se parte integrante do conjunto da prática jornalística contemporânea. O nascimento do jornalismo digital é uma forma de prática social integrante da Cibercultura, definida por Pierre Lévy (1999) como “o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente como crescimento do ciberespaço” (LÉVY, 1999, p.17). No romance de ficção científica, *Neuromante*, de William Gibson, de 1984, ciberespaço é tido como “o universo das redes digitais descrito como campo de batalha entre as multinacionais, palco de conflitos mundiais, nova fronteira econômica e cultural”. (LÉVY, 1999, p. 92). É neste ambiente, apesar dos avanços registrados ao longo dos anos, que a prática jornalística se desenvolve, com a inserção de estratégias destinadas a

alcançar a sociedade em suas distintas necessidades, sejam elas materiais ou simbólicas, como o próprio armazenamento de informações que pressupõe a construção da memória coletiva. Foi o próprio Lévy quem afirmou que a digitalização das informações tornaria o ciberespaço “o principal canal de comunicação e suporte de memória da humanidade”.

O espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores. Essa definição inclui o conjunto dos sistemas de comunicação eletrônicos (aí incluídos os conjuntos de redes hertzianas e telefônicas clássicas), na medida em que transmitem informações provenientes de fontes digitais ou destinadas à digitalização (LÉVY, 1999, p. 92).

Destacando a adaptação da prática do jornalismo digital, John Pavlik (2001) delimita três fases da produção do jornalismo na Internet. Na primeira fase, de acordo com Palacios (2003), são predominantes os sítios que publicam material editorial produzidos com exclusividade para as edições em outros meios. Nesse momento inicial, a prática do jornalismo na *web* era completamente atrelada às formas de elaboração do jornal impresso. Parte do conteúdo utilizado do jornal diário era também disponibilizado na rede e atualizado a cada 24 horas, de acordo com a produção do jornal impresso.

Em um segundo momento, as características disponibilizadas pela Internet começam a fazer parte da produção do jornalismo para a web. Mesmo utilizando como base o jornal impresso, as publicações digitais passam a explorar o espaço digital, tais como *links* com chamadas para as notícias de fatos que acontecem entre uma edição e outra (PALACIOS, 2003). Além disso, o autor cita a utilização de e-mails como forma de interação entre jornalista e leitor e as seções ‘últimas notícias’. O autor destaca ainda nessa fase a vinculação do jornalismo digital ao jornalismo impresso e às empresas jornalísticas que já possuem uma credibilidade e rentabilidade solidificadas no meio impresso. Algumas mudanças começam a ocorrer quando empresas preocupam-se com versões para Internet de jornais impressos. Destacando as funções da Internet, os produtos jornalísticos passam a apresentar:

Recursos em multimídia, como sons e animações, que enriquecem a narrativa jornalística; recursos de interatividade como *chats* com a participação de personalidades públicas, enquetes fóruns de discussões; opções para a configuração do produto de acordo com interesses pessoais de cada leitor/usuário; a utilização do hipertexto

não apenas como um recurso de organização das informações da edição, mas também como uma possibilidade na narrativa jornalística de fatos; atualização contínua no webjornal e não apenas na seção ‘últimas notícias’ (PALACIOS, 2003, p.50).

Recorda Carla Schwingel (2005) que o jornalismo digital em sua geração quatro “consolidaria a utilização de bancos de dados complexos (relacionais, voltados a objetos) através da utilização de ferramentas automatizadas e diferenciadas (sistemas para a apuração, a edição e veiculação das informações) na produção de produtos jornalísticos” (SCHWINGEL, 2005, p. 10).

Nesta quarta geração, a imprensa iria unir jornalistas e profissionais de informática na criação de sistemas que fossem utilizados na produção e veiculação de informações. Seriam usados nessa geração do jornalismo digital, segundo Schwingel (2005), as tecnologias Twiki⁴, PHP⁵ em ambientes como os chats e fóruns da web através das plataformas da web, e-mail e waps⁶. Tudo isso mostra a atualização pela qual o jornalismo precisa passar se desejar atuar junto às novas tecnologias, em constante mudança. Em uma quarta geração citada por Canavilhas (2013), entram na dinâmica do jornalismo a inserção dos celulares e *tablets* na lógica de produção e recepção da notícia.

Atualizam-se os sistemas, e a notícia ganha mais abrangências e formas de disseminação, com diferentes aspectos e abordagens quando sua dimensão aumenta e passa chega ao ciberespaço. Modificam-se, então, alguns cenários, tanto da elaboração, emissão, quanto na recepção de informações. O próprio caráter de armazenador de dados sobre fatos, assim como o caráter do jornalismo na construção da memória social ganha novos aspectos. Autores como Palacios (2003), Bardoel e Deuze (2001), Recuero (2003) destacaram em publicações abrangências, contextos, perspectivas e estruturas da prática jornalística na *web*.

⁴ De acordo com o site do projeto software livre da Bahia, TWiki é um ambiente de escrita colaborativa na web. Um Wiki uma ferramenta que permite manter páginas na internet usando apenas o navegador, numa metodologia onde várias pessoas podem participar do desenvolvimento do conteúdo.

⁵ O site Criarweb define PHP (Hipertext Preprocessor) como uma linguagem de programação do lado do servidor gratuito e independente de plataforma, rápido, com uma grande livreria de funções e muita documentação.

⁶ Wap (Wireless Application Protocol ou Protocolo de Aplicação sem Fio) é definido no site da Pontifca Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RIO) como uma tecnologia que permite o acesso à Internet através de aparelhos portáteis como celulares e *handhelds*, os quais devem estar capacitados a utilizar WAP.

Estão na lista de autores que retratam as mudanças na elaboração da notícia com a inserção da Internet no cotidiano da redação, características como hipertextualidade, multimídia, interatividade, personalização, instantaneidade. (BARDOEL e DEUZE 2000; PALACIOS 2003). Os elementos mencionados acima notoriamente não são novos dentro do ambiente da comunicação, já foram utilizados pelo rádio, TV e jornal impresso. (PALACIOS; MIELNICZUK, 2002). Essas características podem ser apresentadas de maneiras e intensidades diversificadas, dependendo da necessidade de cada site, empresa, ou de cada público.

A *hipertextualidade* é a possibilidade de ligação entre vários textos por meio de *links*, com a possibilidade do surgimento de outros textos relacionados à informação. São textos que tratam do mesmo assunto que a notícia inicial, mas que estão localizadas em páginas diferentes. É através do clique no endereço *linkado* que novas abordagens surgem para o leitor que tem a escolha de pesquisar em um texto muito grande, o hipertexto (Bardoel e Deuze 2001).

Palacios (2003) coloca a Multimídia / Convergência⁷ como a condensação das mídias tradicionais como a imagem, o som e o texto na produção da notícia. O autor afirma que essa convergência se torna possível devido “a digitalização da informação e sua posterior circulação/ou disponibilização em múltiplas plataformas e suportes, numa situação de agregação e complementaridade” (PALACIOS, 2003, p. 02).

A *Interatividade*, de acordo com o trabalho apresentado por Bardoel e Deuze (2001), é a troca de informações entre o leitor e o jornalista que têm como canal a notícia publicada na web. Essa interação ocorre por meio de *chats*, e-mails ou fóruns. O leitor se sente parte do processo de produção da notícia. Ao se conectar à internet e acessar produtos jornalísticos o internauta estabelece três tipos de relações: relação com a máquina; com a própria publicação e com as outras pessoas que fazem parte do processo, sejam os autores ou outros leitores.

A *Personalização ou Customização* são as opções de configuração de determinados ambientes da web seguindo o gosto do usuário. Isso pode acontecer em blogs jornalísticos e em sites de notícias que “permitem a pré-seleção dos assuntos, bem como a sua hierarquização e escolha de formato de apresentação visual (diagramação)”. (PALACIOS, 2003, p. 03). Dessa forma alguns sites estão de acordo com as preferências de cada usuário.

⁷ O termo Convergência neste parágrafo ainda não é utilizado da forma aprofundada como trata Jenkins (2006) na Cultura da Convergência, cenário a ser detalhado no Capítulo 2.

A *Memória* na Internet torna-se coletiva, e o armazenamento de informações é mais fácil devido à hiperligação que existe entre os muitos textos da rede. Com a disponibilização de informações de banco de dados na memória da web podemos entender os fatos passados através da relação com os fatos atuais. Essa relação é possível porque como já foi dito, a Internet é baseada no sistema de hipertexto. (PALACIOS, 2003).

Da mesma forma que a ‘quebra dos limites físicos’ na web possibilita a utilização de um espaço praticamente ilimitado para disponibilização de material noticioso, sob os mais variados formatos (multi) mediáticos, abre-se a possibilidade de disponibilização online de toda informação anteriormente produzida e armazenada, através da criação de arquivos digitais, com sistemas sofisticados de indexação e recuperação da informação (PALACIOS, 2003, p.25).

A memória torna-se um componente importante na prática do jornalismo digital, pois a rede possui a capacidade de armazenar dados numa dimensão em que o espaço não é um empecilho como no jornalismo impresso que precisa armazenar preocupando-se com o espaço. Além disso, na internet, o próprio jornalista tem a seu dispor um imenso banco de dados para pesquisa. Dessa forma, o armazenamento de informações, assim como o tempo na produção online, não é mais um componente que dificulta o trabalho do jornalismo (PALACIOS; MIELZICZUK, 2002).

As tecnologias telemáticas juntamente com a digitalização da informação proporcionaram ao usuário da internet a rapidez da produção e veiculação de informações. Com esses atributos tornou-se mais ágil a atualização do material produzido no jornalismo digital. Surge com isso a característica do jornalismo digital citada por Palacios (2003), *Instantaneidade / Atualização Contínua*.

1.4 RASTROS DA COMUNICAÇÃO: DE MCLUHAN À PIRÂMIDE DEITADA

O processo comunicacional atravessa constantes limites, rompe fronteiras. Se antes as pessoas se reuniam em rodas de conversas e passaram a circundar aparelhos como rádio e TV, para assistir, debater, informar-se, há alguns anos, elas postam-se nos silêncios de seus cômodos solitários para reunirem-se com milhões de indivíduos ao redor do mundo. Desde a antiguidade, os meios disponíveis para comunicar-se condicionam mensagens, e com o advento da eletricidade, o mundo passou a agrupar-se

em torno de assuntos que tornaram-se em comum ainda que diante de práticas sociais, culturais, religiosas distintas.

Quando a Internet ainda não era uma realidade comercial, a ideia de uma “aldeia global”, do canadense Marshall McLuhan (1972), refletia sobre a relação das pessoas com os meios de comunicação e as consequências na sociedade da inserção desses meios no dia a dia. Para o autor, essa possibilidade de difundir informações a ambientes e culturas diversificadas, globalizando não apenas informações, mas modos de vida, concerne aos meios de comunicação um papel de referência na sociedade. Os distintos lados do globo estavam reunidos em ideologias, sentidos e práticas culturais difundidas em forma de programações. Tempo e espaço ganharam novos sentidos, e as perspectivas sociais de interação passaram a ser não apenas praticadas, mas encaradas de formas diferentes. O advento da eletricidade tornou os meios de comunicação uma espécie de parte do ser humano, ampliando os sentidos (físicos e perceptivos) e as possibilidades humanas, tanto na vida pública quanto privada. “Eletricamente contraído, o globo já não é mais do que uma vila. A velocidade elétrica, aglutinando todas as funções sociais e políticas numa súbita implosão, elevou a consciência humana de responsabilidade a um grau dos mais intensos” (MCLUHAN, 1964, p.19). Em sua obra anterior, o pesquisador reforça a ideia da interdependência da humanidade em relação às possibilidades trazidas junto à eletricidade:

Ao invés de transformar-se em uma vasta biblioteca alexandrina, o mundo converteu-se num computador, num cérebro eletrônico, exatamente como numa peça infantil de ficção científica. E como nossos sentidos saíram para fora de nós, o Grande Irmão [o autor faz alusão ao Big Brother da obra de George Orwell] entrou, tomando-lhes o lugar. Deste modo, a menos que tenhamos consciência dessa dinâmica, entraremos numa fase de terror pânico, perfeitamente característica de um pequeno mundo ressonante de tambores tribais, de total interdependência e de forçada coexistência (MCLUHAN, 1972, p.50).

Sem querer (ou mesmo, sem poder) encarar o dia a dia longe dos meios de comunicação, os indivíduos passaram a alterar as suas práticas sociais, refletindo na construção de sentidos em relação a si, aos outros, ao mundo concreto e às abstrações relacionadas às suas subjetividades. Mudam os aspectos do individualismo, altera-se o caráter da vida pública, e o processo de construção da memória coletiva também ganha

características, tanto em seu caráter material quanto simbólico. Avançam as tecnologias, e os meios de comunicação correm para alcançar as mudanças sociais. É uma espécie de círculo, em que a relação entre homem e máquina, altera a ambos, no sentido prático, no sentido simbólico. Linguagens, formatos, papéis entram em uma dinâmica, e para alcançar esse movimento novas mudanças nova são criadas/percebidas.

Estamos nos aproximando rapidamente da fase final das extensões do homem: a simulação tecnológica da consciência, pela qual o processo criativo do conhecimento se estenderá coletiva e corporativamente a toda a sociedade humana, tal como já se fez com nossos sentidos e nossos nervos através dos diversos meios e veículos (MCLUHAN, 2001, p.17).

As reflexões de McLuhan (2001), descritas e problematizadas há mais de 50 anos são hoje referência quando se trata de Internet. Essa globalização de hábitos e sentidos, em meio a toda a sua pluralidade, é uma constante desde o advento da Internet comercial. A aldeia do canadense – muito contestada por diferentes pesquisadores, viés o qual não vamos entrar neste trabalho – ganhou mais componentes, mais robustez. Agora, há muito mais gente em torno dos círculos de convivência, das redes de informação, do consumo de afeto. Na *web*, os limites ainda não contestáveis, e a naturalização de significados outrora distantes ocorre de forma muito mais rápida, atinge muito mais pessoas, e influencia muito mais práticas culturais, econômica, religiosas e sociais. Em muitos momentos, as pessoas já não sabem de onde vem uma informação, o que representa uma ideologia, a que se deve uma postura, mas conectadas por meio de redes de relacionamentos digitais criam comportamentos que são reflexos de hábitos e costumes absorvidos de onde jamais saberão.

A condensação de conteúdos por parte da mídia, e seu papel de transformar em linguagem consumível muitas informações, dá aos meios de comunicação esse caráter agregador de pessoas em torno de assuntos, sentimentos, comoções, ideias e posturas, refletindo nas práticas sociais. Mais que isso, a necessidade do indivíduo de ter vazios preenchidos – não apenas vazios da alma, mas espaços no cotidiano de hábitos e pensamentos – dá ao mercado o poder de transformar a tecnologia em uma das necessidades mais necessárias para o ser humano. Hoje, estar fora dessa aldeia global da *web* é estar fora de debates, fora de decisões, de histórias, fora de moda. Longe de um eixo. McLuhan (1972) percebeu, há décadas, ao citar aquele tempo como a Idade da

Angústia “que obriga ao comprometimento e à participação independentemente de qualquer ‘ponto de vista’” (p. 19).

As práticas e comunicação, para McLuhan, se estruturam em torno do eixo formado pelas mídias disponíveis para o estabelecimento das relações entre as pessoas, o que faz da mídia a protagonista dos atos de comunicação, ao redor da qual gravitam os outros elementos, articulando-se conforme a tecnologia da informação disponível no momento (MARTINO, 2014 p. 193).

Há muito, diferentes sistemas sociais configuram-se a partir do que propõem os meios de comunicação. As relações sociais, pessoais; os hábitos religiosos, culturais; os comportamentos no seio familiar, na escola, no partido político têm, não em todos, mas em muitos aspectos, alguns sentidos transmitidos a partir das mensagens produzidas pelos meios de comunicação. E muito dos resultados estão ligados às diferenças desses meios, já que possuem formatos, linguagens, essências e alcance diferenciados. E as características de cada um refletem não apenas na produção da mensagem, mas também na recepção do que é enviado por esse meio. Tanto que McLuhan (1972) ressalta – embora em uma visão, muitas vezes, até distorcida de tão incisiva – que o meio é a mensagem, justamente por compreender esse caráter de influenciar as práticas sociais e relações pessoais que cada um deles possui. “Pois a ‘mensagem’ de qualquer meio ou tecnologia é a mudança de escala, cadência ou padrão que esse meio ou tecnologia introduz nas coisas humanas” (p.22).

E é também por meio dessa apropriação dos meios de comunicação por parte do homem, e da inserção dos reflexos da mídia no seio social, que as informações pautam, agendam, não apenas os debates, mas até mesmo as rotinas e sentidos dados a determinados acontecimentos sociais. Ao pautar, aguçam-se as lembranças, recorre-se à memória. A teoria do agendamento, ou *agenda setting*, que surgiu nos Estados Unidos na década de 1970, ressalta esse papel dos meios de comunicação de completarem o dia a dia do homem. A essência do *agenda setting* está na ideia de que os meios de comunicação são responsáveis pelo agendamento da sociedade, portanto, é baseando-se nas veiculações da mídia que as pessoas pautam suas conversas.

A teoria do *agenda setting* nasceu como uma contestação da teoria dos efeitos limitados, que se destacava entre as décadas de 1930 e 1940. Os pontos definidos nessa teoria não é a manipulação com mudanças de atitudes, afirmou Wolf (2002), mas a

influência exercida pela mídia sobre as pessoas e suas agendas do cotidiano. A eficácia da teoria é mantida, mas é tida de uma forma não mais tão determinista, entretanto a consciência pública desse papel que possui a mídia de influenciar os indivíduos contribui para diminuir a eficácia da teoria, mas que se faz presente no âmbito do jornalismo digital, hoje muito pautado nas interações possibilitadas a partir das redes sociais digitais, por exemplo.

Muitas vezes, o cotidiano das redações integradas, que hoje une a produção de texto impresso e digital, é pautado pelas informações da maioria das mídias, e os assuntos são discutidos em tópicos de comentários, fóruns, além de serem literalmente compartilhados por meio da *web*. A colocação de assuntos nos sites jornalísticos obedece à questão do agendamento dos assuntos das pessoas, – que deixam seus comentários e participam de debates na rede. As próprias mídias sociais das empresas jornalísticas agem como canais por meio dos quais o leitor deixa sua opinião e está agendando seu “comentário” de acordo com aquilo que foi pautado pela mídia ou que em breve pautará um novo assunto, dará viés a um tema polêmico, dentre outras possibilidades.

Na lógica da convergência (tema sobre o qual iremos tratar com profundidade no capítulo 2), o agendamento é alterado diante das possibilidades advindas com a Internet, que agora não precisa de limitações extremas de espaço como ocorria na mídia impressa, televisiva. No dia a dia das grandes redações, inclusive, o material que há alguns anos seria descartado por falta de espaço ou diante os critérios de noticiabilidade, agora podem ser postados na *web*. Além disso, se antes o editor precisava descartar uma matéria em função da outra, existe a possibilidade de a mídia impressa levar o leitor a continuar a leitura de um material na Internet, por meio das ferramentas “leia mais” ou “confira material exclusivo no site”.

Neste mesmo cenário da *web*, enfatiza Canavilhas (2006), as informações antes dispostas em forma de uma pirâmide invertida, agora ganha novos aspectos. Na lógica da pirâmide invertida – nome dado por Edwin L. Shuman –, as informações principais devem vir em primeiro lugar no texto jornalístico, respondendo às perguntas mais indispensáveis para se elaborar a notícia: “o quê, quem, onde, como, quando e por quê”, seguidos dos dados complementares dispostos em blocos decrescentes de interesse. Essa técnica nasceu nos Estados Unidos, em meio à Guerra da Secessão, já que os telégrafos, principais meios de comunicação à distancia da época, era alvos constantes das tropas. Para agilizar o trabalho e dar segurança às informações, os dados principais passaram a

ser enviados prioritariamente. Decai, então, forma cronológica de se contar um fato, como ocorria até então.

Décadas mais tarde, com o advento do jornalismo digital, essa lógica de organização das informações ganha novas vertentes, tendo em vista que o espaço agora não tem mais os limites antes imputados pelo papel. Além disso, as inúmeras possibilidades disponíveis no ambiente digital atraem mecanismos variados para se contar um fato, para se elaborar notícias. A capacidade de unir mídias, linguagens, formatos, experiências variadas na web, pode alterar a forma como os dados são organizados. Nasce, então, a estratégia da pirâmide deitada, sugestão de João Canavilhas (2006) com quatro níveis de leitura:

Na primeira, a *Unidade Base*, o lead, responderá aos questionamentos já conhecidos, O quê, Quando, Quem e Onde. Aqui, o autor sugere o formato do texto de última hora, que pode evoluir para algo mais elaborado. O *Nível de Explicação* responde ao Por Quê e ao Como, completando a informação essencial sobre o acontecimento, enquanto no *Nível de Contextualização* há mais informação ofertada ao leitor, que pode ser em formato textual, vídeo, som ou infografia animada. O último, *Nível de Exploração*, liga a notícia ao arquivo da publicação ou a arquivos externos.

À lógica organizativa assente na “importância” dos factos deve suceder uma outra assente na quantidade de informação oferecida aos leitores. Se o eixo vertical que vai do vértice superior à base da pirâmide invertida significa que o topo é mais importante que a base, então a pirâmide deve mudar de posição, procurando-se desta forma fugir à hierarquização da notícia em função da importância dos factos relatados (CANAVILHAS, 2006 p. 13).

Embora no dia a dia da redação o modelo da pirâmide invertida é realidade, tendo em vista a produção de conteúdos para plataformas, impressas, assim como a necessidade de agilidade destinada à alimentação dos portais de notícia, sempre obstinados por “publicar primeiro” que o concorrente as informações, a técnica da pirâmide deitada é uma saída diante das necessidades que possuem as empresas jornalísticas de atrair leitores, mas os manterem em seus sites.

Em suma, a pirâmide deitada é uma técnica libertadora para utilizadores, mas também para os jornalistas. Se o utilizador tem a possibilidade de navegar dentro da notícia, fazendo uma leitura pessoal, o jornalista tem ao seu dispor um conjunto de recursos estilísticos que, em conjunto com novos conteúdos multimédia,

permitem reinventar o webjornalismo em cada nova notícia (CANAVILHAS, 2006, p.16).

Os reflexos dos múltiplos cenários possibilitados ao jornalismo pelo advento da Internet transparecem na atividade, refletindo em outras práticas sociais, como a construção da memória coletiva. Em meio a linguagens diferenciadas, estratégias distintas e formatos plurais de se levar informação ao leitor, a Cultura da Convergência (JENKINS, 2007) entra em cena, alterando o caráter de produção e de recepção da notícia, levando às redações a necessidade de se chegar ao leitor por meio de múltiplos canais. Quando essa dinâmica é avaliada de forma macro, a partir de seus sentidos e significados, em formato de base heterogênea, encontramos, na reunião de possibilidades – textos, fotos, gráficos –, uma estrutura formada, provavelmente a partir de experimentos nascidos com integração de redações (estrutura para escrita de matérias para plataformas digital e impressa). Então, nesse ambiente, a construção da memória coletiva também é perpassada por uma espécie de sistema, que reúne peças autônomas, mas também interdependentes, para se contar uma história real, um fato. É quando todo o material produzido, nas distintas plataformas, sobre um determinado assunto é reunido em uma espécie de narrativa, um formato semelhante a uma teia, onde, a partir de agora a memória também passa a ser, guardada, construída.

2 A CULTURA DA REDAÇÃO E O CENÁRIO DA CONVERGÊNCIA

A humanidade rompe fronteiras diariamente, dinamiza fatos. E, ao mesmo tempo em que altera significados e práticas sociais, abre espaço para a disseminação de novas formas culturais. As histórias – de pessoas, de lugares – se cruzam, e a troca de experiências dá início a uma ramificação incontável de processos que irão culminar em aberturas, rupturas; transformações sociais. A inserção dos meios digitais no cotidiano é um exemplo dessa rota de mudanças, que alterou não apenas as formas de atuar em setores distintos da vida social, mas influenciou na costura de valores e tradições de povos do mundo inteiro. Bastam alguns cliques, e histórias começam ser alteradas, culturas convergem-se. “Bienvenidos al mundo del cambio permanente: el mundo que ya no está definido por las máquinas industriales pesadas, que casi no mutan, sino por software que está siempre en flujo” (MANOVICH, 2009, p.4).

O hodierno cenário midiático une homem e máquina numa perspectiva prática rodeada de ferramentas que refletem as mudanças culturais às quais estamos sujeitos cada vez que ligamos a TV, o computador, o *smarthphone*, o *tablet*. Máquina e mente se confundem diante da dinâmica midiática digital contemporânea. Mas isso não é novo. A novidade é a forma como essa relação se dá, diante de distintos cenários e processos práticos que originam significados diversos mediante a costura de culturas e vivências. Por trás de cada computador, uma infinidade de *softwares* comanda processos os quais serão seguidos pelo homem para formar e ser formado, para criar e consumir, por exemplo. Mais rotas são traçadas e guiam práticas no seio social, com perspectivas e significados distintos.

La cultura digital tiende a hacer modular el contenido, es decir, a dejar que los usuarios creen, distribuyan y re-usen partes de “contenido” a diferentes escalas (animaciones en secuencia como fondo de un video, objetos 3D para crear animaciones 3D complejas, partes de código para usarse en sitios Web y blogs, etc.) Esta modularidad va de la mano con el principio fundamental de la ingeniería de software moderna de diseñar programas a partir de pequeñas partes reutilizables, llamadas funciones o procedimientos (MANOVICH, 2009, p.23).

O autor acrescenta que a partir do diálogo entre *softwares* e a sociedade os processos midiáticos também ganham novos formatos, revelam novas perspectivas e constroem novos significados. A tradução em formatos infinitos da linguagem “zero-e-

um” do computador influenciou na maneira como a sociedade dialoga com a imagem, a escrita, o cinema, o teatro, a música; com a mídia e com uma lista infinita de elementos. As formas de relacionamento foram alteradas, os modos de estudar, de ensinar também. E não seria diferente na produção da notícia, assim como no consumo diário de informações.

El software se ha vuelto nuestra interfaz con el mundo, con otras personas, con nuestra memoria e imaginación; un lenguaje universal mediante el cuál habla el mundo, un motor universal mediante el cuál funciona el mundo. El software es para los inicios del siglo XXI lo que fueron la electricidad y los motores de combustión para los inicios del siglo XX (MANOVICH, 2012, p.5)

As maneiras de vivenciar o mundo por meio das perspectivas simbólicas sob as quais estão imersas essas linguagens foram variando ainda mais ao longo dos últimos anos, unindo pessoas de lugares distantes, possibilitando a redução de espaços e criando novos diálogos com o tempo também. As demoras que antes pareciam mais longas puderam ser reduzidas por menores esperas, e o ir e vir de informações em meio a todo tipo de fenômeno e relacionamento social ganhou características diferenciadas em função das respostas processadas na sociedade e devolvidas à mídia nesse processo de convergência. (MARTINO, 2014). É quando fãs se reúnem por meio de redes sociais para prestigiar eventos, ou quando manifestantes se organizam, também por meio de redes sociais digitais, para realizarem protestos em frente a sedes governamentais, ou mesmo quando casais, que se conheceram por meio do computador, saem para jantar. Há em cada um desses processos troca de informações, valores, significados, que são absorvidos, processados nos cérebros e sentidos humanos e – como a rede mundial de computadores faz parte do cotidiano de muitas pessoas – levados também para o ciberespaço, onde são decodificados, interpretados por essas e novas pessoas, resultando numa rede infinita de conhecimento, de informações (LÉVY, 1999).

Se as formas culturais da sociedade nunca foram estáticas, com a inserção da internet no cotidiano, a rapidez com a qual os processos ocorrem é ainda maior, e as mudanças são sentidas em diferentes lugares do globo, às vezes em diminutos espaços de tempo. Por trás dessa veloz distribuição de aparelhos eletrônicos, há uma também veloz transformação de vivências, de formas como se armazenam dados, como se processam acontecimentos, histórias. E os sentimentos e sensações em meio a esse mundo de máquinas muitas vezes se confundem. Amor, ansiedade, medo, segurança,

desejos estão à mercê de como lidamos com as máquinas ao nosso redor, de como dialogamos com quem está do outro lado, de como interpretamos as mensagens que chegam via telejornal, por exemplo. É como se jamais estivéssemos sozinhos para pensar, aprender, e até mesmo para sentir (DELEUZE e GUATTARI, 1995).

E é justamente por não estarmos sozinhos – além dessa pluralidade que é um único ser humano – que as culturas se modificam, porque o aprendizado de um interfere no sentimento de quem está há quilômetros de distância; a dor de outro ensina a quem está na cadeira ao lado, respondendo às mensagens pelo celular via *Whats App*; a fome de quem espera vira imagem chocante ao redor do globo, mexendo com os valores de pessoas de todas as idades em sites ou mesmo *outdoors* impressos mundo afora.

A convergência é um processo cultural que acontece na mente dos indivíduos na medida em que podem ser estabelecidas conexões entre os elementos da cultura da mídia, isto é, das mensagens que circulam nos meios de comunicação, e a realidade cotidiana (...) A convergência, portanto, não existe exclusivamente por causa das tecnologias – embora tenham importância para isso. A tecnologia cria as possibilidades, mas depende de um outro fator para ganhar um tom mais próximo da produção humana – a sua dimensão *cultural* (MARTINO, 2014, p. 35).

A vida vai sendo processada num formato efêmero e coletivo, em meio a informações que ora são perguntas, ora são respostas. Até mesmo as mudanças íntimas de cada ser passam a ganhar rumos diferenciados porque o limite entre o público e o privado está confuso, variado, disperso entre o que pode/deve ser mostrado e o que não é preciso/necessário (SENNET, 1988). A subjetividade vai saindo de si para vários, e mais uma vez, a novidade não é o fato em si, mas a forma como isso tem se processado nos últimos anos, o alcance que se percebe nessa mistura entre homem e máquina. O que há por dentro transforma o que há por fora; sempre transformou. Mas, agora, a dimensão de um silêncio interpretada por reticências chega a quilômetros de distância em um comentário via rede social digital, enquanto o grito de alerta pode não passar do corredor da sala de quem assiste TV.

Na lógica de Guattari (1992), admite-se uma construção do sujeito a partir de discursos fabricados por máquinas territorializadas. Nesse contexto, está a mídia, ambiente no qual tudo é produzido a partir de uma certa subjetivação voltada para a geração de lucros, de um lado, satisfação de desejos, de outro. São construções heterogêneas, que contrasta com o mecânico e está ligado a aspectos naturais, que

definem o conceito de máquina, para o autor francês. Porque máquina não está ligado ao apenas caráter técnico da palavra, mas tanto à perspectiva de máquina enquanto ferramenta mecânica, quanto máquina no conceito filosófico relacionado ao um sistema organizado e em funcionamento, que pode ser metaforizado em diversos sentidos. “Máquina, nesta acepção, indica a tentativa de substituição da linguagem idealista de almas e sujeitos caracterizados como ‘agências puras’ para enfatizar não o que o sujeito é, mas sublinhando o que ele faz, repudiando, dessa forma, a esfera ontologia clássica e as teorias estruturalistas” (LOBO, 2009, p. 10). E foi justamente para substituir o conceito de estrutura que Guattari propôs a ideia de máquina, mas ressaltando não as características mecânicas dos aparelhos, mas a interação com a sociedade e a troca de influências entre homem (subjetividade) e máquina; a produção de singularidades, de processos, opondo-se à ideia de estrutura, de equilíbrio, mas é a máquina entendida a partir de referenciais biológicos.

Máquina (maquínico): distinguimos aqui a máquina da mecânica. A mecânica é relativamente fechada sobre si mesma: ela só mantém com o exterior relações perfeitamente codificadas. As máquinas, consideradas em suas evoluções históricas, constituem, ao contrário, um *phylum* comparável ao das espécies vivas. Elas engendram-se umas às outras, selecionam-se, eliminam-se, fazendo aparecer novas linhas de potencialidade. As máquinas, no sentido lato (isto é, não só as máquinas técnicas, mas também as máquinas teóricas, sociais, estéticas, etc.), nunca funcionam isoladamente, por agregação ou por agenciamento. Uma máquina técnica, por exemplo, numa fábrica está em interação com uma máquina social, uma máquina de formação, uma máquina de pesquisa, uma máquina comercial, etc. (GUATTARI e ROLNIK 2005, p. 385).

A relação entre ser humano e máquina estabelece potencialidade dos dois lados, tanto para a tecnologia quanto para aprendizados e construções íntimas e sociais. É uma espécie de círculo de descobertas desenvolvido em relação a cada um dos sistemas aos quais se relacionam o conceito de máquina. E a convergência, um processo em andamento, sem conclusões, tem sido potencializada com a inserção da tecnologia nos diversos setores da vida, como trabalho, lazer e ensino. A própria relação da sociedade com a mídia ganha novos aspectos, mas também perde modelos antes tidos como tradicionais, modelos de produção de informação, assim como modelos de absorção do que é veiculado. Convergir é mais que unir plataformas na construção de histórias, games, narrativas; é trocar experiências, aprendizados.

A convergência das mídias é mais do que apenas uma mudança tecnológica. A convergência altera a relação entre tecnologias existentes, indústrias, mercados, gêneros e públicos. A convergência altera a lógica pela qual a indústria midiática opera e pela qual os consumidores processam a notícia e o entretenimento. Lembrem-se disto: a convergência refere-se a um processo, não a um ponto final (JENKINS, 2009, p. 43).

É por compreender a convergência como esse processo citado pelo autor que destacamos a inserção do jornalismo no contexto da convergência, sob a compreensão de que a redação busca agora estratégias diversas para chamar a atenção do leitor, para se fazer presente, para se fortalecer, ainda que pouco conheçam esses novos sistemas que rapidamente surgem – e muitas vezes rapidamente desaparecem.

2.1 A INTERATIVIDADE E O DIÁLOGO DE SISTEMAS

Quando máquina e homem dialogam, são potencializados alguns fenômenos sociais, modos de criar subjetividade, modos de se relacionar, de interagir, seja entre dois indivíduos, seja entre muitos. Os processos são alterados e, se avaliados de forma macro, os resultados geram círculos de perguntas e repostas que passam a ser ora questionados, ora naturalizadas diante da sociedade, na distribuição e absorção de conteúdo midiático, inclusive. Não é que sejam necessariamente criados novos fenômenos, o que ocorre é a alteração de modos de acontecimentos, como a forma de interagir, por exemplo.

O advento tecnológico, dentre muitas mudanças, alterou o processo de interação entre os indivíduos, fortaleceu alguns vínculos, principalmente quando se trata de “encurtar distâncias”, favoreceu determinados diálogos. Tempo e espaço voltam aqui a ser encarados sob novas perspectivas pelos indivíduos conectados. E a relação entre homem e máquina ganha novos aspectos justamente por causa do dinamismo que é o ir e vir de informações, de troca de experiência, de interpretação de dados. Muda, por exemplo, a forma como se lê jornal, porque as plataformas se multiplicam; muda a maneira de se colaborar com a produção da notícia porque as redes sociais digitais conseguem potencializar a troca ágil de opiniões; muda a forma de consumir conteúdo, porque a união das multiplicidades tanto do homem como da máquina – entendida aqui como essa estrutura mecânica, mas também como o sistema orgânico de Guattari – dá

ao processo de interatividade novos formatos, alterando práticas sociais e também a troca dessas atribuições de sentidos.

El concepto de interactividad puede asumir diferentes sentidos. A veces la interactividad es una respuesta preprogramada dentro de un sistema; en ese caso el mensaje que recibimos hace referencia al inmediatamente anterior o a una serie de mensajes intercambiados antes. Hay interactividad en las comunicaciones sujeto-sujeto pero también en los intercambios entre un sujeto y un dispositivo tecnológico. En este segundo ejemplo la interactividad se desarrolla en la interfaz, que se podría definir como el lugar de la interacción. (SCOLARI, 2008, p.94).

São distintos os conceitos de interação e interatividade. Destacam-se entre eles os tipos de interação trabalhados por Thompson (1998): cara a cara, mediada e quase mediada: Na interação face a face, há entre os participantes os mesmos referenciais de tempo e espaço e a possibilidade de haver o fluxo de comunicação (ida e volta) possibilita o caráter dialógico da interação. Além disso, a compreensão e interpretação das “deixas simbólicas” – linguagem não-verbal como gestos – ajudam a eliminar determinadas ambiguidades, tornando a mensagem mais clara.

Na interação mediada, papéis, fios elétricos, ondas magnéticas, dentre outros, são utilizados na transmissão de informação e conteúdo simbólico para indivíduos que podem estar em tempo e/ou espaço diferenciados. Portanto há neste processo menos garantias de que haverá compreensão e interpretações de expressões, e há ainda estreitamento nas possibilidades de absorção relacionadas às deixas simbólicas.

Por fim, a interação quase mediada, conforme o autor, é aquela em que as relações sociais são estabelecidas com uso dos meios de comunicação de massa – televisão, rádio, jornal, revista, livros. Uma extensão quantidade de conteúdo é disponibilizada em referenciais de tempo e espaço muitas vezes distintos. As formas simbólicas são produzidas para um número por vezes desconhecido de receptores, e como o fluxo de dados ocorre de forma unidirecional, o caráter desse processo é monológico. Aqui, as respostas dos indivíduos aos estímulos do emissor geralmente não são facilmente conhecidas. Embora atualmente o cenário de interatividade tenha perspectivas distintas, com a inserção de ferramentas para aumentar, por exemplo, o grau de participação do receptor, essas características ainda se aplicam aos grandes meios, que produzem conteúdo de massa.

Quadro 1 – Tipos de Interação

Características Interativas	Interação face a face	Interação mediada	Interação quase mediada
Espaço-tempo	Contexto de co-presença; sistema referencial espaço-temporal comum	Separação dos contextos; disponibilidade estendida no tempo e no espaço	Separação dos contextos; disponibilidade estendida no tempo e no espaço
Possibilidades de deixas simbólicas	Multiplicidade de deixas simbólicas	Limitações das possibilidades de deixas simbólicas	Limitação das possibilidades de deixas simbólicas
Orientação da atividade	Orientada para outros específicos	Orientada para outros específicos	Orientada para um número definido de receptores potenciais
Dialógica/monológica	Dialógica	Dialógica	Monológica

Fonte: Livro *Hipermediaciones – Elementos para una teoria de la comunicacion digital interactiva*

Entende-se, no entanto, nesse contexto que, em muitos momentos, diante da cultura da convergência, da multiplicidade de conteúdos e plataformas, emissor e receptor podem trocar de lugar, saindo de suas clássicas posições quando, por exemplo, o leitor faz um comentário numa página de algum meio de comunicação que, recebida pelo jornalista, se tornará uma pauta. Essa é uma realidade cada vez mais presente nas redações, tanto que a figura do responsável pelas mídias sociais só tem se fortalecido. Além de mediar comentários, esses profissionais distribuem aos editores comentários que funcionam como repercussões de matérias ou sugestões para desdobramentos de assuntos veiculados.

Com a Web 2.0, por exemplo, são potencializadas as relações sociais mediadas por aparelhos tecnológicos, e a participação – que até já se fazia presente na TV através de outros meios – passa a ter novos canais. Sites, e-mails, fóruns e, hoje, principalmente, as redes sociais digitais são meios pelos quais as pessoas começam a colaborar não mais apenas com a produção dos programas, jornais, blogs, mas com os próprios apresentadores, repórteres, editores e *ombudsman* também.

Pero, con la llegada de la Web 2.0, todo lo que existía pasó a ser optimizado, y además, algunas estructuras ganaron otras exigencias para su existencia (...) a partir de la Web 2.0, pasó a valorarse la interfaz, es decir, el entorno donde se ofrecen los contenidos navegables (FLORES e RENÓ, 2012, p. 35).

Essas transformações tecnológicas interferem nos processos culturais da sociedade gerando, então, necessidades de se adaptar algumas práticas, como produzir

conteúdo jornalístico – assim como consumir informação⁸. Com o advento da Web 2.0, não somente os produtos criados especificamente para a internet passaram a ganhar novos formatos, mas o conteúdo destinado a outros meios também. Isso ainda influencia na relação entre mídias, na convergência de plataformas e de culturas também. “Ahí se ve como los datos de preferencias culturales y comportamientos de las personas, recolectados por sitios Web 2.0 (...) se pueden usar para algo que no era posible antes de los 2000’s” (MANOVICH, 2012, p. 35). Mas participação e interatividade possuem diferentes conceitos, lembra Jenkins, ao dizer que só dois conceitos são “usados indistintamente”, mas que em sua obra assumem significados diferentes:

A interatividade refere-se ao modo como as novas tecnologias foram planejadas para responder ao feedback do consumidor. Pode-se imaginar os diferentes graus de interatividade possibilitados por diferentes tecnologias de comunicação, desde a televisão, que nos permite mudar de canal, até videogames, que podem permitir aos usuários interferir no universo representado (JENKINS, 2009, p. 189).

Para o autor, há menos limites quando se trata da participação do consumidor de informações, sendo mais controlada por quem consome a informação e menos controlada por quem faz parte da produção do conteúdo. Nas redes sociais digitais, por exemplo, encontramos tanto interatividade quando a participação dos receptores.

A participação, por outro lado, é moldada pelos protocolos culturais e sociais. Assim, por exemplo, o quanto se pode conversar num cinema é determinado mais pela tolerância das plateias de diferentes subculturas ou contextos nacionais do que por alguma propriedade inerente do cinema em si. A participação é mais ilimitada, menos controlada pelos produtores de mídia e mais controlada pelos consumidores de mídia (JENKINS, 2009, p. 190).

No cenário jornalístico, conforme Bardeol e Deuze (2001), a interatividade é a troca de informações entre o leitor e o jornalista que têm como canal a notícia publicada na web. Essa interação ocorre por meio de *chats*, e-mails ou fóruns. O leitor se sente parte do processo de produção da notícia. Ao se conectar à internet e acessar produtos jornalísticos o internauta estabelece três tipos de relações: relação com a máquina; com a própria publicação e com as outras pessoas que fazem parte do processo, sejam os autores ou outros leitores (LEMOS, 1997; MIELNICZUK, 1998).

⁸ Não trabalhamos nesta pesquisa a recepção.

Se, de uma maneira metafórica, avaliássemos numa vista panorâmica os processos de interação – seja por meio de uma mídia, um meio, um mediador, seja na interação face a face –, veríamos numa forma estrutural uma espécie de trajetória, por vezes infinita, de elementos que se relacionam em algum momento, com um ou com mais. É partir de quando as ligações fazem nascer novos processos ou alteram antigos. Ao definir processos interativos, Andrew Cameron relata que os indivíduos seguem caminhos por meio dos quais ganham novas experiências. “Sólo por interpretar un texto, el receptor está participando de un proceso interactivo, pero esto es limitado a él, a su conciencia o a un par de personas” (RENÓ, 2012, p. 51).

Essa união de multiplicidades resulta na construção de tecidos heterogêneos, criando, por vezes, espécies de organismos, e as rotas por meio das quais transitam os fenômenos originados dos processos de interatividade podem ser avaliados, por exemplo, dentro da lógica do agenciamento, de Deleuze e Guattari (1995). Isso porque esse método através do qual se cria essa “espécie de organismo” – da qual falam os autores quando tratam de agenciamento – pode chegar a destinos diversos, a depender da rota seguida, dos aprendizados levados, das escolhas, das concessões feitas quando se opta por um tipo de mídia, um modo de relação social, um dispositivo para troca de informações. “Um agenciamento é precisamente este crescimento das dimensões numa multiplicidade que muda necessariamente de natureza à medida que ela aumenta suas conexões” (p. 16). E é essa “totalidade significativa” que encontramos ao enxergar respostas dentro de sistemas; ao criar processos, demandas, questionamentos durante a interação via mídia digital. É esse processo de construção de atalhos e filtros de informações uma das perspectivas presentes na proposta da Teia Narrativa (Capítulo 4).

2.2 ESPAÇO E ESFERA (PÚBLICOS) E AS REDES SOCIAIS DIGITAIS

As ambivalências relacionadas à vida pública e à vida privada sempre despertaram na sociedade mudanças de comportamento, interferindo nas relações sociais dentro e fora de casa. Antes do desprendimento conquistado pela burguesia europeia do século XVIII, as relações entre os grupos sociais eram predominantemente públicas e as características pessoais do indivíduo poucas vezes eram levadas em conta no seio social. Então, os grupos sociais segmentados, que formavam as comunidades antes do século XVIII, construíam, conforme Richard Sennett (1988), uma “identidade

coletiva”, formada por meio de ações segmentadas por grupos que se identificavam a partir de diferentes formas – classe, localização geográfica e gêneros. Segundo o autor, essa “identidade coletiva” era uma maneira de externar o que representava aquela comunidade, quem eram aquelas pessoas e quais as características inseridas no grupo.

Para Sennet (1988), esse sentido de “quem somos nós”, criados pelas pessoas, eram forjados por meio de “ações coletivas” empreendidas quando a sobrevivência dos grupos sociais surgia ameaçada por guerras ou outras catástrofes. “Em geral, podemos dizer que o ‘senso de comunidade’, de uma sociedade que tem uma forte vida pública, nasce dessa união da ação compartilhada e de um senso do eu coletivo compartilhado.” (SENNETT, 1988, p 275). Até que, a partir do século XVIII, a vida pública sofre alterações e “o relacionamento entre ação compartilhada e identidade coletiva desmorona” (SENNETT, 1988, p275).

Com a ascensão da burguesia, o Renascimento europeu deu à sociedade a conquista de espaços ligados à vida privada e à importância dada ao individualismo de cada membro da família burguesa. Até as casas passaram por modificações a fim de a individualidade do ser humano pudesse ser valorizada de forma diferenciada. O que antes era vãos de cômodos interligados e expostos para a família inteira, se tornou em residência com portas para guardar em quartos e outros compartimentos a privacidade do indivíduo. A vida pública começou a ser levada mais para os espaços públicos da rua. As atividades dos membros da família começam a ser separadas e vivenciadas de acordo com a dualidade do público e privado (SENNETT, 1988).

É quando começam a ser criados espaços para encontros: o teatro e a ópera se abrem ao público; bares e cafés tornam-se locais de encontros sociais. Parques e ruas para passeio de pedestre começam a ser construídos. Tudo privilegiando o espaço público como o local constituído longe do seio familiar. A ideia – ainda que inconsciente – era legitimar a necessidade de os indivíduos separar a vida pública da intimidade (SENNETT, 1988).

Com a ascensão da vida pública, os espaços para debates relacionados à sociedade são também potencializados. É a criação da Esfera Pública, que “(...) pode ser entendida inicialmente como a esfera das pessoas privadas reunidas em um público” (HABERMAS, 2003, p. 42). Lembra o autor que os indivíduos começam a ter consciência crítica não mais somente em relação a livros, obras de arte, músicas, mas passam a discutir também questões relacionadas à vida social. Quando o *Publikum* começa a se politizar, os debates sociais ganham força, e os questionamentos que

surtem em relação à atuação da monarquia passam a ser questionados. Então, os governantes começam a levar em conta a opinião dos governados.

Esfera Pública pode ser entendida inicialmente como a esfera das pessoas privadas reunidas em um público; elas reivindicam esta esfera pública regulamentada pela autoridade, mas diretamente contra a própria autoridade, a fim de discutir com ela as leis gerais da troca na esfera fundamentalmente privada, mas publicamente relevante, as leis do intercâmbio de mercadorias e do trabalho social (HABERMAS, 1984, p. 42).

É esse espaço de discussão e interação social entre as pessoas, espaços nos quais são discutidos assuntos de relevância social e onde são tomadas decisões. “Mais que um espaço físico, a Esfera Pública é um espaço abstrato, formado na interação ente indivíduos envolvidos na discussão de temas que lhes dizem respeito” (MARTINO, 2014, p. 90). Com o passar dos anos, entre os séculos XVIII e XIX, a noção de Esfera Pública enfrenta contradições, e um dos principais motivos é o avanço do capitalismo: é quando, com o avanço do mercado, os cidadãos passam a se tornar clientes, e o consumo e os interesses particulares começam a dominar os debates e se sobressaem diante dos interesses sociais, e “(...) deixa de ser apenas um espaço de debates políticos para se converter em um lugar de disputa entre os interesses do Estado, das empresas e das corporações” (MARTINO, 2014, p. 93). Além disso, a falta de consideração em relação aos papéis da cultura e da religião no sentido atribuído à Esfera Pública é também alvo de crítica e contradição em relação ao conceito.

Redes sociais podem ser entendidas como um tipo de relação entre seres humanos pautados pela flexibilidade de sua estrutura e pela dinâmica entre seus participantes (...) nas redes, por sua vez, os laços tendem a ser menos rígidos. Em geral, são formados a partir de interesses, temas e valores compartilhados, mas sem a força das instituições e com uma dinâmica de interação específica (MARTINO, 2014, p. 55).

No século XX, com o advento da Internet, as relações entre indivíduos passam a sofrer as influências de novas tecnologias, e as redes sociais, além de povoar os espaços públicos nas urbes, ganham o ciberespaço. É fato que as características são diferenciadas, os sentidos são, muitas vezes, alterados, entretanto, a noção de debate público também está presente nas redes mediadas pelos computadores, embora

ultrapasse o sentido da Esfera Pública, justamente porque mistura perspectivas da vida pública e privada.

Embora nem sempre compreendido, escrever na web significa ser visto, lembrado – sendo admirado ou não. “É um exibicionismo tímido, mas que, no fundo, tem o objetivo de tornar público mais do que a vida, ideias privadas que nunca teriam difusão ou plateia que não por meio da internet” (SCHITTINE, 2004, p. 67). A autora trata de blogs quando se refere à escrita para internet, o que pode ser levado em conta, atualmente, também quando se avalia as redes sociais digitais, espaço público onde questões íntimas são expostas, por meio de ideias, impressões e sentimentos.

Redes sociais na Internet são constituídas de representações dos atores sociais e de suas conexões. Essas representações são, geralmente, individualizadas e personalizadas. Podem ser constituídas, por exemplo, de um perfil no Orkut, um weblog ou mesmo um fotolog. As conexões, por outro lado, são os elementos que vão criar a estrutura na qual as representações formam as redes sociais. Essas conexões, na mediação da Internet, podem ser de tipos variados, construídas pelos atores através da interação, mas mantidas pelos sistemas online (RECUERO, 2012. p. 2).

E o sentido das relações sociais digitais é justamente a aproximação entre pessoas espacialmente distantes. A troca de informações sobre uma banda, um livro, um projeto de lei, um programa de TV, um assunto polêmico. Questões que influenciam a vida das pessoas. Agora, diferentemente o que ocorria no século XVIII, os sentimentos, antes costumeiramente mascarados, são tornados públicos. Denise Schittine (2004) ressalta ainda, a partir da análise da escrita íntima na internet, o caráter de *voyeur* que assumem os indivíduos que nasce como uma consequência da identificação originada a partir da troca de relações mediada pelos diários virtuais. “Um voyeurismo proveniente da solidão e de uma vida em que as regras imperam até no âmbito pessoal, o qual precisa de uma fuga para o terreno virtual para aumentar os limites do seu espaço privado” (SCHITTINE, 2004, p. 66). Mesmo não admitindo ou nem percebendo os atos de *voyeurismo*, os internautas espiam e são espiados, e as redes sociais digitais favorecem essa prática por dar a oportunidade de os indivíduos exporem não apenas textos, mas fotos, vídeos. É um ambiente muitas vezes de produção livre, o que nos faz questionar, inclusive, os limites dessa produção, das criações estabelecidas em rede e que, a cada dia, coloca no mercado, no cotidiano das pessoas aparelhos, ferramentas,

aplicativos, ideias que prendem o indivíduo ao *status* de conectado (SCHITTINE, 2004; KOMESU, 2004).

Levando em conta esse cenário, as empresas jornalísticas tentam cada dia mais fortalecer suas presenças nas redes sociais digitais, não apenas criando páginas em redes como Twitter e Facebook, mas atuando de forma contínua para deixar o leitor/receptor conectado no conteúdo produzido. Tudo é trabalhado na busca por cliques: em notícia, em vídeos, charges. Esses ambientes concretizam as mudanças tecnológicas ao se fazerem presentes nas *timelines* dos usuários, por meio das quais conteúdos jornalísticos são curtidos, seguidos, comentados, compartilhados, *twitados* e *retwitados*. É a materialização da cultura da convergência, das estratégias de transmidiação das quais se utilizam as redações de jornais para manterem-se presentes no cotidiano do espectador. “Mesmo que as mídias sociais sejam competidoras dos veículos de referência, os últimos também dependem e lucram com a disseminação de suas notícias nas redes mobilizadas pelos primeiros” (PRIMO, 2011, P. 12).

Recuero (2009) trabalha com três vertentes ligadas à relação entre jornalismo das redes sociais digitais: redes sociais como fontes produtoras de informação; como filtros de informações; como espaços de reverberação dessas informações. No primeiro exemplo, a autora lembra episódios em que a produção de notícia esteve amparada em publicações do Orkut e de blogs (Recuero insere os blogs entre os exemplos de redes sociais online), por exemplo. “Assim, através das redes sociais, é possível encontrar especialistas que podem auxiliar na construção de pautas, bem como informações em primeira mão” (RECUERO, 2012, p. 2).

Quando se refere à filtragem de informações, nessa relação entre redes sociais, jornalismo e ciberespaço, Recuero explica que essas redes não apenas coletam, mas republicam informações produzidas por meio de veículos de comunicação, como ocorre com o Twitter, quando consumidores e produtores de notícias *retwitam* informações. Isso pode gerar uma espécie de círculo de práticas, em que produtor e consumir, ainda que involuntariamente, trocam dados, fazendo nascer daí pautas nos veículos noticiosos, assim como essas pautas podem criar debates dentro dessas redes sociais. Essa é uma realidade cada vez mais presente também no Facebook, tanto que as empresas jornalísticas pagam para ter parte de sua produção jornalística exposta nas inúmeras *timelines* dos usuários da rede.

A terceira relação entre redes sociais e jornalismo está diretamente ligada à segunda: é a reverberação da informação. Como essas redes são espaços de discussão,

as notícias são discutidas, geram debates polêmicas, acirram opiniões e podem gerar novos fatos, novas pautas, novas discussões. Um exemplo é o item *trending topics* do Twitter, uma lista dos assuntos mais comentados da ferramenta.

(...) essas características das redes sociais são relevantes no ciberespaço justamente porque a Internet permite que essas informações permaneçam no ciberespaço, proporcionando que as redes não apenas difundam, mas igualmente discutam essas informações (RECUERO, 2009, p10).

Por fim, as redes sociais digitais proporcionam ainda a disseminação de notícias que não são necessariamente veiculadas pela grande imprensa. Mídias alternativas têm sua atuação fortalecida ao serem potencializados na internet, por meio de redes sociais, notícias, vídeos, fotos, depoimentos, “celebridades” que não estão presentes no cotidiano dos canais televisivos, dos jornais de grande circulação, das revistas de massa. É, portanto, tido muitas vezes como espaço democrático da disseminação de informação, já que, diferentemente do que ocorria antes da internet, esses assuntos estavam à margem da sociedade. Essa disseminação ganha, então as ruas – em formas de protestos agendados com o apoio de redes sociais, por exemplo – ganham o apoio de redes alternativas – mídia ninja é um exemplo, e conseqüentemente, acaba sendo inseridos as notícias da grande imprensa, ocupando assim o noticiário e espaço nas discussões sociais.

(...) o cidadão não se informa mais apenas através de veículos jornalísticos consagrados, nem aceita a definição de terceiros sobre o que é crível ou que tenha boa reputação. Um interagente na cibercultura consome toda e qualquer informação que tiver contato, segundo suas estratégias particulares de interação na rede. Além de sites jornalísticos, ele também se atualiza através de blogs, Twitter, sites de redes sociais (como Facebook), e-mail, etc. É ele que vai decidir que importância dar a cada veículo, sem que precise necessariamente avaliar se os produtores filiam-se a alguma organização jornalística. Sua visão de mundo emerge do cruzamento de todas essas informações, que formam o que chamei de composto informacional midiático (RECUERO, 2009, p 12).

Essa é uma realidade cada dia mais presente no cotidiano social. Provas disso é ascensão de mídias alternativas, com impacto dentro da opinião pública, assim como a própria disposição das empresas jornalísticas adotarem estratégias para se manterem presentes nas redes sociais digitais, como Facebook e Twitter.

2.3 NARRATIVA TRANSMÍDIA

Narrativa é transformação, diz Paul Ricoeur (1995), que também discorre sobre as metáforas relacionadas ao conceito de tempo nas narrativas ficcionais. Transformação de fatos, sujeitos, realidades e fantasias; o que podemos aplicar em histórias imaginadas ou histórias reais, como ocorre na produção jornalística. Quando condessamos fatos em verbos, imagens, e traduzimos por meio das linguagens humanas não só os acontecimentos, mas as referências e significados a eles atribuídos há mudança. Transformam-se personagens, altera-se a história. Variam-se os lugares, altera-se a história. Distribui-se tempo, altera-se a história. Se a presença de quem narra fatos é imprescindível, a permanência de quem recebe é também indispensável para a percepção do que se transforma, para a audiência do que se produz.

No processo interpretativo confrontam-se sempre dois mundos, o da obra e o do intérprete. Ambos devem ser refletidos. A dinâmica da compreensão comporta, porém, certo apagamento do intérprete em favor da obra; uma “desapropriação de si” para deixar o texto, por exemplo, nos interpelar na sua estranheza e não só nos tranquilizar naquilo que nele projetamos, mas também produzir, graças ao confronto entre o universo do intérprete e o universo interpretado, uma transformação de ambos (GAGNEBIN, 1997, p. 261).

Na dinâmica atual da convivência entre homem e máquina, esse processo de transformação, tanto do desenrolar da narrativa quanto do homem, necessariamente incorpora novos cenários diante das mudanças sociais que colocam, a cada dia mais, homem e máquina numa convivência quase que obrigatória, fortalecendo não só os apelos do capital, do marketing, das empresas midiáticas, – de entretenimento, de informação – mas também os apelos em relação aos afetos, às construções sociais deste tempo, do tempo que há de vir. É quando as transformações culturais influenciam nos papéis que irão desempenhar os atores sociais na contação de narrativas, na interpretação de histórias, reais e imaginárias.

Diante da cultura da convergência, então, não haveria como não serem alterados esses processos e até mesmo o modo como ocorrem essas transformações próprias da narrativa. Quando se evoca o elemento central da cultura da convergência (ver item 2.2), segundo Jenkins (2009), chega-se à narrativa transmídia, essa forma de contar história por meio de uma estrutura formada numa espécie de rede, na qual, ao mesmo tempo em que é autônoma, interliga pontos-chaves de histórias e, construindo um

exemplo de sistema, funcionando como se fosse um círculo, as mudanças sociais interferem nos processos tecnológicos, e vice versa. É quando as histórias vão se processando num caráter heterogêneo, misturando práticas sociais e significados diversificados, de culturas diferenciadas.

É diante desse novo cenário, de múltiplas plataformas, de aproximação entre pessoas de continentes distantes, de consumo ágil de informação e entretenimento que as empresas produtoras de conteúdo midiático buscam inserir seus materiais, suas opções de navegação. Enquanto os empreendedores da indústria do entretenimento experimentam infinitas maneiras de chamar atenção, com a inserção de filmes, jogos, publicações relacionados a uma única trama, as empresas jornalísticas tentam conquistar não mais só a audiência, a leitura dos jornais e revistas, mas os “cliques” em sites e aplicativos que remetam às suas produções. É como se quisessem criar mais e mais capítulos de histórias – reais ou imaginárias – para distribuir personagens e enredos em plataformas distintas, que é onde estão agora os consumidores: nos *smartphones*, *tablets*, *notebooks*, entre outros. É quando nascem as tentativas e experiências da narrativa transmídia (JENKINS, 2009).

Uma história transmídia desenrola-se através de múltiplas plataformas de mídia, com cada novo texto contribuindo de maneira distinta e valiosa para o todo. Na forma ideal de narrativa transmídia, cada meio faz o que faz de melhor – a fim de que uma história possa ser introduzida num filme, ser expandida pela televisão, romances e quadrinhos; seu universo possa ser explorado em games ou experimentado como atração de um parque de diversões (JENKINS, 2009, p. 138).

A narrativa transmídia, conforme a obra de Jenkins (2009), começou a se fortalecer na indústria do cinema e entretenimento. Dentre outras experiências, o autor cita a trilogia do filme *Matrix* (1999) – com *Matrix Reloaded* (2003) e *Matrix Revolutions* (2003) – com um dos principais enredos em que os produtores investiram, além de tempo e dinheiro, criatividade – e até paciência – para criar uma história que se desenrola em múltiplas plataformas, incitando debates em diversas mídias, criando discussões, dúvidas, questionamentos e debates variados acerca dos três filmes que, além de se fazer presentes nas telonas, tomaram conta de jogos de videogame, curtas de animação que podiam ser baixados na *web*, histórias em quadrinho, fóruns na internet. O autor cita ainda outras experiências, como o filme *Bruxa de Blair*, que um ano antes

de sua estreia já contava com fãs em função de um site criado para tratar de curiosidades acerca do tema.

Uma boa franquia transmídia trabalha para atrair clientelas, alterando um pouco o tom do conteúdo de acordo com a mídia. Entretanto, se houver material suficiente para sustentar as diferentes clientelas – e se cada obra oferecer experiências novas –, é possível contar com um mercado de intersecção que irá expandir o potencial de toda a franquia (JENKINS, 2009, p 138).

O autor Jenkins ressalta os apelos econômicos por trás da criação de narrativas transmídia, já que seus produtores tentam inserir em diferentes mídias e plataformas suas histórias a fim de conquistar públicos variados. Mas também deixa claro que poucas – ou mesmo nenhuma – franquias alcançaram todo o “potencial estético” presente nesse tipo de narrativa. “Os produtores de mídia estão ainda encontrando o caminho e mais do que dispostos a deixar que os outros corram os riscos” (JENKINS, 2009, p. 139).

Para Vicente Gosciola (2011), o poder da narrativa transmídia está na coesão entre as narrativas, fazendo com que o público não se disperse, mas esteja engajado no que já foi transmitido e interessado no que há de vir. Personagens e enredos são construídos e, apesar da multiplicidade em que se encontram diante das muitas possibilidades inerentes à narrativa transmídia, é indispensável que a unicidade seja levada em conta nas histórias, a fim de que o receptor não se perca entre os caminhos da trama.

Se a força expressiva da Narrativa Transmídia é a coesão, a integração entre os mais diversos percursos narrativos é possível pela ação da coesão. Os personagens reaparecem em vários meios de comunicação, bem como partes de sua história. Em cada meio a narrativa explora o que ele tem de melhor em termos de expressão de sentimentos e de comunicação (GOSCIOLA, 2011, p.124).

O autor brasileiro cita uma série de características atribuídas à narrativa transmídia, mas adianta a possibilidade alguns equívocos em relação ao termo (críticas que não serão aprofundadas neste trabalho):

- a) Formato de estrutura narrativa;
- b) Grande história dividida em fragmentos;
- c) Os fragmentos são distribuídos entre múltiplas plataformas de mídia;
- d) Permite que a história seja expandida;

- e) Circula pelas redes sociais;
- f) Apoia esta distribuição na estratégia denominada “viral” ou “spreadable”;
- g) Adota como ferramenta de produção dispositiva móvel, como celulares e *tablets*.

Para Gosciola (2012), em meio às estratégias relacionadas à narrativa transmídia, há sempre a apresentação de novidades, para que o receptor seja tomado, se não por dúvidas, debates acerca de um tema, um produto.

Sendo o exemplo mais recente e mais ampliado das TICs, a narrativa transmídia se desenvolve continuamente assim como os modos de contar múltiplas histórias que utilizam as múltiplas plataformas comunicacionais. O jogo de forças é, aparentemente, equilibrado: sempre que há uma obsolescência em termos de tecnologia de meio de comunicação as narrativas começam a apresentar novidades e vice-versa (p. 132).

Mas é a dispersão textual, própria da narrativa transmídia, citada por Scolari (2009), uma das principais potencialidades desse tipo de narrativa e que interfere na cultura contemporânea, tendo em vista que cada uma das mídias utilizadas contribui para a história de forma diferenciada, levando para dentro da história significados próprios de seu sistema. E como interferem na produção midiática, interferem também na construção do sujeito, tendo em vista a interpretação que fazem das histórias contadas. Isso porque, é diante das perspectivas variadas de um meio, que o sujeito recebe a mensagem, interpreta, codifica e até transmite. As formas culturais nas quais estão inseridos cada um desses meios influenciam no que recebe o sujeito e que ele vai transmitir. Interfere inclusive na sua formação, na sua subjetividade.

Briefly then, TS is a particular narrative structure that expands through both different languages (verbal, iconic, etc.) and media (cinema, comics, television, video games, etc.). TS is not just an adaptation from one media to another. The story that the comics tell is not the same as that told on television or in cinema; the different media and languages participate and contribute to the construction of the transmedia narrative world. This textual dispersion is one of the most important sources of complexity in contemporary popular culture⁹ (SCOLARI, 2009, p. 588).

⁹ Em resumo, TS é uma estrutura narrativa particular, que se estende por meio de diferentes linguagens (verbal, icônica, etc.) e mídias (cinema, história em quadrinhos, jogos de televisão, vídeo, etc.). TS não é apenas uma adaptação de uma mídia para outra. A história que os quadrinhos conta não é a mesma contada na televisão ou no cinema; os diferentes meios e linguagens participam e contribuem para a construção do mundo da narrativa transmídia. Esta dispersão textual é uma das mais importantes fontes de complexidade na cultura popular contemporânea (Tradução nossa).

É, portanto, característica na narrativa transmídia se expandir para meios diversificados, se adaptado a linguagens que estejam de acordo com a mídia à qual se insere, criando, então, novas perspectivas, como a entrada de novos personagens na história, novos espaços para o desenrolar da história.

Pero cuando se hace referencia a las NT no estamos hablando de una adaptación de un lenguaje a otro (por ejemplo del libro al cine), sino de una estrategia que va mucho más allá y desarrolla un mundo narrativo que abarca diferentes medios y lenguajes. De esta manera el relato se expande, aparecen nuevos personajes o situaciones que traspasan las fronteras del universo de ficción. Esta dispersión textual que encuentra en lo narrativo su hilo conductor – aunque sería más adecuado hablar de una red de personajes y situaciones que conforman un Mundo – es una de las más importantes fuentes de complejidad de la cultura de masas contemporánea (SCOLARI, 2013, p. 25).

Se há algumas décadas as pessoas se conformavam em consumir os produtos midiáticos da TV, do cinema, do rádio e, no máximo, criar fã-clubes para discutir algumas produções, a relação da sociedade com as novas tecnologias alteraram também a forma como o material midiático é consumido. É quando nascem os “prosumidores”, um termo que representa a junção das palavras produtores e consumidores. A justificativa para a criação do termo é justamente essa necessidade que os indivíduos têm de interagir de forma diferenciada com o que consomem, pois, agora, parte dos expectadores, leitores, ouvintes são tidos como produtores de conteúdo. Então, baseado nos conceitos de Jenkins, Scolari lembra que os usuários têm escolhido cooperar com os processos de expansão das narrativas transmídia. “Ya sea escribiendo una ficción y colgándola en Fanfiction, o grabando una parodia y subiéndola a YouTube, los prosumidores del siglo XXI son activos militantes de las narrativas que les apasionan” (SCOLARI, 2013, 27).

Neste sentido, a narrativa transmídia tem sido a saída de muitas empresas de entretenimento ou conglomerados para acompanhar a rapidez com a qual as novas tecnologias inserem na vida social novos rumos, e vice-versa, tendo e vista que a sociedade tem papel atuante na criação, adaptação e utilização das ferramentas tecnológicas. É por isso que não apenas o cinema, mas a televisão tem tentado trabalhar as ferramentas da narrativa transmídia em programas, principalmente novelas, com a criação de sites ou até promoções relacionadas a tramas, personagens, por exemplo.

Já as empresas de comunicação procuram adaptar alguns processos oriundos da narrativa transmídia na produção de reportagens especiais ou mesmo nas *hard news* no dia a dia. Em tentativas como a criação de infográficos interativos oriundos de reportagens que começam no jornal impresso e têm sequência nos sites, redes sociais, aplicativos. É a narrativa transmídia uma rota, se não de fuga, de encontros entre os que os consumidores estão hoje querendo experimentar e os que as empresas precisam oferecer. Isso porque nem os produtores conseguem fugir de iniciativas como redes sociais digitais, blogs, smartphones, nem boa parte dos consumidores consegue manter-se ligado apenas a uma mídia, uma plataforma. E nessa trajetória observa-se a inserção de mais iniciativas relacionadas à narrativa transmídia no dia a dia.

2.3.1 Jornalismo transmídia: os caminhos para se chegar ao storytelling

O ir e vir entre telas e papéis. Tem sido esse o dilema do jornalismo há alguns anos. Se no século passado a tela da TV interferiu no modo de produzir notícia e depois a tela dos computadores passou a influenciar a elaboração de material jornalístico, no século atual uma variedade de telas tem alterado não apenas a produção de matérias, reportagens, mas o modo como se consome esse material, a maneira como se interpreta o que está sendo produzido. Enquanto os leitores e espetadores se dividem entre as possibilidades, os jornalistas e editores buscam formas de aproveitar as potencialidades das distintas mídias e plataformas ao alcance da sociedade. Uma das saídas tem sido descobrir e criar novas perspectivas jornalísticas utilizando ideias a partir de realidades como a narrativa transmídia. “Esto es uno de los puntos necesarios para observar una estructura transmedia: la expansión de la narrativa a partir de la interactividad” (FLORES e RENÓ, 2012, p. 82).

Uma reportagem especial que se inicia na edição impressa, com desdobramentos em um *webdocumentário* publicado no site do jornal e que depois vira uma edição especial preparada para e-book, que pode ser baixado no *tablet*. Para realizar o marketing desse material especial, usa-se as redes sociais digitais, como Facebook e Twitter, com tiradas que sirvam para chamar a atenção do leitor, levando-o para o site do jornal, fazendo-o algumas vezes buscar a edição impressa. Cada mensagem de cada mídia pode ser compreendida, se lida separadamente. E, caso haja a junção de todos esses elementos, a narrativa estará completa, com todas as potencialidades do material

aproveitadas pelo receptor. É esse um dos princípios da narrativa transmídia, que as histórias possam ser autônomas, mesmo estando interligadas.

Henry Jenkins (2008) não trata da narrativa transmídia aplicada ao jornalismo, – mas a presença dessa estrutura é amplamente observada na produção da notícia nesse cenário de convergência – outros autores se encarregaram de iniciativas voltadas a ligar as duas áreas, para mostrar o quanto as potencialidades da narrativa transmídia têm sido aproveitadas no cotidiano jornalístico de produção e recepção da notícia. Então, para alcançar os interesses da sociedade imersa no cotidiano de inovações, o jornalismo costura novas possibilidades a partir dessa narrativa transmidiática, na busca por fortalecer a interação entre suportes midiáticos, utilizando ferramentas como infográficos, blogs, *webdoc*, dentre outros, numa constante busca por compreender a linguagem de todos os meios para conseguir costurar relações entre eles que chame a atenção do leitor.

Una reflexión sobre el Periodismo Transmedia es que viene a ser una forma de lenguaje periodístico que contempla, al mismo tiempo, distintos medios dirigidos con diversos lenguajes y narrativas a partir de muchos medios dirigidos a diferentes usuarios y todo esto gracias a la interactividad del mensaje. Por tanto, se adoptan recursos audiovisuales, interactivos y de movilidad y su difusión a partir de distintos medios, como los blogs y las redes sociales (FLORES e RENÓ, 2012, P. 16).

A narrativa transmídia permite aos jornalistas irem além do processo de convergência tecnológica à qual estão submetidas as redações, pois ao mesmo tempo em que existe a produção específica de material voltado à alimentação de plataformas distintas dos jornais das notícias do dia a dia que precisam estar postadas no site, circulando nas redes sociais digitais, tudo ao alcance do leitor, os produtores de conteúdo, encarregados de atuarem, planejam material especial que pode transitar entre as diversas mídias, entre telas e papéis. No entanto, mais do que nunca, há a necessidade de o espectador/leitor/prosumidor ser ouvido nesse contexto. Precisa-se da participação do receptor para que a costura de trajetos resultem numa construção, se não adequada, pelo menos favorável da narrativa transmídia. “(...) la movilidad y la liquidez de estructuras, es decir, la interactividad asumen papeles importantes en el campo da comunicación con el objetivo de involucrar y a atraer el receptor para la interpretación participativa del mensaje” (FLORES e RENÓ, 2012, p. 16).

O sentido de se construir um especial transmídia é saber que o leitor vai percorrer, senão todo, pelo menos em parte a rota proposta pelo material, passando por mídias que funcionam como uma espécie de caminho pelo qual o usuário vai compreender a reportagem, a mensagem. É perceber, por meio de ferramentas de audiência a contagem de cliques que denotam o trajeto seguido pelo receptor. “De esta forma, la navegabilidad es ofrecida para el lector como coautor de la construcción narrativa” (FLORES e RENÓ, 2012, p. 16).

Então, ao utilizar a ferramentas relacionadas à narrativa transmídia, Canavilhas (2013) explica que o jornalismo assume algumas características, já expostas neste trabalho durante a discussão acerca o jornalismo digital, como interatividade, hipertextualidade e multimedialidade integrada. (Ver capítulo 1). A contextualização também é apontada por Canavilhas (2013) como uma das características, por meio da qual o leitor pode compreender os acontecimentos. Fontcuberta (1999) complementa o conceito de contextualização: “a diacrónica (antecedentes da notícia) e a sincrónica (condições em que se produziu ao acontecimento), referindo-se apenas às informações que situam determinado acontecimento no espaço, no tempo e na própria temática em discussão” (FONTCUBERTA, 1999 apud CANAVILHAS, 2013, p. 9).

Ao admitir que o jornalismo transmídia pode ser percebido em materiais especiais, reportagens trabalhadas, Kevin Moloney (2011) destaca princípios que ele diz que percebido por meio da obra de Jenkins, acerca da *storytelling*, mas que em sua tese, assumiram perspectivas diferenciadas, diante da iniciativa de se aplicar o conceito de jornalismo transmídia. Para isso, o autor trabalhou algumas características que ele chamou de “principles, albeit in a new arrangement, and look at examples of journalism that have fulfilled them” (MOLONEY, 2011, p. 63).

- a) *Spreadable*. É uma espécie de distribuição de conteúdo. É umas das características que jornalismo transmídia precisa ter. Ter condições de ser espalhado entre mídias com o intuito de ser, se possível, até “viralizado”, ou seja, consumido por muitas pessoas. “Spreadability of media, if not at first embraced, is now an element of nearly every journalism production. Visits to the Web sites of nearly any legacy and new media outlet show buttons to share stories and links on social media sites, email, SMS or a blog with a single click¹⁰” (MOLONEY, 2011, p. 64. Mas o autor lembra que esse

¹⁰ Espalhamento nos meios de comunicação, se não foi abraçado de início, agora é um elemento de quase todas as produções jornalismo. Visitas aos sites de praticamente qualquer iniciativa e novos meio de

espalhamento, distribuição de informações entre mídias não privilégio das novas tecnologias. “(...) is a native quality of the networked public sphere¹¹”, ao lembrar que, recortes de jornais e revistas já terem sido imensamente compartilhado entre familiares, amigos, além de publicados em quadros de avisos (MOLONEY, 2011, p. 64).

- b) *Drillable*. Todo o conteúdo da narrativa precisa estar ligado, fazendo com que o espectador consiga transitar entre o material, de uma forma que, embora autônoma, revele a conexão entre as partes. “In journalism the best implementation of drillability is through hyperlinking more deeply to related information on and off the organization’s own pages. ‘Top Secret America’ embraced the power and depth of interactive databases. ‘Bosnia: Uncertain Paths to Peace’ linked contextual information in a sidebar that offers a first step into the outlying complexities of a story¹²” (MOLONEY, 2011, p. 71).
- c) *Continuous and Serial*. Embora o jornalismo transmedia esteja dividido entre mídias e plataformas, há continuidade das histórias contadas. Distribuídas essas narrativas, uma visão editorial coesa é necessária para que as histórias estejam alinhadas, mas com esse caráter de continuidade entre uma mídia e outra. “Serial stories have been a fixture of journalism from its earliest days and many of its most notable and praiseworthy works have unfolded in the media over time¹³” (MOLONEY, 2011, p. 72).
- d) *Diverse and Personal in Viewpoint*. Essa variedade de pontos de vista pessoais deve encontrar espaço para ser incorporada ao trabalho de produção do jornalismo transmídia. “Jenkins’ transmedia principle of subjectivity, where a story is told through the eyes of different characters within that story, is also a time-honored technique in journalism¹⁴” (MOLONEY, 2011, p. 79).
- e) *Immersive*. As histórias devem ser pensadas com formatos e linguagens que se aproximem do leitor, para que possa haver uma ligação entre narrativa o receptor, afim de que o leitor tenha interesse no material.

The fundamental idea of immersive journalism is to allow the participant, typically represented as a digital avatar, to actually enter a virtually recreated scenario representing the news story.

comunicação mostram botões para compartilhar histórias e links em sites de mídia social, e-mail, SMS ou um blog com um único clique (Tradução nossa).

¹¹ É uma qualidade natural da esfera pública interligada (Tradução nossa).

¹² No jornalismo, a melhor implementação do que é explorável ocorre por meio de hiperlinks, principalmente para informações relacionadas ao que está online ou off-line nas páginas da organização. “*Top Secret America*” abraçou o poder e profundidade de bancos de dados interativos. “*Bosnia: Uncertain Paths to Peace*” está ligada à informação contextual em uma barra lateral que oferece um primeiro passo para as complexidades periféricas de uma história (Tradução nossa).

¹³ Histórias em capítulos têm sido uma figura do jornalismo desde os seus primeiros dias e muitos de seus trabalhos mais notáveis e louváveis foram desdobrados na mídia ao longo do tempo (Tradução nossa).

¹⁴ Princípio transmídia da subjetividade, de Jenkins, em que uma história é contada através dos olhos de diferentes personagens dentro dessa história, é também uma técnica consagrada há tempos no jornalismo (Tradução nossa).

The sense of presence obtained through an immersive system ... affords the participant unprecedented access to the sights and sounds, and possibly feelings and emotions, that accompany the news (de la Peña, Weil, Llobera, Giannopoulos, Pomés, Spanlang, Friedman, Sanchez-Vives & Slater, 2010 in Moloney, 2001, p.85)¹⁵.

- f) *Extractable*. “What can the public take from the news and put to use in its daily life?¹⁶” (MOLONEY, 2011, p. 79). É esse o questionamento o autor para enfatizar que os conteúdos devem ser produzidos para serem usados não só hoje, mas futuramente também. Ele mesmo dá algumas respostas e cita como uma ideia a inserção de jogos para os leitores, além de discorrer sobre as recompensas, premiações destinadas ao leitor para se manterem ativos no consumo de informação. Entretanto, admite o pesquisador, esse tipo de marketing assume aspectos diferenciados no jornalismo.
- g) *Built in Real Worlds*. O papel do jornalista é explicar os acontecimentos, tornar a informação acessível ao leitor, compreensível. No jornalismo transmídia, há essa necessidade e deve haver diferentes formas de se fazer isso.

It is not the task of a journalist to build that world, but to explore its many possible stories in the most enlightening way — or to facilitate the public doing that for itself. If journalism has fallen short it is in its effort to simplify and make more approachable issues and events that defy simplification (MOLONEY, 2011, p. 88)¹⁷.

- h) *Inspiring to Action*. “What about journalism inspires the public to action? If journalists enter the profession hoping to inspire change and engage the public in democracy, facilitating a way for the public to act on information is a significant goal¹⁸” (MOLONEY, 2011, p. 91). Esse último princípio trabalhado por autor destaca a necessidade de jornalismo inspirar mudanças sociais que resultem em benefícios, em políticas públicas favoráveis ao cidadão.

¹⁵ A ideia fundamental do jornalismo de imersão é permitir que o participante é geralmente representado como um avatar digital, para realmente entrar em um cenário praticamente recriado representando a notícia. A sensação de presença obtida por meio de um sistema imersivo proporciona ao participante acesso sem precedentes para as vistas e sons e, possivelmente, sentimentos e emoções, que acompanham a notícia (Tradução nossa).

¹⁶ O que o público pode absorver a partir da notícia e colocar para usar em sua vida diária? (Tradução nossa)

¹⁷ Não é a tarefa de um jornalista construir esse mundo, mas, sim, explorar as suas muitas histórias possíveis da forma mais esclarecedora - ou facilitar para o público. Se o jornalismo ficou aquém, falham seus esforços para simplificar e tornar as questões mais acessíveis e eventos que desafiam a simplificação (Tradução nossa).

¹⁸ O que o jornalismo inspira o público a fazer? Se os jornalistas entram na profissão com a esperança de inspirar mudança e envolver o público na democracia, facilitando uma forma para o público agir por meio das informações, é uma meta significativa (Tradução nossa).

Uma parcela dos aspectos presentes nesses oito princípios detalhados por Kevin Moloney fazem, há muito tempo, parte do cotidiano da redação, da produção jornalísticas e dos sentidos produzidos a partir do consumo de informação, independentemente da mídia, da plataforma utilizada e das ferramentas voltadas a essa produção. Há muito, o jornalismo contribui para reflexões sociais dentro das comunidades, assim como desencadeia princípios mercantis e até filosóficos acerca do ser humano, conforme o que está posto nesses oito princípios.

2.3.2 Estratégias de transmídiação

Mas, se na indústria de entretenimento, onde as iniciativas ligadas à narrativa transmídia foram desdobradas, ainda existem potencialidades a serem melhor aproveitadas, e no processo de produção jornalística também há lacunas. Diante dessas brechas, e das mudanças ocorridas desde que o conceito de narrativa transmídia foi fortalecido nos estudos de Jenkins¹⁹, novos estudos e conceitos ligados ao tema passaram a ser criados e debatidos, como as estratégias de transmídiação, presentes nos estudos principalmente da autora Ivana Fachine (2013) ligados a telenovelas brasileiras. São as estratégias de conteúdo transmídia trabalhadas em artigo publicado no livro *Estratégias de Transmídiação na Ficção Televisiva*.

a. Estratégias de Propagação.

Conteúdos reformados. É uma forma que as emissoras descobriam de levar o leitor a outras plataformas, como os sites, para fazê-los rever o que já assistiram, ver o que perderam, com capítulos anteriores, ou conhecer um algo a mais relacionada à novela. São subdivididos em conteúdo de antecipação, recuperação e remixagem: Antecipação: “Essa subcategoria reúne os conteúdos divulgados em outras mídias/ plataformas com o objetivo de estimular, motivar, despertar interesse dos consumidores sobre a narrativa (no caso, a telenovela)” (FACHINE, 2013, p 38).

¹⁹ O conceito de narrativa transmídia passou a ser amplamente divulgado a partir das pesquisas de Jenkins, mas a ideia do que representa o termo já havia sido observada por outros autores, como Stuart Saunders Smith (1975) e Marsha Kinder (1991).

Recuperação: “(...) os conteúdos de recuperação permitem que o consumidor resgate por meio da internet informações, vídeos ou outros materiais referentes à telenovela já exibidos na programação da TV” (FECHINE, 2013, p 39).

Remixagem: “(...) são aqueles que resultam da apropriação em outro contexto e da ressignificação de sequências já exibidas da telenovela” (FECHINE, 2013, p 40).

Conteúdos informativos: De caráter contextual ou promocional, esse tipo de conteúdo funciona como formas de compreender o conteúdo exibido na telenovela, colaborando para um “conhecimento enciclopédico” do que é veiculado na TV por meio da narrativa. São, por exemplo, informações históricas que, por meio de algum tipo de material, divulgado em site por exemplo, contextualiza o telespectador em relação a algum tipo de tema tratado na narrativa. Já no conteúdo promocional, o espectador pode consumir dados ou produtos relacionados à trama, aos personagens, dentre outros elementos relacionados à novela (ou minissérie).

b. Estratégias de Expansão.

Conteúdos de extensão textual. Representa desdobramentos narrativos e são referenciados pelas funções narrativas oriundas das pesquisas de Roland Barthes (2008), a função cardinal, também chamada de catalisadora. “A função cardinal pode ser descrita como um ato complementar que abre, mantém ou fecha uma alternativa subsequente para o seguimento da história” (FECHINE, 2013, p. 44). Ou seja, não assumem papéis imprescindíveis dentro das narrativas, mas espécies de ligações, atuando em determinado núcleo da telenovela, sem prejuízos para demais e sem afetar a trama caso esse conteúdo seja, em momentos, retirados de cena.

Extensões narrativas: Podem ser programas que complementam ou auxiliam a história de referência, se desdobrando em diferentes meios. São, segundo a autora, fundamentais para as franquias transmídia, trabalhadas nas pesquisas de Jenkins.

As extensões narrativas podem ser descritas, em suma, como novas narrativas desenvolvidas em outros meios, geralmente a partir de recuos ou avanços na cronologia da narrativa principal exibida na televisão (FECHINE, 2013, p. 45).

Extensões Diegéticas: Também são conteúdos adicionais, no entanto, fazem parte da narrativa (diegese) ficcional. É uma espécie de convocação ao espectador para entrar um pouco mais no universo proposto pela história. Fechine cita como exemplos desse tipo de conteúdo diários, álbuns de fotografias, mensagens de

secretárias eletrônicas, autógrafos, documentos dos personagens que podem estar presentes em sites dos programadas, como se fossem de pessoas reais.

Conteúdos de extensão Lúdicas. Esse tipo de material propõe a participação do espectador, é um convite a entrar na história. “Os conteúdos de extensão lúdica exploram deliberadamente essa alternância entre as realidades ficcional e não ficcional e extrai dela seu sentido: o destinatário é convidado a entrar em um ‘faz de conta’ (...)” (FECHINE, 2013, p. 52)

Extensões vivenciais: É uma maneira de chamar a atenção do consumidor, mantendo-o ligado a narrativa a partir de estratégias relacionadas à vivência do espectador, fazendo-o interagir a partir de características de sua subjetividade, de sua realidade.

Essas extensões vivenciais, ou experienciais, correspondem às várias modalidades de quiz, games e concursos, além de campanhas, passatempos e diversões, relacionados ao universo narrativo e disponibilizados, geralmente, a partir da homepage do programa (FECHINE, 2013, p. 52).

Extensões de marca: “São conteúdos que estendem o envolvimento e o consumo do universo narrativo do nível simbólico para o material” (FECHINE, 2013, p. 52). Esse material caracteriza o universo narrativo, aproximando o consumidor por meio de identificações que podem ser difundidas. São exemplos disso como papéis de parede, ícones, protetores de tela e toques do celular disponíveis para download nos sites oficiais.

Trabalhados no âmbito das telenovelas brasileiras, esses conceitos podem ser observados em diferentes tipos de narrativas transmídia, principalmente aquelas ligadas ao entretenimento. Diante de um jornalismo transmídia que ainda está sendo delineado, experimentado e consumido, e muitas vezes produzido sem que se saiba exatamente a quais conceitos e embasamentos se referem, as experiências de narrativa transmídia se mantêm de maneiras diferenciadas de acordo com cada autor. Então, propomos neste trabalho uma avaliação de conteúdo jornalístico, distribuído em diferentes plataformas, adequando-se a linguagens e mídias diferenciadas para se contar a história da visita do papa Francisco ao Brasil, seus desdobramentos, por meio de fatos, visões, histórias reais e, embora tenhamos trabalhado distintos conceitos e desdobramentos ao longo dessas páginas, compreendemos que a complexidade da narrativa transmídia nos permite avaliar a série de matérias propostas nessa análise com base nas diferentes perspectivas apresentadas, sem que precisemos nos ater a um autor, a um conceito.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1 PESQUISA BIBLIOGRÁFICA

Para definir o corpus deste trabalho, realizamos uma pesquisa bibliográfica capaz de amparar com conceitos os rumos encontrados ao longo da exploração do tema sobre o qual versa o projeto desta pesquisa. Tendo em vista a necessidade de dialogar com autores acerca de temas como memória, jornalismo e convergência, construímos uma ponte entre conceitos e pesquisadores a fim de delimitar o corpo teórico a ser, inicialmente utilizado.

Depois de definido o problema, o pesquisador precisa aprofundar os conceitos-chave e suas relações. O material básico para isto já deve estar disponível, pois foi utilizado para elaborar o problema e justificar o tema proposto. Mas precisa ser ampliado através de uma boa estratégia de busca que recupere tanto textos de trabalhos teóricos quanto de outros estudos e pesquisas relacionados. O planejamento desta busca evitará perda de tempo e dará direcionamento ao objeto proposto. A este trabalho denomina-se pesquisa bibliográfica (...) (STUMPF, 2008, p. 53).

A autora ressalta ainda o papel da pesquisa bibliográfica em trabalhos acadêmicos ao lembrar da necessidade de estabelecer bases conhecendo o que já existe acerca do tema estudado e define a pesquisa bibliográfica como “(...) um conjunto de procedimentos que visa identificar informações bibliográficas, selecionar os documentos pertinentes ao tema (...)” (p. 51). Levamos ainda em conta a necessidade de os autores também dialogarem entre si, a partir dos seus conceitos. “À medida que o indivíduo vai lendo sobre o assunto de seu interesse, começa a identificar conceitos que se relacionam até chegar a uma formulação objetiva e clara do problema que irá investigar” (p. 53).

A pesquisa bibliográfica é um dos trabalhos que acompanha o pesquisador ao longo de todo o estudo. Então, Stumpf (2008) divide essa técnica em quatro etapas:

- a) Identificação do tema e assuntos: é uma espécie de divisão do trabalho em categorias, por meio de palavras que devem ser divididos em subtemas, a fim de construir o referencial teórico. Uma das dicas é traduzir essas categorias em outros idiomas, para buscar textos em outras línguas;

- b) Seleção das fontes: para realizar o levantamento bibliográfico, o pesquisador elabora uma lista com identificações detalhadas onde devem estar presentes as fontes da pesquisa. O próprio orientador é uma fonte. Além disso, as fontes secundárias de informações podem estar em diferentes formatos, impressos, via web, CD-ROM. As principais fontes são subdivididas entre bibliografias especializadas; índices com resumo; portais; resumos de teses e dissertações; catálogos de bibliotecas; catálogos de editoras;
- c) Localização e obtenção do material: Ir aos locais aonde está material selecionado na lista, tanto em bibliotecas e catálogos físicos, quanto em opções digitais de armazenamento de informações;
- d) Leitura e transcrição de dados: levando em conta a prioridade das informações, – a partir de como está estruturado o trabalho – o pesquisador inicia as leituras transcrevendo em fichas ou mesmo nos computadores pessoais as informações.

A autora ressalta os passos da pesquisa bibliográfica lembrando a necessidade de ter as informações coletadas de modo que possam ser recuperados sempre que necessário. Stumpf (2008) destaca ainda que, após as leituras, pode ser que o pesquisador sinta a necessidade de um novo ordenamento dos assuntos estudados e volta a definir a pesquisa bibliográfica como “um conjunto de procedimentos para identificar, selecionar, localizar e obter documentos de interesse para a realização de trabalhos acadêmicos e de pesquisa, bem como técnicas de leitura e transcrição de dados que permitem recuperá-los quando necessário” p. (54).

3.2 COLETA DE DADOS E AMOSTRAS

A coleta de dados é uma das fases da pesquisa em que há a necessidade de se unir ao corpo teórico do trabalho os exemplos práticos observados. Optamos pela escolha de um jornal de grande circulação, nacionalmente conhecido, e com uma estrutura já minimamente solidificada, levando em conta as constantes mudanças nesse cenário de convergência, para a integração de redações online e impresso. Justamente

porque a ideia deste trabalho é avaliar de forma se comporta esse conteúdo jornalístico produzido em larga escala e que, em breve, é memória.

Para isso, fizemos um recorte visando um diálogo entre os autores e prática jornalística, dentro da perspectiva social e até filosófica as quais podemos inserir a produção de conteúdo. Escolhemos ainda a cobertura de um evento internacional e que chamasse realmente a atenção de grande parte do mundo não apenas pelo seu cunho religioso, mas pelo apelo cultural que representa a imagem de um Papa. Por isso, este trabalho analisa a cobertura do O Globo da Jornada Mundial da Juventude (JMJ Rio 2013), por meio de quatro produtos da empresa:

- a) Jornal impresso. Avaliamos as edições de 9 cadernos especiais, cada um com 10 páginas, produzidos somente com conteúdo da JMJ, entre os dias 21 e 29 de julho de 2013. Analisamos ainda a edição do dia 30 de julho de 2013, com 11 páginas publicadas no primeiro caderno do O Globo somente sobre o evento;
- b) Site O Globo. Ao todo, 230 publicações sobre a jornada foram catalogadas, entre os dias 20 e 30 de julho de 2013. Além de matérias, há, nessa parte da coleta, gráficos, galerias de fotos, vídeos, acompanhamento em tempo real das falas do Papa Francisco;
- c) O Globo a mais. 12 edições do vespertino produzido para *tablets* foram contabilizados entre 21 e 30 de julho, com matérias especiais, algumas produzidas a partir de materiais veiculados em edições impressas;
- d) E-book *Os encantos de Francisco*. Publicação disponibilizada em 26 de agosto de 2013 – para tablets e celulares com sistemas Android e iOS, com possibilidade de leitura também em PDF no computador – com parte do que foi veiculada nas edições impressas e digitais da cobertura da JMJ.

Optamos nesta pesquisa por uma cobertura factual completamente imersa no contexto da convergência, mas que teve desdobramentos em matérias frias. Diante do estado da arte do objeto, em que encontramos autores que discutiam a presença do jornalismo transmídia em reportagens e materiais especiais, a ideia deste trabalho foi trabalhar a inserção do jornalismo no contexto da convergência, mas buscando nessa produção *hard news* características relacionadas à narrativa transmídia, levando em conta o papel do jornalismo como lugar de memória na sociedade.

3.3 ESTUDO DE CASO E ANÁLISE DE CONTEÚDO

Numa tentativa de se compreender, ou pelo menos avaliar, certos fenômenos sociais aplica-se o estudo de caso em dimensões que levem em consideração perspectivas relacionadas a eventos ligados a diferentes setores e áreas da sociedade. É uma maneira de observar, partir de um recorte sistemático, as proposições a serem concebidas numa pesquisa. Lembra Yin (2001) que uma das potencialidades do estudo de caso é a capacidade de lidar com evidências variadas, utilizando como ferramentas documentos, entrevistas, além das observações.

Diante das práticas jornalísticas em vigência hoje, com o advento da cultura da convergência, o estudo de caso, nesta pesquisa, se utiliza de recorte a fim de amparar as observações teóricas em análise sobre o que atualmente é produto das redações que não mais preocupam-se apenas com produtos impressos, mas atuam de modo integrado, com o intuito de produzir agora para diferentes mídias, distintas plataformas. É, conforme diz Yin (2001), uma tentativa de responder a determinados questionamentos epistemológicos.

Em geral, os estudos de caso representam a estratégia preferida quando se colocam questões do tipo “como” e “por que”, quando o pesquisador tem pouco controle sobre os eventos e quando o foco se encontra em fenômenos contemporâneos inseridos em algum contexto da vida real (YIN, 2001, p.19).

Tanto as significações, que é o próprio conteúdo, quanto a forma e distribuição desses conteúdos são levados em conta quando se opta pela análise de conteúdo. Neste trabalho, avaliamos não apenas a distribuição de informações relacionadas à narrativa formada em torno da cobertura da JMJ, mas a forma como estão dispostos esses conteúdos diante da estrutura da Teia Narrativa. Bardin (1977) lembra que a análise de conteúdo pode ser uma análise de significados, mas também uma análise de procedimentos. E acrescenta: “a análise de conteúdo aparece como um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objectivos de descrição do conteúdo das mensagens” (p. 38). Já Yin (2001) lembra ainda que o estudo de caso, como as demais estratégias de pesquisa, para ser considerado vantajoso ou não depende de três condições:

(a) no tipo de questão de pesquisa proposto (b) na extensão de controle que o pesquisador tem sobre eventos comportamentais e efetivos e (c) no grau de enfoque em acontecimentos históricos em oposição a acontecimentos contemporâneos (YIN, 2001, p. 24).

Para o autor, o pesquisador utiliza o método do estudo de caso quando deseja lidar com condições textuais. Além disso, a lógica de planejamento é citada por Yin quando ele não apenas define, mas questiona os motivos da aplicação do método e cita Platt (1992) quando discorre sobre priorizar estratégias a partir das circunstâncias e problemas da pesquisa, e não levando em conta apenas comprometimentos ideológicos. Para complementar, Yin (2001, p. 32) divide o estudo de caso por meio de uma definição chamada por ele de técnica:

- a) Um estudo de caso é uma investigação empírica que
 - investiga um fenômeno contemporâneo dentro do seu contexto da vida real, especialmente quando
 - os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos
- b) A investigação do estudo de caso
 - enfrenta uma situação tecnicamente única em que haverá muito mais variáveis de interesse do que pontos de dados, e, como resultado,
 - baseia-se em várias fontes de evidência, com os dados precisando convergir em um formato de triângulo, e, como outro resultado,
 - beneficia-se do desenvolvimento prévio de proposições teóricas para conduzir a coleta e análise de dados.

São inúmeras as variações do estudo de caso, e o pesquisador precisa estar ciente da necessidade de um planejamento prévio do trabalho para ter condições de optar pelo estudo de caso na forma que mais contribua para os resultados finais de sua pesquisa. Por exemplo, os estudos de caso podem ser únicos ou múltiplos e podem ainda estar ligado a evidências quantitativas. No entanto, acrescenta Yin (2001, p. 33), “a estratégia de estudo de caso não deve ser confundida com a pesquisa qualitativa”.

Por fim, o estudo de caso pode ser dividido em diferentes etapas e pode ter fases variadas, dependendo da abordagem de cada autor. Para esta pesquisa, optamos pela abordagem de Duarte (2008), que ressalta a divisão em três fases:

- (1) a primeira aberta ou exploratória, quando se devem especificar as questões ou pontos críticos, estabelecer os contatos iniciais para iniciar o trabalho de campo, localizar informantes e as fontes de dados para o estudo;
- (2) a coleta sistemática de dados, com base nas

características próprias do objeto estudado; (3) análise e interpretação sistemática dos dados e elaboração do relatório (DUARTE, 2008, p. 225).

Foi a partir dessa sistematização que procuramos estruturar esta pesquisa, explorando, inicialmente, as edições impressas e digitais do O Globo, selecionando os dados para as amostras e elaborando relatórios a partir de cada edição e, em seguida, realizando as análises necessárias para encontrar as respostas da problematização.

A partir daí trabalhamos com uma análise do conteúdo publicado pelo jornal, mas abordando os procedimentos utilizados pela empresa para inserir a produção no contexto da convergência, levando em conta o advento da tecnologia e a maneira como a sociedade tem se portado diante dessa dinâmica. Em uma concepção ampla definida por Fonseca Júnior (2008), o autor conceitua a análise de conteúdo como um “método das ciências humanas e sociais destinado à investigação de fenômenos simbólicos por meio de várias técnicas de pesquisa” (p. 280).

Entre os variados questionamentos acerca do método, destaca-se a inferência, considerada também por Fonseca Júnior (2008, p. 284) como “uma operação lógica destinada a extrair conhecimentos sobre os aspectos latentes da mensagem analisada”. Ou seja, é a necessidade que têm alguns pesquisadores de deduzir, de maneira lógica, conhecimentos relacionados tanto ao emissor quanto ao receptor da mensagem. Quando levamos essa abordagem para dentro desta pesquisa ressaltamos a necessidade que tivemos de compreender – antes mesmo da entrevista realizada no O Globo – por quais motivos certas estratégias haviam sido usadas, a partir da construção do material acerca da JMJ. Faz-nos ainda refletir sobre esses questionamentos acerca da inferência quando destacamos a forma é produzido conteúdo noticioso hoje, em que receptor e emissor confundem-se em um papel de prosumidor (ver definição no Capítulo 2). Para Yin (2001) “a intenção da análise de conteúdo é a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção (ou, eventualmente, de recepção), inferência esta que recorre a indicadores (quantitativos ou não)” (p. 38). Além disso, a análise de conteúdo é citada por Fonseca Júnior (2008), baseado nas pesquisas de Krippendorff (1990), a partir de três características:

- (a) orientação fundamentalmente empírica, exploratória, vinculada a fenômenos reais e de finalidade preditiva;
- (b) transcendência das noções normais de conteúdo, envolvendo as ideias de mensagem, canal, comunicação e sistema;
- (c) metodologia própria, que permite ao investigador programar,

comunicar e avaliar criticamente um projeto de pesquisa com independência de resultados (FONSECA JÚNIOR 2008, p. 286).

Por fim, quando trata de análise de conteúdo e propõe as diversas aplicações do método, o autor ressalta seis categorias sobre o que deve ser analisado – sistemas, normas, índices e sintomas, representações linguísticas e comunicação. Destacamos, para este trabalho, a análise de sistemas, denominado com “uma construção mental que descreve uma porção de realidade constituída por conjunto de elementos interdependentes” (FONSECA JÚNIOR, 2008, p.291). Ou seja, a partir dos dados coletados, é possível surgirem novas descobertas por parte do pesquisador.

É a partir desse aspecto que encaramos, em determinados momentos, o conteúdo avaliado sob a perspectiva da Teia Narrativa (ver definição no Capítulo 3), quando, a partir de associações entre os blocos – referentes aos conteúdos publicados no O Globo – buscamos, além de sutis inferências, descobertas acerca das estratégias de convergência relacionadas á transmidiação do conteúdo veiculado nas plataformas impressas e online do jornal.

3.4 ENTREVISTAS

Uma das técnicas utilizadas neste trabalho foi a entrevista em profundidade, do tipo semiaberta. Com a necessidade de compreender o processo de integração das redações online e impresso do Jornal O Globo fez-se necessário uma visita à redação além de uma entrevista presencial agendada com o jornalista Pedro Doria que, na época, era editor executivo do jornal O Globo. A ideia era conhecer de forma mais profunda com se deram as mudanças na redação e como essas alterações influenciaram na cobertura da Jornada Mundial da Juventude levando em conta as diferentes mídias e plataformas para as quais foram produzidos conteúdos sobre o evento.

A entrevista em profundidade é um recurso metodológico que busca, com base em teorias e pressupostos definidos pelo investigador, recolher respostas a partir da experiência subjetiva de uma fonte, selecionada por deter informações que se deseja conhecer (DUARTE, 2008, 62).

Citando Pedro Demo (2001), Duarte lembra que os dados são colhidos, mas também interpretados com base em diálogos com a realidade. Ou seja, as perguntas e respostas permite ao pesquisador aprofundar alguns assuntos e possibilita fazer análises com base em descobertas, identificando, inclusive, problemas na pesquisa em andamento. “O uso de entrevistas permite as diferentes maneiras e perceber e descrever os fenômenos” (DUARTE, 2008, p. 63).

E as entrevistas realizadas no O Globo possibilitaram justamente esse aprofundamento junto ao tema, ao objeto empírico desta pesquisa, dando-nos melhor capacidade para compreender e descrever a forma como ocorreu a cobertura e a produção de conteúdo junto às diferentes plataformas. Compreender ainda de que forma algumas ferramentas foram utilizadas e o porquê de determinadas escolhas.

Estabelecidas limitações e condições de realização, a entrevista pode ser ferramenta bastante útil para lidar com problemas complexos ao permitir uma construção baseada em relatos da interpretação e experiências, assumindo-se que não será obtida uma visão objetiva do tema de pesquisa (DUARTE, 2008, p. 63).

A entrevista em profundidade exige a determinação de procedimentos metodológicos específicos, como o critério de seleção das fontes e o uso adequado das informações. É fato que, geralmente, nem todo o apurado durante a entrevista será utilizado no trabalho, mas essa espécie de pseudoconversa que se tem com algumas fontes pode dar ao pesquisador uma dimensão mais específica do que representa, na prática, o que já está posto no corpo teórico. Nesta dissertação, por exemplo, a necessidade de se ouvir editores do O Globo nos deu uma dimensão de como foi implantado o processo de integração de redações, a partir de relatos dos problemas e das experiências positivas. Do que foi preciso modificar e qual o objetivo da empresa ao decidir investir mais na plataforma digital. Além disso, compreender como se deu o processo de organização para a produção de conteúdo da Jornada Mundial da Juventude permitiu uma melhor análise dos dados coletados. “A entrevista em profundidade é uma técnica dinâmica e flexível, útil para apreensão e uma realidade tanto para tratar de questões relacionadas ao íntimo do entrevistado, como para descrição de processos complexos nos quais está ou esteve envolvido” (DUARTE, 2008, p. 64).

3.5 BUSCA NA INTERNET

A busca na internet é uma das técnicas mais utilizadas nos últimos anos por pesquisadores. Além da agilidade e comodidade que propõe a ferramenta, os constantes avanços da tecnologia mais que permitir quase que obrigam a pesquisadores e instituições de ensino e pesquisa manter na plataforma digital trabalhos de diversas áreas. O próprio estado da arte de um objeto de pesquisa dificilmente é elaborado, atualmente, sem a constante recorrência à web.

Nesta pesquisa, no entanto, o acesso a pesquisas com o auxílio da internet se deu em dois momentos: a pesquisa bibliográfica para a complementação do corpo teórico do trabalho e a coleta de dados por meio do site do Jornal o Globo, com recorrências à rede social Facebook, usado neste trabalho como recorte de exemplos práticos de produção no contexto da convergência.

Além do conhecimento dos recursos disponíveis na *Web* e de elaboração de estratégias de busca, é importante que o usuário mantenha organizado e atualizado o seu próprio catálogo ou diretório de endereços de sítios e serviços importantes para o desenvolvimento da sua atividade, para reutilização posterior dos endereços e para contornar as já citadas limitações de sistemas de busca (YAMAOKA, 2008, p. 161).

Entretanto, para além da internet como mecanismo de busca, compreendemos a ferramenta também por meio de uma perspectiva cultural, levando em conta a sua inserção no cotidiano social, inclusive no dia a dia de quem produz e de quem consome notícias. Quando se busca informações na internet para inserir em uma pesquisa, acreditamos na influência de seus efeitos na sociedade, e vice-versa. Nesta pesquisa, embora não tenhamos trabalhado a recepção de informações, atentamos para o modo como o conteúdo jornalístico foi disposto, a partir de suas linguagens diferenciadas a fim de chegar a públicos diferenciados, levando em conta a plataforma ou mídia.

Portanto, há de se levar em conta que a coleta de material na internet numa pesquisa qualitativa esboça análises acerca da disposição do conteúdo e da forma como dialogam produtor e consumir nessa dinâmica, tendo em vista que, a internet é “normalmente compreendida enquanto espaço distinto do off-line, no qual o estudo enfoca o contexto cultural dos fenômenos nas comunidades e/ou mundos virtuais”

(AMARAL, 2001, p. 29). E quando se trabalha com a convergência, no sentido macro o qual foi proposto por Jenkins (2008), – em que há convergência de culturas e não apenas de mídias – esses aspectos em relação aos dois espaços, online e off-line, devem ser levados em consideração.

E a própria noção de Teia Narrativa leva em conta um aspecto dinâmico da internet, que influencia no que se vai estudar, no que se vai coletar. Influencia na análise dos dados e na disposição dos diálogos entre autores dentro da pesquisa. Isso porque a ideia da Teia é também reforçar a premissa de que narrativa é transformação, como lembra Ricoeur (2007), e, quando inserida no ambiente virtual o que a ela se agrega pode ser incontável.

Para além da discussão sobre a internet como objeto e da utilização de aplicativos e ferramentas disponíveis nos próprios ambientes digitais para conduzir a investigação, é necessário considerar sua natureza constantemente mutável e efêmera (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2001, p. 29).

A própria questão do *hype* citado pelas autoras a partir das pesquisas de Jones (1999) retrata ainda essa preocupação à qual se deve ter com a dinâmica da rede mundial de computadores. Entendido no texto como uma moda, tendência ou novidade, o *hype* faz os pesquisadores levarem em conta aspectos positivos em relação às descobertas nesse cenário. “Por outro lado, o foco nos modismos pode implicar um não aprofundamento das questões e em um certo apagamento da perspectiva da história” (AMARAL, 2001, p. 35). E essa é uma preocupação quando lidamos com as perspectivas ligadas à memória e quando unimos essas perspectivas aos contextos da convergência. Justamente porque as buscas que hoje estão ao acesso de grande parte da população conectada podem, em poucos cliques, desaparecerem. Além disso, no contexto jornalístico, o constante lançamento e aplicativos, hotspots, dentre outros que surgem diante dessa necessidade de se adequar às novas tecnologias também devem ser levados em conta diante de uma pesquisa científica. Acrescenta ainda publicação, a necessidade de se pensar a internet não como uma espécie de cultura ou comportamento, mas observá-la em conexões. “A perspectiva da internet como artefato cultural observa a inserção da tecnologia na vida cotidiana” (p. 42).

E o caráter da Teia narrativa (Capítulo 3) é avaliar não apenas os blocos que representam mídias, plataformas, produtos jornalísticos dentro de uma dinâmica da convergência na qual a internet possui papel preponderante, mas avaliar o material

produzido a partir de filtragens, sob o formato da Teia Narrativa, a fim de compreender como se relacionam, como se relacionam com a sociedade e as perspectivas que podem ser encontradas a partir desses estudos. É por isso que, em determinados momentos deste trabalho, encaramos a Teia como parte do procedimento metodológico da pesquisa, tendo em vista a necessidade de organização do material coletado e analisado com base numa estrutura que, nesta pesquisa, escolhemos tomar com base conceitos relacionados a redes.

É, então, com base também na internet que avaliamos os processos jornalísticos e que coletamos dados para pesquisas. Todavia, para além da quantidade de conteúdo, avaliamos o que ele representa dentro de uma estrutura em formato de teia, de uma estrutura efêmera que está em constante alteração e que possui a internet como ponto chave das transformações. Justamente porque a internet “materializa algumas das marcantes características da nossa era, como a sobrecarga informacional, a fragmentação da informação e a globalização, todas provocadoras de estudos, pesquisas e discussões polêmicas” (YAMAOKA, 2008, 147).

4 MEMÓRIA EM REDE: A NARRATIVA DA VISITA DO PAPA AO BRASIL

Depois de percorrer a Avenida Atlântica, em Copacabana, no tradicional papamóvel, agora sem os vidros à prova de balas, Francisco entra no helicóptero, que pousa, após algumas voltas sobre o mar, na extensa área guardada pelos militares do Rio de Janeiro. Gritos de alegria e agonia, de um público restrito, por ver de tão perto um pontífice, se misturam aos flashes que quase nada conseguem capturar da imagem do enviado de Deus ao Brasil. No meio dessa cena estavam alguns jornalistas, ora tentando pegar informação, ora tentando vivenciar a sensação de chegar perto de Francisco, o Papa. Essa sequência de acontecimentos se repetiu durante alguns dias ao longo da Jornada Mundial da Juventude (JMJ Rio 2013). Marcava o fim de cada dia de “trabalho” do Papa em terras brasileiras. Na manhã seguinte, os jornais impressos estampavam em suas páginas todos os passos dele; os detalhes, as palavras, as análises. Entretanto, antes da impressão estar nas ruas, nas bancas, sites do mundo inteiro já haviam publicado, inclusive em tempo real, a peregrinação papal na Cidade Maravilhosa. Ao alcance de um clique no celular, estavam muitas informações. No deslizar dos dedos sobre o *tablets*, mais informações; nos diários virtuais de jornalistas, mais informações.

Tudo isso é memória, está em memória, e o indivíduo conta e interpreta histórias para significar o mundo. Tudo em forma de narrativa, tudo amparado em enredos. No jornalismo, a dinâmica da produção de notícia não foge de aspectos da narrativa, e a veiculação de fatos reais assume esse papel de existir entre o tempo e o espaço. De situar o leitor entre os clássicos questionamentos do tradicional lide e a tecnologia que exige novas linguagens, mas não uma nova essência da produção de notícia. Entretanto, os constantes processos de mudança, além de criar formatos, alterar paradigmas, também ocasionam rupturas que são fruto, por exemplo, das inovações tecnológicas, como o papel da memória na prática cotidiana do jornalismo (PALACIOS 2003).

Em meio ao contexto da convergência onde está imerso também o jornalismo, a prática profissional de contar histórias, por meio de regras e critérios estabelecidos, integra ambientes diferenciados ao de tempos atrás. E continua o jornalismo atuando

como lugar de memória²⁰, ainda que existam muitos elementos de um mesmo fato espalhado por mídias e plataformas distintas. Embora sejam constantes as mudanças na produção jornalística, o sentido se mantém, e o papel da memória nessa prática jornalística também. Mantém-se, então, a recorrência à memória coletiva, ao papel de construir significações, aos lugares de memória (NORA, 1984).

Na atualidade, os periódicos têm buscado alcançar a audiência diante do contexto da convergência, utilizando, por exemplo, estratégias de transmidiação (Capítulo 2) para contar uma história. Ao dispor da narrativa transmídia, ou apenas de estratégias de transmidiação, o jornalismo envolve não apenas uma narrativa, mas diversas, ainda que parta de um fato, como a visita do Papa ao Brasil. E têm sido várias as investidas do jornalismo – assim como de outras atividades relacionadas à mídia – para alcançar o público que há alguns anos não precisa recorrer necessariamente só à TV, rádio ou ao papel para se informar; de chegar onde está o consumidor de informações que, se mantém, por exemplo, *logado* em rede social praticamente o dia todo por meio dos aplicativos de celulares. Então, na prática jornalística, a convergência passa a merecer ainda mais atenção, por exemplo, quando percebemos que instrumentos como as redes sociais pautam o jornal impresso, a TV, o rádio e o próprio online. Nasce então uma narrativa fragmentada em varias plataformas que se complementam ou se completam.

(...) Es que viene a ser una forma de lenguaje periodístico que contempla, al mismo tiempo, distintos medios, con diversos lenguajes y narrativas a partir de muchos medios dirigidos a diferentes usuarios y todo esto gracias a la interactividad del mensaje. (FLORES e RENÓ, 2012, p.16).

A própria aldeia global proposta por McLuhan na década de 1960 encontra hoje, em muitos aspectos, suportes práticos diante do advento da Internet nas mais distintas áreas da vida social. A interação entre homem e máquina reflete a conduta pessoal, mas também as muitas vertentes das relações sociais. Todavia, o avanço da tecnologia em determinadas áreas não necessariamente cria fatos novos, mas altera comportamentos já existentes, principalmente quando essas relações estão permeadas por mídias distintas, presentes em plataformas diferentes, possibilitadas em ambientes outrora paradoxais.

Quando trata da cultura da convergência, Henry Jenkins (2009) ressalta as mudanças de práticas e sentidos a partir de uma nova demanda social e tecnológica, mas

²⁰ Trabalhamos no Capítulo 1 conceitos relacionados à definição de “lugar de memória”, termo do autor Pierre Nora (1984)

deixa claro que o processo acontece não apenas por fora, mas por dentro dos seres humanos. A convergência, diz Jenkins, não ocorre por meio dos aparelhos, mas, sim, dentro dos cérebros das pessoas, que absorvem as mensagens midiáticas e as transformam, por meio de práticas individuais e sociais, a partir da compreensão cotidiana da vida. É a construção da “própria mitologia pessoal”, explica o autor.

Por convergência, refiro-me ao fluxo de conteúdos através de múltiplos suportes midiáticos, à cooperação entre múltiplos mercados midiáticos e ao comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação, que vão a quase qualquer parte em busca das experiências de entretenimento que desejam. Convergência é uma palavra que consegue definir transformações tecnológicas, mercadológicas, culturais e sociais, dependendo de quem está falando e do que imaginam estar falando (JENKINS, 2009, p.29).

No jornalismo, o processo de convergência une plataformas, linguagens, formatos por meio de textos, sons, imagens e, ao alcançar dinâmicas das redações de jornais, chega à produção da notícia, influenciando não apenas na sua estrutura de organização e elaboração, mas nos sentidos que serão a ela atribuídos. E chega também ao leitor, numa via de mão dupla, em que mensagem e receptor adaptam-se porque passaram por processos de transformação. Em um âmbito geral, o autor volta a conceituar convergência, a partir de outros pressupostos, dessa vez, midiáticos:

A palavra que define mudanças tecnológicas, industriais, culturais e sociais no modo como as mídias circulam em nossa cultura. Algumas das ideias comuns expressas por este termo incluem o fluxo de conteúdos através de várias plataformas de mídia, a cooperação entre as múltiplas indústrias midiáticas, a busca de novas estruturas de financiamento das mídias que recaiam sobre os interstícios entre antigas e novas mídias, e o comportamento migratório da audiência, que vai a quase qualquer lugar em busca das experiências de entretenimento que deseja. Talvez, num conceito mais amplo, a convergência se refira a uma situação em que múltiplos sistemas de mídia coexistam e em que o conteúdo passa por eles fluidamente. Convergência é entendida aqui como um processo contínuo ou uma série contínua de interstícios entre diferentes sistemas de mídia, não uma relação fixa (JENKINS, 2009, p. 377).

No processo de convergência, não apenas as informações se cruzam, mas as mídias, linguagens e plataformas são postas no formato de uma teia imaginária, que podemos visualizar e imaginar, em que sujeitos e objetos se relacionam dentro de um todo, gerando diversificados resultados dessa interação, o que pode ser encarado, em diversos momentos, sob o viés de uma rede, em definição de autores como Bruno Latour (2005). Sob esse conceito, avalia-se que a relação entre humanos e não-humanos

resulta em novas produções. Ao tratar da Teoria do Ator em Rede (TAR), o pesquisador explica que, do resultado das associações entre sujeitos e objetos, nasce a rede:

Thus, the network does not designate a thing out there that would have roughly the shape of interconnected points, much like a telephone, a freeway, or sewage 'network'. It is nothing more than an indicator of the quality of a text about the topics at hand. It qualifies its objectivity, that is, the ability of each actor to make other actors do unexpected things. A good text elicits networks of actors when it allows the writer to trace a set of relations defined as so many translations²¹ (LATOURE, 2005, p. 129 apud LEMOS, 2013, p. 53).

Nessa dinâmica da convergência, o jornalismo passa a ser não apenas encarado, mas produzido sob perspectivas distintas. Portanto, diante dessa realidade, a construção da memória coletiva também é alterada, e o próprio caráter do jornalismo enquanto lugar de memória passa a ser visto (produzido, recebido) sob novo viés. Não é mais apenas o que é produzido em site, TV, rádio que, junto com o papel, vai ser tido como esse lugar por meio da qual a história é contada, esse lugar que representa os “restos” deixados para se contar o passado. Os aplicativos, as redes sociais, os blogs, enfim, ferramentas diversificadas ganham notoriedade nessa estrutura de produção da notícia, alterando, portanto, o papel do jornalismo como lugar de memória. Então, a convergência potencializa a construção de uma teia por meio da qual a memória é construída (memória em teia).

Por meio dessa mesma estrutura, chega-se ao contexto da recepção, já que, fazem parte da teia imaginária da convergência as redes sociais. Lá, as pessoas opinam, criticam sugerem, criam. Enfim, interagem entre si e com a redação, contribuindo com a produção da notícia²², inserindo novos aspectos para a construção de uma espécie de narrativa final sobre um acontecimento. Os formatos de armazenamento a longo prazo ainda são questionamentos a serem tratados, no entanto, a forma de se contar um fato, produzir notícia, pensar pautas e reportagens passa por essa recepção, seja na hora da produção ou mesmo na hora da absorção do que foi – ou está sendo – criado.

²¹ “Assim, a rede não designa uma coisa lá fora, que teria aproximadamente a forma de pontos interligados, bem como um telefone, uma auto-estrada, ou "rede" de esgoto. Não é nada mais do que um indicador da qualidade de um texto sobre os temas em questão. Ele qualifica sua objetividade, isto é, a capacidade de cada ator para fazer outros atores fazerem coisas inesperadas. Um bom texto provoca redes de atores quando permite ao escritor traçar um conjunto de relações definidas como muitas traduções (tradução nossa).

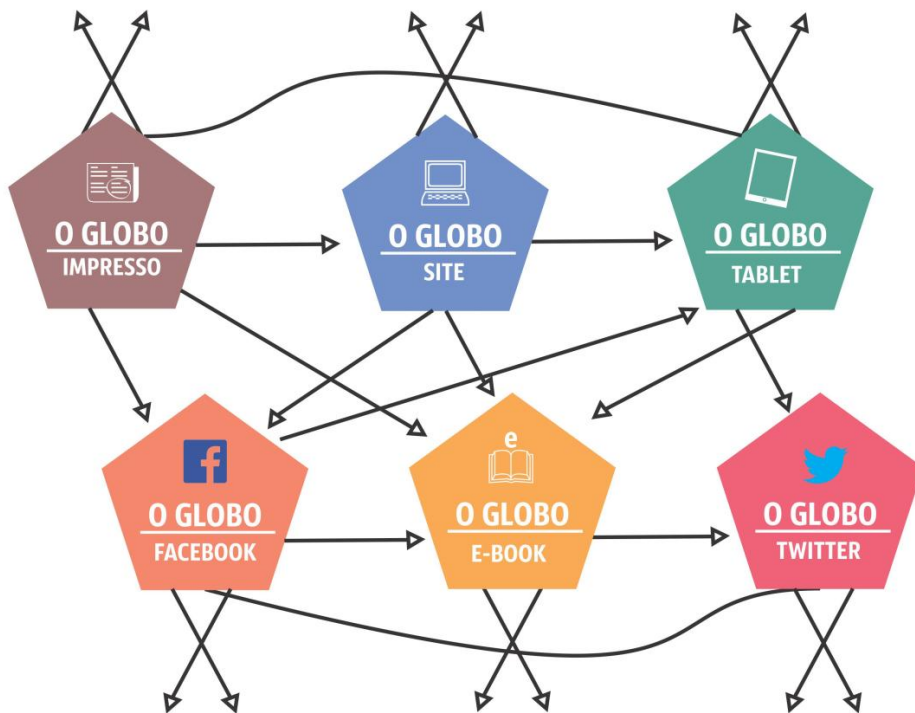
²² Trabalhamos no Capítulo 2 o conceito de “prosumidor”, uma espécie de consumidor que colabora com a produção de conteúdo

Essa memória em teia não possui um caráter fixo, mas a sua estrutura e os resultados gerados a partir dela são constantemente transformados devido à dinâmica das redes sociais, por exemplo. Em muitos momentos, isso se deve ao fato de que nem mesmo os jornais ou a academia sabem ainda como lidar com essa teia que une informações, potencializando a construção da memória coletiva. Entretanto, além de não estar ao acesso da maioria, pode se perder facilmente no ciberespaço.

Atua, então, o jornalismo sob a perspectiva a qual iremos chamar neste trabalho de Teia Narrativa, – uma estrutura proposta, inicialmente, com caráter metodológico de avaliação dos dados desta pesquisa – por meio da qual passa a se dar a construção da memória. Vira, portanto, lugar de memória essa teia, e a construção completa dessa história obtemos ao avaliar todos esses elementos, que, embora se repitam em muitos momentos, têm sempre algo de novo para apresentar, tendo em vista a necessidade de a imprensa construir material para alimentar diferentes mídias e plataformas. Tem-se, então, ao analisar as informações publicadas a partir desse cenário da convergência no formato da Teia Narrativa, a união de textos, fotos, imagens dispostos em mídias e plataformas diferenciadas na narração de um fato, o elemento que irá se comportar como o lugar de memória, dentro da perspectiva jornalística desse papel já atribuído à imprensa há décadas.

Para não ser confundido com a narrativa transmidiática da qual trata Jenkins (2009), deixamos claro que essa estrutura possui, assim como as semelhanças já expressas, diferenças em relação a este conceito, pois, diferentemente da *storytelling*, ela vai, sim, repetir-se em variados momentos, embora sobrevivam seus elementos também sem a necessidade um do outro. Fato importante é que essa Teia, assim como expressa Deleuze (1995), em suas ideias acerca de rizoma, agenciamento e rede, não possuem exatamente um final, pois quando parte para as redes sociais, – pressupostos da cultura da convergência – ou mesmo para as interações sociais tradicionais, entram numa dimensão inimaginável sobre a qual não se tem o controle, já que as interações e repercussões fazem nascer sistemas diversos a partir de uma única narrativa em teia. Na prática, funciona assim: a matéria sobre primeira homilia do Papa Francisco na JMJ Rio 2013 está em texto no site do O Globo, que é postada no *Facebook*, gerando comentários, compartilhamentos e *posts* diversos, migrando, ainda que em parte ou linguagem diferenciada, para a edição impressa do dia seguinte e mais tarde passa a fazer parte de um e-book da empresa.

Figura 1. Teia Narrativa



FONTE: Elaborado pelo autor (2015)

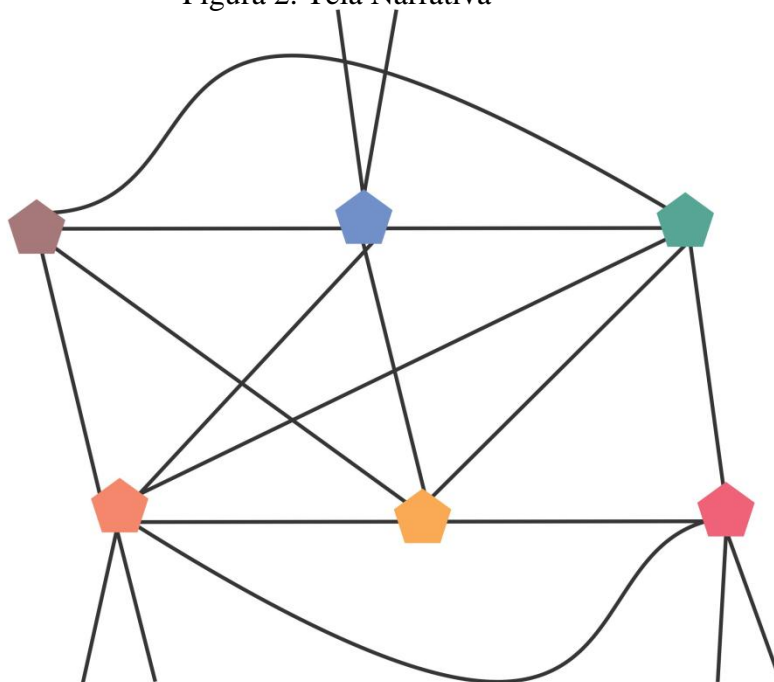
Este esquema inicial de como a Teia Narrativa²³ (Figura 1) configura-se tem os seguintes aspectos: cada um dos seis blocos é um produto da empresa de comunicação O Globo. As setas, que atuam nesse caráter de teia, representam as relações que eles têm entre si, tanto no cruzamento de informações veiculadas, quanto na repetição de material que, embora esteja no *online*, acaba indo, em parte, para a edição impressa do dia seguinte, por exemplo. As setas que apontam para o vazio representam as diversas possibilidades criadas a partir dessa narrativa em formato de teia quando entram, por exemplo, nas redes sociais, e acabam sendo causa de polêmicas, comentários e se tornam outros textos, ou mesmo imagens, e que podem, inclusive, tornarem-se novas pautas para a imprensa (mas que, no entanto, não são objetos desta pesquisa). Tudo sobre um mesmo assunto, aqui retratado por meio da JMJ Rio 2013. Nesse sistema as informações não somente espalham-se, mas relacionam-se, criando novos elementos a partir de sua própria disposição na plataforma definida. Um exemplo inicial é o E-book *Os Encantos de Francisco*, representado por um desses blocos. A publicação é uma reunião de textos e imagens veiculados pelo O Globo ao longo do evento. Há texto e

²³ Estrutura de nossa autoria

imagem inéditos ali, mas que se relacionam com que já saiu em outros produtos do O Globo.

Portanto, se antes não podíamos saber a repercussão de parte do material produzido pela imprensa, hoje temos, ainda que numa proporção pequena e questionável, alguns significados produzidos a partir dessa prática de dispor a informação em formato de Teia Narrativa²⁴.

Figura 2. Teia Narrativa



FONTE: Elaborado pelo autor (2015)

Por fim, essa estrutura da Teia Narrativa tem semelhanças com o de Narrativa Transmidiática, mas nasce justamente da necessidade que tivemos de unir em uma única estrutura essa narrativa (no caso a cobertura da JMJ rio 2013), que não tínhamos como chamar, embora precisássemos avaliá-la enquanto um sistema unido e também levando em conta suas partes, aquelas autônomas e as que são interdependentes.

4.1 AS RAÍZES DA TEIA NARRATIVA

A relação entre humanos e não-humanos resulta em novas produções, avalia Latour (2005) ao tratar da Teoria do Ator Rede (TAR). A ideia do pesquisador é que as redes constroem o social. Isso porque ele acredita que a rede é justamente o que nasce, são as “associações” resultantes dos “actantes”, ou seja, dos componentes humanos e

²⁴ ²⁴ Estrutura de nossa autoria

não-humanos que fazem parte de uma rede. Baseado na teoria de Latour, André Lemos (2013) diz que não há essência nos objetos, apenas associações. Na Teia Narrativa, trabalhamos com as associações entre seus “blocos” – onde também estão inseridas as pessoas, tendo em vista o contexto da recepção –, no entanto, há necessidade de se enxergar como essenciais algumas características desses blocos, para, assim, traçar os diferentes aspectos resultantes das relações que se constroem entre todos os elementos da teia.

Para os estudos de cibercultura, a TAR pode ajudar a revelar associações em fenômenos tão dispares quanto a sociabilidade online, análise dos rastros digitais deixados em diversas ações na internet, as mídias locativas, o corpo e a subjetividade, as interfaces e interações nos dispositivos móveis, a arte, o ciberativismo, o governo eletrônico, os games, a inclusão digital e a IoT [Internet of Things] (LEMOS, 2012, p.34).

Avaliam-se os distintos elementos dessa Teia Narrativa dentro da perspectiva filosófica de Deleuze e Guattari (1995). Em relação ao caráter rizomático atribuído à Teia Narrativa está o fato de o conjunto do sistema ter formas diversas em todos os sentidos, como discorrem os autores ao tratar de rizoma, conceito que vai além, ao citar a multiplicidade desses rizomas e dos processos de ruptura que podem ocorrer a partir deles também.

Um rizoma pode ser rompido, quebrado em um lugar qualquer, e também retoma segundo uma ou outra de suas linhas e segundo outras linhas (...) Todo rizoma compreende linhas de segmentaridade segundo as quais ele é estratificado, territorializado, organizado, significado, atribuído, etc; mas compreende também linhas de desterritorialização pelas quais ele foge sem parar. Há ruptura no rizoma cada vez que linhas segmentares explodem numa linha de fuga, mas a linha de fuga faz parte do rizoma (DELEUZE e GUATTARI, 1995, p. 17).

Se posta diante dos argumentos deleuzianos, a Teia Narrativa apresenta características semelhantes e, ao ser usada como uma espécie de filtro para compreender os processos de produção e disseminação da notícia atualmente, tende a encontrar questões múltiplas sobre as quais estão ancorados esses processos. Sejam essas questões sociais, econômicas, culturais. Isso porque o processo de se fazer jornalismo passa tanto pela prática cotidiana de narrar fatos, com base nos acontecimentos, como na atribuição de significados que se dá ao que é veiculado na mídia.

Quando analisada a partir das rupturas propostas por Deleuze e Guattari encontram-se estruturas independentes e que podem influenciar em diferentes processos sociais, incluindo na forma de se preparar novos produtos jornalísticos, novas pautas,

novas estratégias, inclusive de transmediação, utilizadas diante do processo de convergência. As multiplicidades também encontradas na Teia Narrativa podem ser avaliadas, tanto utilizando os blocos em conjunto, quanto separados, unindo aos questionamentos acerca do caráter rizomático do sistema o agenciamento, tendo em vista a heterogeneidade presente no esquema proposto e nos significados que podem ser atribuídos a ele e ao que representa.

Um agenciamento é precisamente este crescimento das dimensões numa multiplicidade que muda necessariamente de natureza à medida que ela aumenta suas conexões. Não existem pontos ou posições num rizoma como se encontra numa estrutura, numa árvore, numa raiz. Existem somente linhas (DELEUZE e GUATTARI, 1995, p. 16).

Nessa construção, a relação existente no ciberespaço pressupõe a criação de muitas outras perspectivas quando a produção jornalística é encarada sob o viés de uma teia. É a união de estruturas já trabalhadas com sistemas os quais o jornalismo ainda está conhecendo, e as redações ainda tentam se adaptar. Prova disso são as constantes mudanças na tentativa de se criar integração entre as redações impresso e online, pensando no modo como o prosumidor recebe a notícia. Ao serem levados em conta nesse processo todos os elementos que compõem a produção jornalística atualmente, – no contexto da convergência – busca-se a necessidade de perceber as práticas originadas a partir da relação de todos os setores. Mas na tentativa de avaliar o que nasce dessa ligação.

A Teoria do Ator Rede (TAR) aborda alguns aspectos dessa relação entre pessoas e objetos na construção do social. E toma, para isso, conceitos como o de rede para tratar de suas ponderações, nas quais a internet pode ser englobada. André Lemos admite essas associações e ressalta a necessidade de se avaliar essa rede como algo dinâmico, a partir de perspectivas amplas diante dos incontáveis setores sociais nos quais inseridos os indivíduos, a partir de práticas sociais distintas.

Rede, para a TAR, não é infraestrutura, mas o que é produzido na relação entre humanos e não humanos. Não estamos falando de redes de computadores, de redes sociais, de redes de esgoto... Rede é aqui um conceito dinâmico. Não é o que conecta, mas o que é gerado pelas associações. Não é algo pronto, por onde coisas passam, mas o que é produzido pela associação ou composição de atores humanos e não-humanos. Rede não é estrutura, mas o que é tecido em uma dada associação. Quando falamos de rede, estamos falando de mobilidade. Ao olharmos o mundo, vemos redes se fazendo e se desfazendo a todo momento. O conceito de rede visa apreender algo pulsante, o que se

forma e se deforma aqui e acolá pela dinâmica das relações (LEMOS, 2013, p. 1).

Já o caráter rizomático encontrado nas redes, que interfere nas relações sociais e nas produções culturais, também pode ser levado em conta diante das transformações presentes em atividades como a produção jornalística na *web*, considerando ainda as estruturas originadas tanto para a criação quanto para a recepção de informações. A perspectiva dinâmica, heterogênea e com oscilações entre objetos autônomos ou não também podem ser avaliados sob os aspectos delimitados por Deleuze e Guattari (1990), quando os autores lembram, por exemplo, que “qualquer ponto de um rizoma pode ser conectado a qualquer outro e deve sê-lo. É muito diferente da árvore ou da raiz que fixam um ponto, uma ordem” (p.14). Justamente a proposta da Teia Narrativa, de um formato a ser conectado, por diversos ângulos, a qualquer um dos blocos, ou seja, conteúdos presentes na narrativa.

4.2 ENTRE TELAS E PAPEIS: A TRANSMIDIAÇÃO COMO PONTE ENTRE MÍDIAS FORMATOS

A produção jornalística do Jornal O Globo referente à Jornada Mundial da Juventude (JMJ Rio 2013) uniu edição impressa, site, o vespertino digital O Globo mais – edição especial diária para *tablets*, disponível por meio do aplicativo de mesmo nome – além do e-book *Os encantos de Francisco*, publicado poucos dias após o evento. A presença das redes sociais na cobertura do evento foi constante no O Globo. Diariamente, matérias, fotos, galerias de vídeos e informações diversas sobre o evento eram disponibilizadas na página do jornal no *Facebook* e também no *Twitter*. A produção foi toda pensada visando, prioritariamente, o site e a versão impressa, no entanto, com a necessidade de alcançar o leitor, o O Globo se apropriou de estratégias e formatos para chegar a diferentes plataformas.

Os repórteres e editores criaram, inclusive, esquemas especiais de cobertura para que o prosumidor pudesse estar atento não apenas à visita, mas às alterações na cidade, como trajetos, trânsito, ocupação da orla de Copacabana, enfim, às interferências urbanas que a visita representava. Para isso, jornais como O Globo

precisavam estar presentes em diversas plataformas gerando informações em formatos variados para atender à demanda da convergência.

O digital não é o futuro, o digital é o presente. E esse digital vai mudar. Tudo vai mudar. TV, rádio e evidentemente que vai mudar o mercado d jornais, já está mudando e a gente tem que se preparar, inclusive, pra perspectiva no caso do jornal, pode ser que aconteça. É impossível saber se vai acontecer ou não, mas pode ser que aconteça que o jornal vai acabar (informação verbal)²⁵.

Como o centro da cultura da convergência, a narrativa transmídia é um dos aspectos à qual o jornalismo tem recorrido na produção de conteúdo atualmente. No entanto, compreendemos que as experiências de jornalismo transmídia ainda são pouco palpáveis, principalmente quando se trata de matérias factuais. O que não nos impede de enxergar, na produção hard News, características originadas na construção de narrativas transmídia, ou seja, aspectos do jornalismo transmídia. Examinando com mais cuidado, entendemos também que, sem condições de alcançar as demandas da narrativa transmídia, o jornalismo – assim como outras produções, como as televisivas – acaba se encaixando nas perspectivas das estratégias de transmidiação (ver definições e classificações no Capítulo 2). Nesta pesquisa, trabalhamos com a perspectiva de que O Globo utilizou na cobertura da visita do papa ao Brasil estratégias de transmidiação para tentar envolver o leitor, que hoje dispõe não apenas de aparelhos diferenciados para consumir informações, mas está presente em diversos ambientes, além do impresso, onde o jornal tenta chegar, como os *tablets*, *smartphoes*, site, redes sociais. Entretanto, ao examinarmos a heterogeneidade do conteúdo produzido, encontramos aspectos oriundos das experiências de jornalismo transmídia (FECHINE et al., 2013; FLORES e RENÓ, 2012; MOLONEY, 2012).

Nas edições impressas, entre os dias 21 e 29 de julho, O Globo publicou cadernos especiais diários sobre a jornada mundial, cada um com 10 páginas e informações de todos os tipos, acerca de religião, do Papa, estrutura e falhas de trânsito – com gráficos de desvios e sugestões de deslocamentos – e segurança do Rio de Janeiro, chegada e convivência de peregrinos, dentre outros (a lista com detalhes sobre os cadernos especiais está nos Anexo número 1). No dia 30 de julho, o jornal ainda deu um amplo espaço, com 11 páginas sobre a jornada, mas dentro do primeiro caderno. No site do O Globo, foram contabilizadas para esta pesquisa 230 publicações – entre os dias

²⁵ Trecho da entrevista realizada, em agosto de 2014, com o então editor executivo do jornal O Globo, Pedro Dória.

15 e 30 de julho de 2013 – entre matérias, vídeos, infográficos, galerias de fotos, assim como acompanhamento ao vivo das palavras do Papa Francisco nos eventos dos quais participou. Pela grande quantidade de material veiculado no site e impresso, optou-se neste item usar exemplos da relação entre as duas mídias, tendo em vista as suas disposições dentro da Teia Narrativa proposta neste trabalho, utilizada para avaliar a narrativa construída, por meio de diversas mídias, formatos, plataformas e linguagens sobre a visita do Papa ao Brasil.

Entre uma e outra publicação, a edição impressa chamou outras mídias ou ambientes em que havia publicações sobre a jornada. Utilizando textos ou ícones para tentar levar o leitor para outros locais com dados sobre o evento. Um exemplo do cruzamento de informações dentro dos elementos dispostos na teia narrativa, em que as informações se cruzam, construindo uma narrativa autônoma, porém interligada por material informativo, está a capa do Jornal O Globo do dia 23 de julho. O caderno especial, composto de 10 páginas, trata do encontro do Papa com Dilma, ressalta os protestos ocorridos, entrevista Leonardo Boff, relata os transtornos do pontífice ao ficar preso no trânsito logo que chegou ao Rio de Janeiro no dia anterior e traz uma menção ao O Globo a mais, vespertino para *tablet*. Embora não chame, em nenhuma página, o material disponível no O Globo a mais, há uma relação entre as duas mídias porque, uma das matérias da versão para *tablet* conta a história de um motorista de ônibus que ficou preso no trânsito, e da emoção de ver de tão perto o Papa.

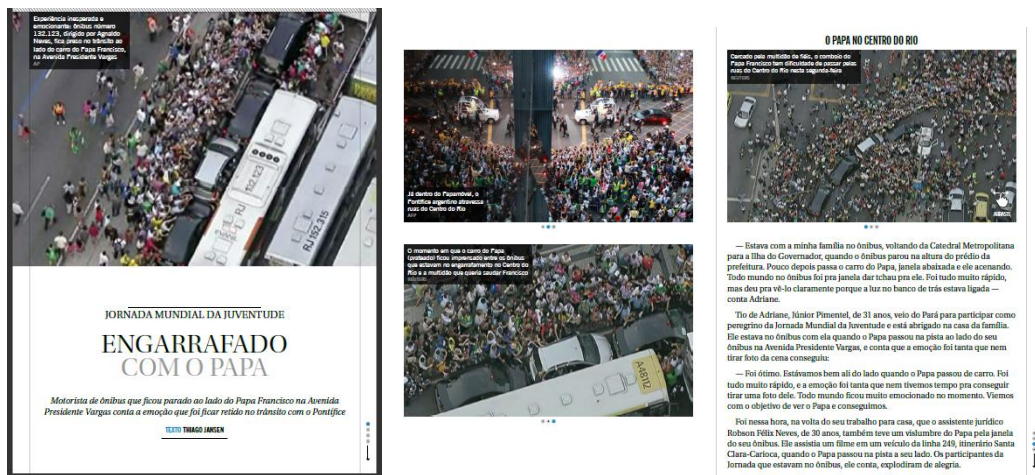
Figura 3. Edição O Globo impresso do dia 23 de julho de 2013



FONTE: Jornal O Globo

Não edição do jornal impresso, páginas 4 e 5 (figura 03) do caderno especial, os textos relatam o transtorno causado no trânsito da Avenida Presidente Vargas no dia 22 de julho, detalha fala de especialistas sobre as falhas na segurança do pontífice e exhibe grandes fotos que dão uma dimensão de como estava o Rio de Janeiro naquele momento, abarrotado de pedestres entre veículos tentando de uma forma desesperada chegar mais perto de Francisco.

Figura 4. Edição O Globo impresso do dia 23 de julho de 2013



FONTE: O Globo a mais

Já na edição do O Globo a mais, o repórter investe na história do motorista de ônibus Agnaldo Neves, que precisou ficar parado ao lado do carro onde estava o Papa Francisco na Avenida Presidente Vargas. O texto ressalta a emoção do condutor, revela que ele tentou tirar uma foto e de como a cena foi inusitada e representativa pra ele. O material traz ainda a percepção da jovem Adriane Sena, de 14 anos, que, à noite, viu o Papa passar pela janela do seu ônibus, também na Avenida Presidente Vargas, após visita do pontífice à Catedral Metropolitana e depois de seu discurso no Palácio Guanabara. Há ainda o relato do assistente jurídico Robson Félix Neves, de 30 anos, também emocionado por ter visto de perto Francisco no trânsito. O material é uma espécie de desdobramento do que ocorreu, sob a percepção de personagens que relatam suas sensações ao ver de perto o Papa. Sob as perspectivas da Teia Narrativa, compreende-se esse material como uma vertente do material publicado na versão impressa do Jornal O Globo. São três histórias em meio à multidão da qual se referia o jornal impresso, que tratou, conforme critérios de noticiabilidade, das questões gerais do

engarramento da cidade, com imagens, números, rotas e questões maiores, que interferem de modo prático na vida da sociedade organizada, já que o evento mexeu na estrutura de trânsito e segurança de milhares de pessoas.

Quando encarado sob os princípios de Moloney (2011) ao traçar características do jornalismo transmídia, podemos perceber no material, entre outros aspectos, o princípio intitulado pelo autor de “*Drillable*”, uma espécie de ligação entre conteúdo da narrativa, de modo que, embora o leitor consiga transitar entre as partes percebendo suas ligações, haja a possibilidade de cada uma ser compreendida de separadamente.

Em outra dessas estratégias, O Globo utilizou sua página na rede social *Facebook* a fim de chamar os internautas para o jornal impresso. Para isso, publicou ao longo de uma semana imagens das capas do jornal logo cedo. Como a ideia era realmente aguçar a curiosidade quanto ao papel, o periódico não disponibilizava nessas postagens *link* nenhum que remetesse ao site. Além de curtidas e compartilhamentos na rede, a iniciativa gerou milhares de comentários de internautas sobre a matéria, assim como o momento, com tons políticos, religiosos e sociais. Parte deles eram críticas e a outra parte eram elogios à presença do Papa no Brasil.

Nas postagens no *Facebook* das capas de 21 a 29 de julho, foram contabilizadas 10.745 curtidas, 6.038 compartilhamentos e 2.392 comentários²⁶. Toma-se com um dos exemplos, o domingo, 21 de julho. O Globo postou logo cedo a capa do jornal impresso (Fig.4), que continha material especial sobre a visita do papa ao Brasil, assim como questões ligadas à Jornada Mundial da Juventude (JMJ).

²⁶ Material coletado em 16 de outubro de 2014. Tendo em vista que as postagens continuam ativas, os números podem ser alterados constantemente

Figura 5. Capa do O Globo de 21/07/2013 em postagem no Facebook



FONTE: Facebook

Além de 112 compartilhamentos e 350 curtidas, a postagem do Facebook rendeu 79 comentários, tendo como um dos assuntos principais os protestos que ocorriam na época, assim como comentários políticos e sobre tabus, como a legalização do aborto. Muitos dos comentários são respostas a assuntos mencionados por outros internautas no mesmo *post*. Dentro do caderno especial, composto por 10 páginas, momentos históricos eram ressaltados. Para facilitar a apreensão do leitor, o periódico criou um infográfico ressaltando todas as Jornadas Mundiais da Juventude, com dados relacionados a número de participantes, ano e país de realização. No topo do infográfico, a foto era do papa Bento XVI, que, excepcionalmente, renunciou ao cargo no carnaval de 2013, cedendo lugar para a eleição de um novo papa, na qual Francisco foi escolhido.

Já na edição do dia 27 de julho – “Um amigo de fé” – mais uma vez postada na página do O Globo no Facebook, as menções ao passado estão no primeiro parágrafo no texto que abre a manchete. A edição do dia 27 de julho tem matéria sobre a simpatia do pontífice e de como ele foi bem recebido por brasileiros e estrangeiros. Ressaltou ainda a emoção dos fiéis durante a Via Sacra, em Copacabana. Dá dicas e informações acerca da peregrinação – que antes seria para o *Campus Fidei*, e acabou sendo transferida para Copacabana – como preparação para a Vigília, o ponto alto da Jornada Mundial da Juventude. Detalhou novamente esquemas de segurança e as interdições no trânsito e o encontro do Papa com cinco jovens infratores, que tiveram os pecados perdoados pelo Papa. O editor lembrou, então, que o Papa havia sido escolhido há pouco meses e

comparou a visita de Francisco à do Papa João Paulo II. A postagem ganhou 1.482 curtidas, além de 921 compartilhamentos e 1.69 comentários. Mais uma vez, não apenas o teor do material foi alvo dos debates a rede, mas o cenário político e social, assim como questões religiosas. Dentro do periódico, uma matéria intitulada “‘Candelária nunca mais’, exclama Papa”, ressalta o discurso do pontífice em relação à violência contra meninos de rua, lembrando a Chacina da Candelária, que na época estava completando 20 anos.

Figura 6. Capa do O Globo de 27/07/13 em postagem no Facebook



FONTE: Facebook

Na capa do dia 28 de julho, a estratégia da edição foi recorrer ao passado mais próximo. Então, logo na chamada principal, “À espera de Francisco”, o texto faz uma menção a problemas estruturais ocorridos não apenas na JMJ, mas durante a Copa das Confederações, tidos como empecilhos para os eventos que seriam realizados a partir de então no Rio de Janeiro. No fim, o texto dá destaque à pane no metrô da capital fluminense, que prejudicou milhares de peregrinos no início da Jornada.

O passado está também nos discursos das fontes entrevistadas. Em um dos textos do último caderno especial sobre a visita do Papa, publicado em 29 de julho, a fala de um seminarista – referindo ao local da próxima JMJ com a presença do papa – escolhida para ilustrar a matéria expressa sua recorrência à memória: “Lembro-me da edição polonesa de 1991. A peregrinação não me sai da memória. Vai ser muito especial voltar”. A análise gerou um movimento entre a edição impressa do jornal e as postagens geradas na rede social ao longo da semana. Outras publicações na rede remetiam o leitor

para textos publicados no site do O Globo também com material relacionado à visita do papa. Tudo como formas estratégicas de chegar onde o leitor está em garantir cliques nas matérias, além de tentar a venda do impresso e leituras posteriores que levam, por exemplo, ao O Globo a mais. É o que Fechine et al. (2013) chama de Estratégia de Propagação, do tipo classificado pela autora como Conteúdo de Antecipação, que visa levar o conteúdo de uma mídia para outra plataforma a fim de despertar o interesse do consumidor e levá-lo a outros suportes, mídias, ambientes, plataformas. É o que acontece quando se publica nas redes sociais digitais a foto da capa do jornal impresso; ou quando se posta no *Facebook* o *link* de uma matéria publicada no site do O Globo.

Em outro momento, antes da jornada mundial começar, O Globo publicou em seu site uma lista de músicas em um texto de apenas um parágrafo, sob o título “Dez músicas que serão tocadas na JMJ” (Fig. 6), que leva o leitor diretamente ao site *Youtube*, mas antes do direcionamento, dá ao consumidor a possibilidade de escolher exatamente a música que quer ouvir. O material não tem data de publicação, mas sabe-se que foi exibido antes do evento se iniciar, pois a ideia era justamente que os peregrinos chegassem ao evento com as músicas decoradas. Pode ser também entendida como uma Estratégia de Propagação, conforme Fechine et al.

Figura 7. Publicação no site O Globo



FONTE: site O Globo

Compreende-se neste momento que, não necessariamente, o leitor muda de mídia ou mesmo de plataforma para consumir o material musical, no entanto, conforme as pesquisas de Flores e Renó (2012), identificamos alteração nos formatos de linguagem do conteúdo para o qual o leitor é direcionado. Ao acessar o site de vídeos e músicas, o espectador se mantém dentro da narrativa proposta pelo O Globo, a de

consumir informações sobre a Jornada Mundial da Juventude (JMJ Rio 2013). Em um novo ambiente, por meio de novas ferramentas, o leitor pode ainda criar em seus círculos de conversas, compartilhamentos do material, estando ou não no ambiente virtual. O conteúdo, portanto, pode avançar, dentro da perspectiva da cultura da convergência, ainda mais quando se compreende que a JMJ reuniu pessoas de diferentes países do mundo.

Em mais uma dessas estratégias de veiculação de conteúdo pensando nos formatos diferenciados, O Globo trabalhou durante a JMJ uma série de comentários acerca do Papa, recém-escolhido, sua primeira visita internacional, e o fato de o pontífice ter vindo ao Brasil participar de um megaevento como a Jornada Mundial da Juventude. Para isso, o jornal criou uma estrutura para veicular diariamente comentários de um conhecedor dos assuntos ligados à Igreja e ao Papa, o jornalista Luiz Paulo Horta – falecido ainda em 2013, logo após a jornada. O material²⁷ publicado todos os dias no site do O Globo em forma de vídeo, também era veiculado diariamente na edição impressa.

Na edição do dia 30 de julho, o Papa já havia ido embora, a JMJ havia acabado, mas restavam ainda nos jornais as avaliações de especialistas sobre a Igreja, a economia, a segurança, o trânsito, a política governamental. Em vez de um caderno, como havia feito até o dia anterior, O Globo publicou uma espécie de balanço, de 11 páginas, acerca da jornada mundial. Na Capa, que traz como manchete a chamada “Papa moderniza discurso sobre gays, mulheres e divorciados”, ainda está bem presente o tema Papa e JMJ. A publicação impressa chama para um QRcode por meio do qual o leitor assiste, no site do periódico, o curta *Silêncio e Som*²⁸ de autoria de Eduardo Nunes elaborado a pedido do jornal para a sessão “LOGO +”. O material é uma seleção de imagens relacionadas ao dia a dia na JMJ Rio 2013, mas em um formato diferenciado em que os sons do ambiente e da natureza são protagonistas da narrativa. Em vez de uma narração ou falas direcionadas de personagens, o vídeo traz o barulho da chuva caindo, vozes e cantos de peregrinos e mostra locais do Rio de Janeiro onde ocorram programações do evento. O material é uma nova extensão da narrativa, que leva o consumidor a outro ambiente, acrescentado algo a mais no conteúdo já veiculado pelo

²⁷ A seleção de comentários está disponível no link <http://infograficos.oglobo.globo.com/cultura/veja-as-analises-de-luiz-paulo-horta-sobre-a-jmj.html>

²⁸ Vídeo está disponível no link <http://oglobo.globo.com/videos/video/?idv=2722471>

jornal. Aqui, mais uma vez, vemos a adaptação de formatos e linguagens, conforme ressaltam Flores e Renó (2012), quando tratam do jornalismo transmídia.

Quando observamos ainda esses exemplos do O Globo, a partir das pesquisas de Moloney (2011), percebemos acentuado o princípio “*Immersive*”. Essa é uma das características do jornalismo transmídia por meio da qual cada história precisa ser construída levando em conta formatos e linguagens específicas que consigam chamar a atenção do espectador, a fim de que haja uma ligação entre produto e consumidor.

4.3 APLICATIVO O GLOBO A MAIS

A cultura da convergência chegou nas redações de jornais há alguns anos. Foi se instalando, ora lentamente, ora de forma ágil no cotidiano dos editores e repórteres e, diariamente, tenta-se adaptar as formas de se produzir conteúdo jornalístico diante da dinâmica das novas tecnologias. Pensando nisso, o jornal O Globo, por exemplo, fez uma série de modificações entre os anos de 2009 e 2012, principalmente, para integrar redação impresso e online. A ideia, seguida ou antecedida por outros grandes jornais, é de que a produção do conteúdo, independentemente da mídia, seja unificada. No entanto, embora haja a preocupação de alimentar, inovar e manter a qualidade da edição impressa, a grande dedicação atual dos grandes jornais é para alimentar plataformas digitais, de forma rápida e tentando garantir qualidade – o que ainda vem sendo realizado a lentos passos tendo em vista que grande parte do que está publicado em sites de notícias são materiais de baixa qualidade jornalística, com falhas de apuração, de gramática e até de digitação.

A gente tem que começar a ter consciência de que estamos indo para o mundo que é digital, e esse mundo não é trivial, não é trivial porque ele não foi inventado ainda. E a verdade é a seguinte: a gente não está no ramo de imprimir e distribuir papel. A gente está no ramo de um formato em profundidade. Do ponto de vista exclusivamente da redação, tanto faz se o jornal vai continuar existindo ou não, O importante é que a gente tenha um meio através do qual a gente consiga sustentar uma redação. Que tenha a capacidade, o folego (Informação verbal)²⁹.

²⁹ Trecho da entrevista realizada, em agosto de 2014, com o então editor executivo do jornal O Globo, Pedro Dória.

Diante do declínio de anunciantes nos jornais impressos, conforme cita o jornalista entrevistado, nos últimos anos, estratégia do jornal O Globo foi então focar nos assinantes. Em vez de buscar publicidade para o site e os produtos para as plataformas digitais, a direção da empresa admitiu a necessidade de buscar renda por meio de assinaturas e não mais primordialmente por meio de anúncios, como ocorre em qualquer impresso do mundo.

Como nosso foco agora é nosso leitor assinante, a gente passa a se preocupar menos com *pageviews* e passa a tentar atender o melhor possível o leitor. E pra fazer isso de repente a gente oferece páginas, notícias que são mais brancas, pra não ficar distraindo o cara. Pra ele poder mergulhar no texto. a gente tem uma homepage agora que é muito mais ampla, porque a nossa produção de notícia é muito maior. Produção de análise, de vídeo (Informação verbal)³⁰.

Um dos exemplos dessa aposta no meio digital é, portanto, o O Globo a mais, uma publicação diária do jornal voltada para *tablets*, mas que também pode ser acessada em celulares ou lido em formato PDF no computador. Durante a Jornada Mundial da Juventude, o Globo fez uma série de 12 publicações na ferramenta referentes ao evento. Parte do material também chegou a ser veiculado na edição impressa do site, mas há no material, informações detalhadas sobre personagens e momentos marcantes. É como se o jornal tivesse optado por levar um algo a mais acerca do evento para o público da ferramenta.

Como esse item também faz parte da narrativa relacionada à vinda do Papa ao Brasil, e está presente na Teia Narrativa relacionada ao evento, optamos por, em vez de detalhar o material – também em função da quantidade de informações – dar exemplos dos cruzamentos de informações dentro da perspectiva da convergência, em que algumas vezes podemos enxergar a presença de estratégias de transmidiação e características do jornalismo transmídia na produção desse conteúdo e na relação entre a edição impressa do jornal e o O Globo a mais.

Um exemplo é a edição impressa do dia 23 de julho, uma das matérias publicadas, na página 5, “Perto de Cristo, mas cheio de problemas”, faz parte do conteúdo diário da publicação voltada para *tablet*, O Globo a mais. No fim do texto, um

³⁰ Trecho da entrevista realizada, em agosto de 2014, com o então editor executivo do jornal O Globo, Pedro Dória

ícone revela ao leitor que o conteúdo faz parte do O Globo a mais. É uma estratégia de tentar levar o leitor a outra mídia. A edição impressa do O Globo, do dia 24 de julho, com capa intitulada “Via Crucis para ir à missa” trata de comunidades católicas, da visita do Papa ao santuário de Aparecida, do trânsito no entorno dos eventos da JMJ. Traz ainda uma matéria sobre um protesto em que um jornalista japonês saiu ferido e indica, por meio de um ícone, que o material está presente no O Globo a mais, publicação disponível para *tablet*.

Figura 8. Ícone chamando para edição do a *tablet*



Fonte: Jornal O Globo

No impresso, a matéria possui o título “Protesto violento muda pauta de jornalistas estrangeiros”. No *tablet*, o título é “Pedras na rota da mídia estrangeira”. O impresso chama pro *tablet*, mas este não menciona o jornal impresso. O conteúdo é quase o mesmo com poucas frases alteradas (Figuras 8 e 9). Já a edição impressa do dia 29 de julho ressalta a entrevista do Papa ao Fantástico; da fala do pontífice estimulando os jovens a protestar; do encerramento da JMJ. A edição traz a matéria “Amores peregrinos”, que também está disponível no O Globo a mais. Na edição disponível para *tablets*, o material é estendido, com entrevistas a maior número de casais, além de uma galeria de fotos.

Figura 9. Edição impressa



Figura 10. Edição
O Globo a mais



Podemos avaliar os exemplos também a partir do trabalho de Fachine *et al.* (2013), dentro da perspectiva da Estratégia de Propagação em que, por meio de Conteúdos Formatados, está o conceito de Recuperação, quando há a possibilidade de o consumidor resgatar, por meio da internet por exemplo, o que já foi veiculado. Se encarado sobre os aspectos da Estratégia de Expansão, avaliamos a presença de Conteúdo de Extensão Textual, em que há desdobramentos de informações, como quando o O Globo a mais publica informações específicas e sensações de personagens que estiveram no engarrafamento que encurralou o Papa no Centro do Rio. Sob as perspectivas de Moloney (2011), dentre outros aspectos, observamos as publicações do O Globo a mais utilizando características do princípio intitulado “*Drillable*” – em que há ligação entre diferentes conteúdos de uma narrativa jornalísticas – assim como a partir do princípio “*Continuous and Serial*” – por meio do qual há uma continuidade, em outra mídia, de uma história contada.

4.4 E-BOOK “OS ENCANTOS DE FRANCISCO”

Os acontecimentos que ocorreram em torno da visita do Papa ao Brasil durante a Jornada Mundial da Juventude permaneceram por muitos dias após a volta do pontífice

para o Vaticano, nos jornais do mundo inteiro ainda repercutiam, dias depois após o evento, informações sobre Francisco, a Igreja, o Rio de Janeiro, os fiéis. A memória coletiva deu o tom do que se seguiu antes, durante e depois da JMJ Rio 2013 por meio da cobertura jornalística, e os “restos” de acontecimentos, mencionados por Pierre Nora (1984) em sua obra sobre lugares de memória, se estenderam nos registros dos fatos em diferentes plataformas.

O Jornal O Globo foi um dos que manteve repercussões sobre a vinda do papa mesmo após a sua partida e um dos exemplos é o e-book “Os encantos de Francisco”, um registro, em 256 páginas, do que o jornal considera os principais momentos do Papa no Brasil. Nesta pesquisa, o material também é considerado um dos blocos da Teia Narrativa, por meio do qual informações de outras publicações e plataformas referentes à cobertura da JMJ se cruzam, como parte de um agenciamento – conforme conceito de Deleuze e Guattari (1995) – relacionado à narrativa sobre a vinda do Papa ao Brasil.

O e-book foi disponibilizado para download no dia 26 de agosto de 2013, quase um mês após a JMJ Rio 2013, e traz uma reunião das principais matérias publicadas na edição impressa do O Globo ao longo da JMJ. O Globo veiculou, tanto em sua edição impressa quanto no site uma matéria³¹ falando do lançamento e dando detalhes da publicação. O e-book está disponível na loja da Apple e Google Play (pelo preço de USD 1.99), sendo compatível com Android e iOS, mas também pode ser lido em PDF no computador. O livro é dividido da seguinte maneira:

Introdução. Por Deborah Berlinck, correspondente no Vaticano, que conta, por meio de texto escrito em primeira pessoa, os encontros que teve com os dois papas, Bento XVI e Francisco. Com detalhes acerca do que sentiu e viu nas duas ocasiões, com ênfase no encontro com Francisco, mais recente e mais demorado, já que viajou, na ida e na volta, no mesmo avião que trouxe e levou o Papa Francisco ao Brasil.

Parte I – O Papa. Este item contém 21 textos, entre matérias, artigos e entrevistas relacionados aos discursos de Francisco, os significados de algumas posturas em relação à posição quanto aos fiéis e a Igreja e análises de algumas falas do papa em relação a temas polêmicos dentro Igreja.

Parte II – A Cidade. Com seis matérias, essa parte funciona como um panorama do Rio de Janeiro nos dias nos dias em que o evento ocorreu, trazendo informações sobre o trânsito caótico, os desvios, a chuva, pontos turísticos, a segurança, entre outros.

³¹ Matéria está disponível no link <http://oglobo.globo.com/rio/os-sete-dias-do-papa-no-brasil-9748919>

Parte III – O catolicismo. Nessa reunião de cinco textos, o e-book traz, além de matérias relacionadas à religião, peculiaridades sobre os peregrinos, análises sobre temas polêmicos referentes ao catolicismo, pesquisa retratando o número de católicos e algumas dificuldades enfrentadas pela Igreja na tentativa de se manter ativa no mundo.

Fotogaleria I – O carisma de Francisco. São 17 fotos de Francisco em momentos marcantes, mas também singelos durante a JMJ, como o momento em que ele coloca os óculos sozinhos, – tradicionalmente os papas são auxiliados mesmo neste momentos simples, o que Francisco dispensa – o encontro do Papa com uma tribo indígena, o engarrafamento que prendeu o pontífice no Centro do Rio, e onde ele se manteve de vidros baixos, contrariando os protocolos de segurança de um líder de Estado, momentos dele durante a celebração de missas, encontro com crianças, dentre outros.

Fotogaleria II – Cidade peregrina. Há fotos paisagísticas do Rio de Janeiro, como a sombra do Cristo Redentor em meio às nuvens no Corcovado, contraluz de fiéis, lotação na Praia de Copacabana, que chegou a reunir cerca de 3 milhões de pessoas, superando todas as planejamentos do evento, reunião de peregrinos em momentos de oração e também de descontração, além de fatos inusitados, como a montagem de um altar improvisado nas areias de Copacabana.

Apêndice I – As colunas de Luiz Paulo Horta. São 9 textos do jornalista, a que, inclusive, o livro é dedicado, tendo em vista a sua morte poucos dias após a JMJ. O material, que também foi publicado no impresso e disponibilizado em vídeo no site, traz análises e dados sobre o Papa Francisco, mas também de outros pontífices, assim como informações específicas sobre o Vaticano, já que Horta era especialista nesse tipo de assunto.

Apêndice II – As colunas de Frei Beto. Traz os 9 artigos publicados, diariamente, pelo Frei na edição impressa. Tudo também com informações e análises específicas sobre religião, papas, Vaticano e símbolos do catolicismo.

Apêndice III – Os discursos do Papa. Reúne os 8 discursos, na íntegra, proferidos pelo Papa Francisco nos eventos dos quais participou ao longo da JMJ Rio 2013. O livro especifica o dia e local onde cada um foi realizado.

Além de encarar o e-book como um registro do que ocorreu, como um exemplo de como o jornalismo pode se comportar enquanto lugar de memória nessa cultura da convergência, compreendemos a publicação como uma estratégia de transmidiação utilizada pelo Jornal O Globo para ir a diversas plataformas em busca do consumidor. E embora entendamos que o material é uma série de repetições do que já havia sido

publicado pelo Jornal, avaliamos o material como referencial importante na produção de conteúdo no modo atual de se pensar o jornalismo, por isso a necessidade de incluí-lo dentro da estrutura da Teia Narrativa. E, apesar de não haver referência entre o livro e as demais mídias e plataformas onde os textos estão presentes, a publicação é uma forma de o leitor compreender mais profundamente alguns dos temas tratados, já que, como nem todos leram as publicações diariamente, a reunião de informações no e-book facilita a apreensão e armazenamento de informações por parte do consumidor.

Por fim, observamos que, em relação às Estratégias de Transmídiação, não encontramos, no recorte utilizado neste trabalho, a presença de Conteúdos de extensão Lúdicas – presente nas Estratégias de Expansão dos conteúdos de Extensões Diegéticas – que levam o receptor à participar da história por meio de iniciativas de diversão, como jogos, por exemplo. Também não encontramos a presença de Extensões de Marca, também parte das Estratégias de Expansão, e que motivam o consumo de produtos relacionados à história contada, como a venda de materiais ligados a algum personagem da narrativa. No entanto, enfatizamos que a ausência dessas estratégias nesse recorte não inviabiliza a presença em outros materiais relacionados à cobertura da JMJ Rio 2013 pelo O Globo, tendo em vista quantidade de material veiculado ao longo do evento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O jornalismo hoje é esse lugar de memória em rede, sem começo e sem fim, por meio do qual narrativas são construídas, distribuídas e acessadas através de mídias, plataformas e linguagens diversas. Como lugar de memória, hoje, o jornalismo assume esse papel de transpor culturas, diante da convergência, levando ao espectador histórias reais a partir desse cenário em formato de teia, em que os elementos da narrativa, embora se complementem, conseguem ser visualizados e compreendidos de forma autônoma. O jornalismo como lugar de memória é uma espécie de agenciamento, com as características oriundas dos tradicionais critérios de noticiabilidade, mas imerso em realidades distintas por meio das quais se constrói esse sistema de informações, disponível em diferentes ambientes e que, embora possa se perder em meio às diferentes rotas existentes a partir das novas tecnologias, está também ao alcance de muitos, com agilidade e formato, fortalecendo seu papel como fonte de informação, formação e também pesquisa histórica. É o jornalismo um dos caminhos por meio dos quais podemos significar o mundo, compreendendo, a partir da cultura da convergência, as diferentes perspectivas de uma narrativa. Nesse contexto, o jornalismo mantém o seu sentido de informar, mantém seu *status* de lugar de memória, mas ganha atributos que o atualizam enquanto prática social, efêmera, mas dotada de credibilidade.

O conteúdo melhorou, se tornou mais amplo. Antes a gente era limitado pelo espaço que o jornal tem. A gente leva ao leitor quase 100% da nossa apuração. Quase toda nossa apuração é levada ao leitor. N[os levamos mais informação ao leitor. Então, todas as notícias às quais nós chegamos são levadas ao leitor. Nesse sentido do registro histórico, você tem mais notícia sendo publicada. Coisas que às vezes no jornal saem como nota hoje é publicada como matéria inteira. Coisas que, sequer seriam publicadas, viram três parágrafos no site. Então, a gente tem a capacidade de fazer uma cobertura muito mais ampla, de publicar muito mais análises. Nesse sentido a internet melhora o jornalismo (Informação verbal)³².

Compreendemos que, muitas vezes, repórteres e editores não estão produzindo conscientemente narrativas transmídia ou usando estratégias de transmídiação, conforme os conceitos dos autores utilizados neste trabalho. No entanto, quando se

³² Entrevista realizada, em agosto de 2014, com o então editor executivo do jornal O Globo, Pedro Dória.

avalia uma cobertura como a da Jornada Mundial da Juventude (JMJ Rio 2013), conseguimos perceber, em meio às peculiaridades da produção jornalística, os rumos seguidos já por outros ramos dentro do viés da convergência, da narrativa transmídia. Sabemos ainda que, na realidade factual do jornalismo, trabalhar a narrativa transmídia ainda é um desafio, entretanto, nessa ânsia de acompanhar os avanços tecnológicos e sociais, a produção *hard news* do O Globo alcançou em diversos aspectos as perspectivas da transmidiação, seja com características da narrativa transmídia, seja por meio das estratégias de transmidiação.

O fato é que, ainda que na correria de se produzir conteúdo para diferentes plataformas diariamente, todo o conteúdo do O Globo pode ser encarado como uma grande narrativa que conta a história da vinda do Papa Francisco ao Brasil em julho de 2013. E todas as vertentes dessa vinda que inclui a recém-escolha do Papa, o fato de ele ser o primeiro pontífice latino-americano e de ser a sua primeira visita oficial a outro país – além das incontáveis histórias de personagens e acontecimentos todos relacionados ao Papa – fazem parte dessa narrativa que, agora, está disposta em diferentes mídias e plataformas. Com isso esse cenário revela que o jornalismo, embora mantenha entre suas essências o fato de documentar acontecimentos, tem seu caráter atualizado quando se percebe uma gama maior de conteúdos e peculiaridades de um fato histórico dispostos de uma forma mais acessível ao consumidor de informação. As falhas na cobertura e nesse modo de chegar ao leitor certamente foram muitas, mas não são levadas em conta neste trabalho, tendo em vista a quantidade de informações necessárias para uma análise nesse sentido.

Ao fim dessa etapa da pesquisa compreende-se o também o quanto o papel ainda funciona como a referência do jornalismo, ainda que diante das inúmeras possibilidades existentes com a inserção da tecnologia no dia a dia do consumir de notícia, no dia a dia da redação. O leitor tem mais conteúdo no impresso. O repórter e o editor buscam mais detalhes. Mantém-se a ideia do jornal impresso como um documento, a testemunha do fato, o elemento que será inevitavelmente procurado, no futuro, caso haja a necessidade de um conhecimento mais específico acerca da JMJ, da visita do papa ao Brasil, logo após a primeira renúncia de um pontífice. É o que se documentará nos arquivos físicos. No entanto, a internet tem se tornado cada vez mais o foco das produções jornalísticas. “A gente tem uma gama de produtos digitais. Então, é hora de pegar esses produtos e

transformá-los num pacote pelo qual a gente possa vender assinaturas. Isso nos ajuda a botar foco no que é mais importante” (informação verbal)³³.

Por fim, diante da análise comparativa do papel preponderante do jornalismo diante da memória coletiva de um país, de um acontecimento, de vidas reais, entendemos a prática jornalística passa a ser potencializada quando se dispõe a experimentar novas estratégias a fim de chegar ao leitor, como ocorre quando se investe no jornalismo transmídia. E, diante dos inúmeros aspectos que possui acredita-se na manutenção do seu papel de formador de opinião, mas agora com mais ambientes a se propagarem diálogos, questionamentos, dentre outros. Assim acredita Moloney (2011) quando ressalta, por exemplo, um dos princípios do jornalismo transmídia: *Inspiring to Action*. O autor questiona sobre o que o jornalismo tem inspirado o público a fazer, ou seja, que transformações sociais destinadas à defesa da democracia a prática tem incentivado. É uma necessidade de o jornalismo inspirar mudanças sociais que resultem em benefícios, em políticas públicas favoráveis à sociedade onde está inserido.

Uma parcela dos aspectos presentes nesses oito princípios detalhados por Kevin Moloney, há muito tempo, faz parte do cotidiano da redação, da produção jornalísticas e dos sentidos produzidos a partir do consumo de informação, independentemente da mídia, da plataforma utilizada e das ferramentas voltadas a essa produção. Há muito, o jornalismo contribui para reflexões sociais dentro das comunidades, assim como desencadeia princípios mercantis e até filosóficos acerca do ser humano, quando veicula informações, questionamentos, apurações que somente a credibilidade da imprensa consegue dar a dimensão necessária no seio social.

³³ Entrevista realizada, em agosto de 2014, com o então editor executivo do jornal O Globo, Pedro Dória.

REFERÊNCIAS

- AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. São Paulo: Nova Cultural, 1999. (Coleção “OS PENSADORES”). Tradução de J. Oliveira Santos, S.J., e A. Ambrósio de Pina, S.J.
- BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. São Paulo: 1977.
- BARDOEL, Jo; DEUZE, Mark. *Network Journalism: converging competences of old and new media professionals*, 2001. Disponível em: <https://scholarworks.iu.edu/dspace/bitstream/handle/2022/3201/BardoelDeuze+NetworkJournalism+2001.pdf?sequence=1>. Acesso: 13 nov. 2014.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1979.
- CANAVILHAS, João. *Webjornalismo: Da pirâmide invertida à pirâmide deitada*. BOCC. Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação, 2006. Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/esp/autor.php?codautor=602> . Acesso em 5 de maio de 2015.
- CANAVILHAS, João. *Jornalismo Transmídia: um desafio ao velho ecossistema midiático*. In Denis Renó, Carolina Campalans, Sandra Ruiz e Vicente Gosciola, *Periodismo Transmedia: miradas múltiples*, pp. 53-68, Bogotá: Editorial Universidad del Rosario, 2013. Disponível em https://www.researchgate.net/publication/267981477_Jornalismo_Transmedia_um_desafio_ao_velho_ecossistema_mediatico . Acesso em 3 de dezembro 2015.
- CASADEI, E. B. . *Os Novos Lugares de Memória na Internet: as práticas representacionais do passado em um ambiente online*. BOCC. Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação, v. 1, p. 1-27, 2009.
- CASALEGNO, Federico (2006). *Memória Cotidiana: comunidades e comunicação na era das redes*. Porto Alegre. Sulina.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia*, vol. 1; Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. —Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.
- DIAS, André Bonsanto. *O presente da memória: Usos do passado e as (re)construções da identidade da Folha de S. Paulo, entre o “golpe de 1964” e a “ditabranda”*. Jundiaí: Paco Editorial, 2014.
- DUARTE, Jorge. *Entrevista em profundidade*. In: _____; BARROS, Antonio. *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação*. São Paulo: Atlas, 2009.
- FACEBOOK. O Globo. Disponível em: <http://facebook.com/OGlobo> . Acessado em 10 de setembro de 2014.
- FECHINE, Yvana. Et Al. *Como pensar conteúdos transmídia na teledramaturgia brasileira? Uma proposta de abordagem a partir das telenovelas da Globo*. In: Vassalo de Lopes, Maria Immacolata. *Estratégias de transmídiação na ficção televisiva brasileira*. Porto Alegre: Sulina, 2013.

FONSECA JÚNIOR, Wilson Corrês da. *Análise de conteúdo*. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação*. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

FRAGOSO, Suely; AMARAL, Adriana; RECUERO, Raquel. *Métodos de Pesquisa para Internet*. Porto Alegre, Sulina, 2011.

FLORES, Jesús e RENÓ, Denis. *Periodismo Transmedia. Reflexiones y técnicas para el ciberperiodista desde los laboratorios de medios interactivos*. Madrid. Editorial Fragua, 2012.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Uma filosofia do cogito ferido: Paul Ricoeur*. Estud. av. vol.11 no.30 São Paulo May/Aug. 1997. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141997000200016#not1 . Acesso em 14 de novembro de 2015.

GOFF, Jacques Le. *História e memória*. Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990.

GOFFMAN, E. *Les cadres de l'expérience*. Paris: Minuit, 1991.

GOSCIOLA, Vicente. *Narrativa transmídia: a presença de sistemas de narrativas integradas e complementares na comunicação e na educação*. QUAESTIO, Sorocaba, SP, v. 13, n. 2, p. 117-126, nov. 2011.

GUATTARI, Félix; Rolnik, Suely. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis, Rio de Janeiro : Vozes, 2005.

HALBWACHS, Maurice. *A memória Coletiva*. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1990.

JENKINS, Henry. *Cultura da Convergência*. São Paulo: Aleph, 2008.

LEMOIS, André. *Espaço, mídia locativa e teoria ator-rede*. São Paulo: Galáxia, 2013.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999.

LOPES, Luís Carlos. *Artefatos de memória e representações nas mídias*. 2002. Disponível em <http://www.uff.br/mestcii/lcllop7.htm> . Acesso em 20 de abril de 2014.

MANOVICH, Le. *El software toma el mano*. Canadá: Editora Editorial Uoc SI, 2012.

MARTINO, Luís Mauro Sá. *Teoria das Mídias Digitais: linguagens, ambientes, redes*. Petrópolis, RJ, Vozes, 2014.

MATHEUS, Letícia Canterela. *Mediações jornalísticas do Tempo - Narrativas, periodicidade e produção de sentido histórico*. In: Encontro da Compós, XVIII Belo Horizonte: PUC-MG, 2009.

MCLUHAN, Marshall. *A galáxia de Gutenberg; a formação do homem tipográfico*; tradução de Leônidas Gontijo de Carvalho e Anísio Teixeira. São Paulo, Editora Nacional, Editora da USP, 1972.

- MCLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. São Paulo, Editora Cultrix, 2001.
- MOLONEY, Kevin T. *Porting transmedia storytelling to journalism*, 2011. Disponível em: http://www.kevinmoloney.com/Transmedia_Journalism.pdf . Acesso em 3 out 2015.
- NORA, Pierre. *Entre memória e história: o problema dos lugares* in *O Lugar de Memória*. Editions Gallimard, 1984.
- PALACIOS Marcos e MACHADO Elias. *Modelos de Jornalismo Digital*. Bahia: Calandra, 2003.
- PALACIOS, Marcos. *Convergência e memória: jornalismo, contexto e história*. In: Matrizes, 2009, Ano 4 – Nº 1 jul./dez. 2010 - São Paulo, p. 37-50.
- PALACIOS, Marcos. *Ruptura, continuidade e potencialização no jornalismo online: o lugar da memória*. In: MACHADO, Elias; PALACIOS, Marcos. *Modelos do jornalismo digital*. Salvador: Editora Calandra, 2003.
- PALACIOS, Marcos; MIELNICZUK, Luciana . *Considerações para um estudo sobre o formato da notícia na Web: o link como elemento paratextual*. Paura Geral, Salvador, v. 4, 2002.
- QUÉRÉ, L. Entre facto e sentido: a dualidade do acontecimento. In: Revista Trajectos, 6, 2005, p. 59. Lisboa: Isce, 2005, p.59.
- RECUERO, Raquel. *Redes sociais na internet*. Porto Alegre: Sulina, 2009. (Coleção Cibercultura)R
- ECUERO, Raquel; PRIMO, Alex Fernando Teixeira . *Hipertexto Cooperativo: Uma análise da Escrita coletiva a partir dos Blogs e da Wikipedia*. Revista da FAMECOS, Porto Alegre, v. 22, p. 54-65, 2003.
- RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*. Campinas, SP: Papirus, 1995.
- RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Tradução: Alain François [et al.] Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.
- SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. *Sobre a autonomia das novas identidades coletivas: alguns problemas teóricos*. Rev. bras. Ci. Soc. [online]. 1998, vol.13, n.38. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v13n38/38myrian.pdf>. Acesso em 2 de maio de 2015.
- SCHITTINE, Denise. *Blog: Comunicação e escrita íntima da internet*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.
- SCOLARI, Carlos Alberto. *Hipermediaciones – Elementos para uma teoria de la comunicacion digital interativa*. Barcelona: Gedisa, 2008.
- _____. *Transmedia Storytelling: Implicit Consumers, Narrative Worlds, and Branding in Contemporary Media Production*. *International Journal of*

Communication, Vol 3 (2009). Disponível em:
<http://ijoc.org/ojs/index.php/ijoc/article/view/477> . Acesso em 22 mar. 2012.

_____. *Hipermediaciones* (o cómo estudiar la comunicación sin quedar embobados frente a la última tecnología de California) - Revista Lis – Letra Imagen Sonido - Ciudad mediatizada. Año III, nº 5, p. 3-11, mar-jun. 2010. Entrevista a Damián Fraticelli.

SENNET, Richard. *O Declínio do Homem público*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

SODRÉ, Muniz. *A narração do fato: notas para uma teoria do acontecimento*. Petrópolis, RJ, Vozes, 2009.

STUMPF, Ida Regina C. *Pesquisa bibliográfica*. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação*. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

WOLF, Mauro. *Teorias das comunicações de massa*. 6ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

YIN, Robert K. *Estudo de caso: planejamento e métodos*. Porto Alegre : Bookman, 2001

APÊNDICE A - Entrevista presencial no Jornal O Globo

Pedro Doria – editor executivo do O Globo em 2014.

Dahiana: O Globo começou a pensar o modelo de convergência baseado em que? Usaram algum jornal ou autor específico ?

Pedro: O Globo tem site desde meados dos anos 90. Era uma redação separada. Na virada de 2009 para 2010 tomou-se a decisão de trazer o site pra dentro da redação do O Globo. O diretor era Rodolfo Fernandes. Ele promoveu uma integração hierárquica das duas redações. Dessa forma, quem era editor de cidade passou a ser editor assistente do papel e o comando era de um velho editor de cidade. Isso aconteceu em todas as editorias. Foi a integração. Então, de repente você tinha essa circunstância em que os editores do jornal passavam a ser responsáveis não só pelo impresso, com também pelo digital. No início de 2011, (...) O Globo tinha tomado uma decisão de que o site tinha se tornado uma peça mais importante. Era importante que tivesse um editor executivo voltado para plataformas digitais, e eu vim pra cá como editor executivo. Então, você percebe que tem um processo. Durante um ano, houve uma integração, mas não havia alguém olhando para o digital dentro do comando da redação. A partir de 2011, passou a ter. Nós elaboramos um novo site que ficou no ar até alguns meses atrás, que entrou no ar em 2012. Em meados de 2014, era um site que permitia mais edição, nos dava um poder de edição. Agora, era um site com duas características. Primeiro, se você entrava numa página de notícia você ia encontrar página carregada de links (...). Muito naquela política eu quero mais cliques, eu quero gerar muitos cliques. E ao mesmo tempo a gente tinha uma *home* mais enxuta porque o fôlego pra redação, pra produzir pra internet, não era tão grande. Produzíamos bastante, mas o material de fôlego era mais contido. Houve uma decisão, uma decisão corporativa que na verdade sequer é do Jornal O Globo, é do grupo O Globo, da parte dos acionistas, a constatação de uma realidade. O digital não é o futuro, o digital é o presente. E esse digital vai mudar. Tudo vai mudar. TV, rádio e, evidentemente, que vai mudar o mercado de jornais, já está mudando, e a gente tem que se preparar, inclusive, pra perspectiva no caso do jornal, pode ser que aconteça, de o jornal [impresso] acabar. É impossível saber se vai acontecer ou não, mas pode ser que aconteça que o jornal vai acabar. Não que isso seja uma preocupação nossa. Não é. Mas é uma percepção nossa de que, mesmo que o jornal não acabe, ele deixará de ser lucrativo, ou no mínimo tão lucrativo como ele é hoje. Isso provavelmente está no futuro, mas já (...) a gente acha que não existe um problema de circulação. O jornais continuam vendendo. O leitor está envelhecendo, a gente sabe. O jovem leitor não está vindo, mas tem algumas décadas de fôlego quando você fala de circulação, só que quando você fala de publicidade o cenário começa a ficar mais nebuloso porque publicidade está deixando o jornal, já está fazendo isso. Então, tem um cenário de negócios aí que é: a gente tem que começar a transição. A gente tem que começar a ter consciência de que estamos indo para o mundo que é digital, e esse mundo não é trivial, não é trivial porque ele não foi inventado ainda. E a verdade é a

seguinte: a gente não está no ramo de imprimir e distribuir papel. A gente está no ramo de um formato em profundidade. Do ponto de vista exclusivamente da redação, tanto faz se o jornal [impresso] vai continuar existindo ou não. O importante é que a gente tenha um meio através do qual a gente consiga sustentar uma redação. Que tenha a capacidade, o fôlego.

Essa estratégia geral do grupo globo chegou na empresa, na Infoglobo, que cuida dos jornais do grupo e dentro dessa empresa chegou ao O Globo de olhar o foco digital. Publicidade no digital não tem a mesma rentabilidade do que no impresso. Essa é uma característica do meio. Então, a gente tem que fazer dinheiro de outra forma. A gente chegou à conclusão perante os fatos. Então, na mesa [da direção] discutiu-se que a única maneira de fazer uma operação de qualidade e sobreviver no mundo digital é você vender assinatura. E não são tantas assinaturas assim. Então, a gente tem a perspectiva aí de que a gente vai ter uma empresa que vai ser até mais lucrativa, a partir do momento em que você deixa de fazer os gastos (lá pro futuro). Impresso é muito caro. Não só com gente. A parte industrial mesmo, e de distribuição. Então, precisamos transformar o site do O Globo e uma série de produtos digitais que nascem ao redor do O Globo. *Tablet*, aplicativos para celulares. A gente tem uma gama de produtos digitais. Então, é hora de pegar esses produtos e transformá-los num pacote pelo qual a gente possa vender a assinatura. Isso nos ajuda a botar foco no que é mais importante. A gente precisa repensar ... a gente faz isso numa posição muito confortável (...) Então, desde meados do ano passado, a gente começou. Temos o apoio de uma consultoria (...) que nos ajuda em muita coisa. Precisamos aumentar o mínimo possível a redação, descobrir como fazer a integração, de fato, como fazer essa reação e alterar para o digital. E ao longo de vários meses de trabalho, tivemos que fazer algumas contrações, montamos um núcleo de vídeo, uma coisa que a gente não tinha, aumentamos o número de pessoas em redes sócias, que é algo que nós considerávamos importante. E a gente teve que repensar todos os nossos processos internos. A começar pelas barcas sagradas, querendo dizer: o trabalho dos editores deixa de ser fechar o jornal. Se antes basicamente o trabalho dos editores era fechar o jornal, o trabalho dos editores agora é pensar a produção (...) No fim das contas (...), não existe mais o editor de primeira página, existe uma editora executiva de produção (...) Então, a gente chega aqui às 7h... 8h. Temos a primeira reunião de pauta do dia e que a gente fala especialmente de site. E que a gente discute o que vamos fazer no dia, o que estamos planejando, quais as notícias mais importantes e que nós precisamos acompanhar. E é ali que nós distribuimos o trabalho dos repórteres.

Dahiana: Vocês pensam o trabalho separadamente para o site ou o pensamento é conjunto, impresso e online?

Pedro: As reuniões têm foco. Nosso foco 8h é o site. A gente tem uma segunda reunião ao meio-dia, são as mesmas pessoas [da primeira reunião]. Aí o nosso foco é o papel. Isso não quer dizer que a gente não fale de papel na reunião das 8h e não quer dizer que a gente não fale de site na reunião do meio-dia (...) No fim das contas, ambas as reuniões fala de notícia. Então, a gente está falando das notícias do dia o dia todo. A

diferença é que na reunião do meio-dia, já tendo muitos retornos, já tendo uma boa noção do que é o dia. Tipo, a nossa manchete de manhã, a gente já está publicando toda ela no site (...)

O que a gente faz é saber: qual o ângulo você vai trazer pro impresso amanhã? Qual o investimento pra trazer algum tipo de contexto, profundidade? Nosso leitor já sabe da notícia e se ele não sabe pela gente, ele saberia por outro. A gente precisa ajudá-lo a entender a notícia. Qual o impacto pra vida dele.... essa é a importância.

Como nosso foco agora é nosso leitor assinante, a gente passa a se preocupar menos com *pageviews* e passa a tentar atender o melhor possível o leitor. E pra fazer isso, de repente, a gente oferece páginas, notícias que são mais brancas, pra não ficar distraído o cara. Pra ele poder mergulhar no texto. A gente tem uma *homepage* agora que é muito mais ampla, porque a nossa produção de notícia é muito maior. Produção de análise, de vídeo. É O Globo maior na internet e isso se deu por uma revisão de processos. Na verdade, a gente não precisou contratar mais gente. A gente só precisou puxar os editores pra mais cedo e uma parte dos repórteres pra mais cedo. E eles vão produzindo acompanhando a produção ao longo do dia. No final do dia, eles informam pros editores adjuntos deles como eles estão imaginando fazer o papel e de lá estamos de volta no dia seguinte.

Dahiana: A equipe da redação passou por algum tipo de treinamento na época da integração de redações?

Pedro: Óbvio que todo mundo que não entendia, não sabia usar um *software* de produção de digital aprendeu a usar. Então nesse sentido houve um treinamentozinho. Agora temos diversas parcerias aqui e fazemos diversos cursos. Cursos mais profundos. (...) cursos mais reflexivos... Agora a gente não sentiu necessidade de ensinar a ninguém a fazer filme... não precisamos ensinar a ninguém a fazer uma cobertura em tempo real. Acho que a gente vai aprendendo;

Dahiana: Como você acredita estar sendo tratada a memória nesse ambiente de convergência?

A gente pensa em todo mundo junto para todas as plataformas. Eu sento com os editores pra falar de site 8h, e meio dia pra falar de papel (...). O conteúdo melhorou, se tornou mais amplo. Antes, a gente era limitado pelo espaço que o jornal tem. A gente leva ao leitor quase 100% da nossa apuração. Quase toda nossa apuração é levada ao leitor. Nós levamos mais informação ao leitor. Então, todas as notícias às quais nós chegamos são levadas ao leitor. Nesse sentido do registro histórico, você tem mais notícia sendo publicada. Coisas que às vezes no jornal saía como nota, hoje é publicada como matéria inteira. Coisas que sequer seriam publicadas viram três parágrafos no site. Então, a gente tem a capacidade de fazer uma cobertura muito mais ampla, de publicar muito mais análises. Nesse sentido a internet melhora o jornalismo.



Sob as bênçãos do papa

Edição do dia 21 e julho, um dia antes do papa chegar ao Brasil, traz um caderno especial falando da trajetória do pontífice, ao entrevistar sua biógrafa; entrevista com dom Orani Tempesta; relembra Bento XVI e chama atenção arte de página dupla com detalhes de cômodos dos locais por onde passará o papa. Há detalhamento por dia, hora. 10 páginas.



Reconstruindo a fé

Edição do dia 22 de julho trata sobre o declínio do catolicismo com um alerta para o papa. Novo infográfico de página dupla sobre os números da religião no País. Fala ainda do bloqueio nas ruas e avenidas. 10 páginas.



Via crucis para ir à missa

Pani de mais de 2 horas no metrô atrapaíha ida para abertura da jornada e volta do trabalho

Segurança:
 Segurança reforçada em Copacabana

Depois de uma jornada de trabalho bastante movimentada, os jovens de 160 países que se reuniram em Copacabana para a abertura da Jornada Mundial da Juventude (JMJ) começaram a voltar para casa. Mas a volta não foi tranquila. A multidão de jovens, muitos deles com mochilas e equipamentos, enfrentou um trânsito lento e congestionado no metrô. A espera para entrar nos vagões durou mais de duas horas em alguns pontos, gerando frustração e cansaço. Alguns jovens começaram a fazer piquetes e protestos, exigindo mais segurança e melhor organização para a volta ao trabalho.

Segurança reforçada em Copacabana
 Para garantir a segurança dos jovens, a polícia reforçou o patrulhamento na região. Há muitos pontos de controle e fiscalização, com agentes de segurança e militares. A presença policial é visível em toda a área, especialmente nas estações de metrô e nos pontos de acesso aos locais de eventos. Apesar do reforço, a grande quantidade de pessoas continua a causar dificuldades de circulação.

Protestos e piquetes
 Alguns jovens começaram a fazer piquetes e protestos, exigindo mais segurança e melhor organização para a volta ao trabalho. Eles alegam que a falta de planejamento e a superlotação dos metrô são responsáveis pelo atraso. Alguns grupos começaram a cantar e fazer cartazes, chamando a atenção para a situação. A polícia tentou controlar a situação, mas os protestos continuaram por algumas horas.

Problemas com o metrô
 O metrô enfrentou problemas de congestionamento e atrasos. A grande quantidade de passageiros fez com que os trens demorassem para sair das estações. Além disso, houve relatos de problemas técnicos e falta de manutenção adequada. A Companhia de Metrô de Rio de Janeiro (CME) tentou explicar a situação, mas os jovens não ficaram satisfeitos com as justificativas.

Via Crucis para ir à missa

A edição do dia 24 de julho trata de comunidades católicas, da visita do papa ao santuário de Aparecida, do trânsito no entorno dos eventos da JMJ. Traz ainda uma matéria sobre um protesto em que um jornalista japonês saiu ferido e indica, por meio de um ícone, que o material está presente no O Globo a mais, publicação disponível para *tablet*. 10 páginas.

O Papa contra as drogas

Em hospital, Francisco critica liberalização e chama traficantes de 'mercadores da morte'



Francisco critica liberalização de drogas e chama traficantes de 'mercadores da morte'

Em um discurso emocionante, o papa Francisco criticou a liberalização das drogas e chamou os traficantes de "mercadores da morte". Ele afirmou que a venda de drogas é uma "grande indústria" que causa sofrimento e morte para milhares de pessoas.

Francisco também falou sobre a importância da família e da comunidade na prevenção do uso de drogas. Ele afirmou que a família é o primeiro e mais importante ambiente de educação e que a comunidade deve oferecer apoio e acolhimento para quem sofre com o vício.

O papa também falou sobre a importância da justiça social e da luta contra a desigualdade. Ele afirmou que a pobreza e a exclusão social são fatores que contribuem para o uso de drogas e que a sociedade deve trabalhar para criar condições melhores de vida para todos.

Francisco concluiu seu discurso afirmando que ele continuará trabalhando para promover a paz, a justiça e a fraternidade em todo o mundo.

O Papa contra as drogas

A edição do dia 25 de julho ressalta o discurso do papa contra as drogas, o lamaçal que virou o Campus Fidei, local onde ocorreria o ponto alto da JMJ, a vigília da noite de sábado, mas que ficou inviável após chuvas no Rio. Destaca ainda as falhas no metrô e na segurança do evento, além da promessa do Papa Francisco de voltar ao Brasil em 2017. Infográfico de página dupla, detalhando a Via Sacra, apresentação extensa que seria realizada ao longo da Avenida Atlântica, em Copacabana, no dia 27. Ressalta a visita de Francisco à comunidade de Varginha que ocorreria no dia seguinte. 10 páginas.



Jornada da desorganização

Lama leva organizadores e prefeitura a mudarem encerramento da JMJ para Copacabana

Manoel de Barros
Manoel de Barros
Manoel de Barros

Uma Jornada Mundial da Juventude (JMJ) que se realizou em São Paulo, com o encerramento em Copacabana, foi marcada por problemas de organização, desde a chegada do papa João Paulo II até a partida dele para o Brasil. O encerramento da JMJ em Copacabana, que deveria ter sido realizado no dia 26 de julho, foi marcado por problemas de organização, desde a chegada do papa João Paulo II até a partida dele para o Brasil. O encerramento da JMJ em Copacabana, que deveria ter sido realizado no dia 26 de julho, foi marcado por problemas de organização, desde a chegada do papa João Paulo II até a partida dele para o Brasil.

...mas não foi o suficiente para garantir a realização da JMJ, que se realizou em São Paulo, com o encerramento em Copacabana, foi marcada por problemas de organização, desde a chegada do papa João Paulo II até a partida dele para o Brasil. O encerramento da JMJ em Copacabana, que deveria ter sido realizado no dia 26 de julho, foi marcado por problemas de organização, desde a chegada do papa João Paulo II até a partida dele para o Brasil.

...mas não foi o suficiente para garantir a realização da JMJ, que se realizou em São Paulo, com o encerramento em Copacabana, foi marcada por problemas de organização, desde a chegada do papa João Paulo II até a partida dele para o Brasil. O encerramento da JMJ em Copacabana, que deveria ter sido realizado no dia 26 de julho, foi marcado por problemas de organização, desde a chegada do papa João Paulo II até a partida dele para o Brasil.

INTERNACIONAL
A VIA-CRUCES DA IMPRENSA ESTRANGEIRA

...mas não foi o suficiente para garantir a realização da JMJ, que se realizou em São Paulo, com o encerramento em Copacabana, foi marcada por problemas de organização, desde a chegada do papa João Paulo II até a partida dele para o Brasil. O encerramento da JMJ em Copacabana, que deveria ter sido realizado no dia 26 de julho, foi marcado por problemas de organização, desde a chegada do papa João Paulo II até a partida dele para o Brasil.

Jornada da desorganização

A edição do dia 26 de julho tem informações sobre o que não estava dando certo na jornada, as falhas em relação à organização do evento por parte do poder público. Dos problemas de deslocamento para a chegada na Missa de Acolhida e os esquemas de trânsito para os eventos do fim de semana, que seriam ainda mais movimentados. Da transferência dos eventos do Campus Fidei para Copacabana. Lembra ainda as três vezes que o papa João Paulo II esteve no Brasil. 10 páginas.



Um amigo de fé

Simpatia e simplicidade de Pontífice argentino conquistam brasileiros até de outras religiões

O papa argentino, Francisco, conquistou a simpatia dos brasileiros com sua simplicidade e simpatia. O pontífice argentino chegou ao Brasil em um momento de grande expectativa, e a população brasileira recebeu o papa com entusiasmo. O papa Francisco chegou ao Brasil em um momento de grande expectativa, e a população brasileira recebeu o papa com entusiasmo. O papa Francisco chegou ao Brasil em um momento de grande expectativa, e a população brasileira recebeu o papa com entusiasmo.



O papa argentino, Francisco, conquistou a simpatia dos brasileiros com sua simplicidade e simpatia. O pontífice argentino chegou ao Brasil em um momento de grande expectativa, e a população brasileira recebeu o papa com entusiasmo. O papa Francisco chegou ao Brasil em um momento de grande expectativa, e a população brasileira recebeu o papa com entusiasmo.

O papa argentino, Francisco, conquistou a simpatia dos brasileiros com sua simplicidade e simpatia. O pontífice argentino chegou ao Brasil em um momento de grande expectativa, e a população brasileira recebeu o papa com entusiasmo. O papa Francisco chegou ao Brasil em um momento de grande expectativa, e a população brasileira recebeu o papa com entusiasmo.

“
 Cristo fazia fi nos povos
 Sempre que alguém
 toca à sua porta, vou lá
 sempre digo um jeito de
 compartilhar. Como diz o
 ditado, sempre se pode
 colocar mais água no feijão
”
 Quem faz bem em cada
 porta, não faz bem ali,
 pede um copo de água
 fresca, beber um caldito
”
 Você já tem Deus
 brasileiro, e ainda quer
 o Papa brasileiro. Você
 não se conforma
 com nada, não?
 Papaflexão

Um amigo de fé
 A edição do dia 27 de julho tem matéria sobre a simpatia do pontífice e de como ele foi bem recebido por brasileiros e estrangeiros. Ressaltou ainda a emoção dos fiéis durante a Via Sacra, em Copacabana. Dá dicas e informações acerca da peregrinação – que antes seria para o Campus Fidei, e acabou sendo transferida para Copacabana – como preparação para a Vigília, o ponto alto da Jornada Mundial da Juventude. Detalhou novamente esquemas de segurança e as interdições no trânsito e o encontro do Papa com cinco jovens infratores, que tiveram os pecados perdoados pelo Papa. 10 páginas.



À espera de Francisco

A edição do dia 29 de julho ressalta a entrevista do Papa ao Fantástico; da fala do pontífice estimulando os jovens a protestar; do encerramento da JMJ. A edição traz a matéria “Amores peregrinos”, que também está disponível no O Globo a mais. Página 10.

ANEXO B - Links de matérias O Globo - cobertura da JMJ Rio 2013

1. <http://oglobo.globo.com/rio/os-numeros-da-jornada-mundial-da-juventude-9267373>
2. <http://oglobo.globo.com/rio/top-10-que-deu-certo-na-jornada-mundial-da-juventude-9260733>
3. <http://oglobo.globo.com/rio/proxima-jornada-mundial-da-juventude-sera-em-cracovia-na-polonia-9231323>
4. <http://oglobo.globo.com/topico-jornada-mundial-da-juventude/confira-que-vai-funcionar-durante-os-feriados-da-jornada-mundial-da-juventude-9038000>
5. <http://oglobo.globo.com/rio/manifestantes-se-aproximam-de-palco-da-jornada-mundial-da-juventude-9191792> (hora a hora - um parágrafo)
6. <http://oglobo.globo.com/bairros/programas-perto-de-casa-longe-da-jornada-mundial-da-juventude-9140927>
7. <http://oglobo.globo.com/sociedade/religiao/missas-em-latim-com-padre-de-costas-para-fieis-atraem-jovens-catolicos-conservadores-13394786>
8. <http://oglobo.globo.com/rio/top-10-que-nao-deu-certo-na-jornada-mundial-da-juventude-9256615> (tópicos enumerados)
9. <http://oglobo.globo.com/brasil/cracovia-na-polonia-recebe-proxima-edicao-da-jornada-mundial-da-juventude-9231554> (hora a hora - extenso)
10. <http://oglobo.globo.com/rio/deputado-fara-audiencia-publica-sobre-problemas-nos-transportes-durante-jornada-mundial-da-juventude-9217026> (hora a hora extenso)
11. <http://oglobo.globo.com/rio/deputado-fara-audiencia-publica-sobre-problemas-nos-transportes-durante-jornada-mundial-da-juventude-9217026> (hora a hora extenso)
12. <http://oglobo.globo.com/rio/prefeitura-do-rio-monta-operacao-especial-para-primeiro-dia-da-jornada-mundial-da-juventude-9145883>
13. <http://oglobo.globo.com/transito/av-princesa-isabel-liberada-ao-trafego-apos-evento-da-jornada-mundial-da-juventude-9215109> (hora a hora título)
14. <http://oglobo.globo.com/rio/reversiveis-nao-serao-implementadas-durante-feriado-da-jornada-mundial-da-juventude-9162992> (hora a hora um parágrafo)
15. <http://oglobo.globo.com/rio/juventude-esperanca-9228027> (coluna)
16. <http://oglobo.globo.com/opiniao/uma-jornada-de-encontros-9208419> (artigo opinião)
17. <http://oglobo.globo.com/transito/acesso-ao-bairro-de-copacabana-pelo-corte-do-cantagalo-liberado-apos-evento-da-jornada-mundial-da-juventude-9191706> (hora a hora título)
18. <http://oglobo.globo.com/transito/rua-barata-ribeiro-liberada-ao-trafego-apos-evento-da-jornada-mundial-da-juventude-via-apresenta-lentidao-no-sentido-botafogo-9215095> (hora a hora título)
19. <http://oglobo.globo.com/transito/av-nossa-senhora-de-copacabana-acaba-de-ser-liberada-ao-trafego-apos-evento-da-jornada-mundial-da-juventude-9214792> (hora a hora título)

20. <http://oglobo.globo.com/transito/acesso-ao-bairro-de-copacabana-pela-francisco-otaviano-liberado-apos-evento-da-jornada-mundial-da-juventude-9191626> (hora a hora título)
21. <http://oglobo.globo.com/rio/prefeitura-do-rio-monta-operacao-especial-para-primeiro-dia-da-jornada-mundial-da-juventude-9145883>
22. <http://globoTV.globo.com/infoglobo/o-globo/v/abertura-da-jornada-mundial-da-juventude/2711526/> (vídeo)
23. <http://globoTV.globo.com/infoglobo/o-globo/v/jornada-mundial-da-juventude/2715472/> (vídeo)
24. <http://oglobo.globo.com/rio/paes-rio-fara-melhor-jornada-mundial-da-historia-9122747>
25. <http://oglobo.globo.com/transito/r-barata-ribeiro-acaba-de-ser-liberada-na-altura-da-rodolfo-dantas-apos-interdicao-causada-pela-jornada-mundial-da-juventude-9156278> (hora a hora título)
26. <http://oglobo.globo.com/transito/todos-os-acessos-ao-bairro-de-copacabana-encontram-se-interditados-momentaneamente-devido-ao-grande-volume-de-pedestres-que-estao-no-bairro-para-jornada-mundial-da-juventude-9155758> (hora a hora título)
27. <http://oglobo.globo.com/rio/cameras-mais-baratas-somem-das-prateleiras-durante-jornada-9248546>
28. <http://oglobo.globo.com/rio/prefeitura-pode-multar-organizacao-da-jornada-9211281>
29. <http://oglobo.globo.com/rio/jornada-injeta-18-bi-no-rio-9227722>
30. <http://globoTV.globo.com/infoglobo/o-globo/v/editoria-no-globo-rio-papa-francisco-chega-para-a-jornada-mundial-da-juventude/2709130/> (vídeo)
31. <http://oglobo.globo.com/rio/publico-da-jornada-muito-mais-educado-que-do-reveillon-diz-paes-9218463>
32. <http://oglobo.globo.com/topico-jornada-mundial-da-juventude/nao-queremos-juventude-alienada-diz-cardeal-9119114>
33. <http://oglobo.globo.com/rio/com-fim-da-jornada-comlurb-recolhe-lixo-deixado-para-tras-em-copacabana-9252789>
34. <http://oglobo.globo.com/rio/copacabana-reuniu-35-milhoes-de-pessoas-no-ultimo-dia-da-jornada-9231080>
35. <http://oglobo.globo.com/rio/papa-celebra-missa-no-ultimo-grande-ato-da-jornada-9227954>
36. <http://globoTV.globo.com/infoglobo/o-globo/v/editoria-no-globo-pecas-e-cartaz-pegam-carona-na-semana-da-jornada-mundial-da-juventude/2715490/> (vídeo)
37. <http://globoTV.globo.com/infoglobo/o-globo/v/correria-nas-areias-de-copacabana/2718265/> (vídeo)
38. <http://globoTV.globo.com/infoglobo/o-globo/v/expectativa-de-encontro-com-o-papa/2715403/> (vídeo)
39. <http://oglobo.globo.com/rio/paes-diz-que-jornada-foi-sucesso-da-nota-proxima-de-10-para-prefeitura-9244054>
40. <http://globoTV.globo.com/infoglobo/o-globo/v/vigilia-da-jmj/2720162/> (vídeo)

41. <http://globo.com/infoglobo/o-globo/v/papa-francisco-em-copacabana/2719942/> (vídeo)
42. <http://globo.com/infoglobo/o-globo/v/via-sacra-atraiu-multidao-a-copacabana/2718289/> (vídeo)
43. <http://globo.com/infoglobo/o-globo/v/sexta-abençoada/2717846/> (vídeo)
44. <http://globo.com/infoglobo/o-globo/v/o-globo-a-mais-fernanda-delmas-amores-peregrinos/2715955/> (vídeo)
45. <http://globo.com/infoglobo/o-globo/v/o-globo-a-mais-fernanda-delmas-peregrinos-pagam-seus-pecados-no-transporte/2713973/> (vídeo)
46. <http://globo.com/infoglobo/o-globo/v/editoria-no-globo-rio-transportes-falham-no-primeiro-dia-da-jmj/2711560/> (vídeo)
47. <http://globo.com/infoglobo/o-globo/v/vigilia-da-jmj/2720008/> (vídeo)
48. <http://globo.com/infoglobo/o-globo/v/vigilia-da-jmj/2720008/> (vídeo)
49. <http://globo.com/infoglobo/o-globo/v/papa-entre-a-multidao-em-copacabana/2715606/> (vídeo)
50. <http://globo.com/infoglobo/o-globo/v/jmj-flashmob-sob-chuva/2713842/> (vídeo)
51. <http://globo.com/infoglobo/o-globo/v/peregrinos-falam-sobre-a-jmj/2710845/> (vídeo)
52. <http://globo.com/infoglobo/o-globo/v/coracao-franciscano-papa-dos-pobres/2713724/> (vídeo)
53. <http://globo.com/infoglobo/o-globo/v/animacao-na-fila-do-cristo/2717795/> (vídeo)
54. <http://oglobo.globo.com/rio/tres-milhoes-de-fieis-aguardam-inicio-da-vigilia-em-copacabana-9224220> (hora a hora um parágrafo)
55. <http://oglobo.globo.com/rio/presidente-da-argentina-chega-copacabana-9229094> (hora a hora um parágrafo)
56. <http://globo.com/infoglobo/o-globo/v/peregrinos-se-despedem-de-copacabana/2720701/> (vídeo)
57. <http://globo.com/infoglobo/o-globo/v/a-passagem-de-papa-francisco-pelo-rio/2720640/> (vídeo)
58. <http://globo.com/infoglobo/o-globo/v/jmj-flash-mob-na-praia-de-copacabana/2720598/> (vídeo)
59. <http://globo.com/infoglobo/o-globo/v/amanhecer-em-copacabana/2720323/> (vídeo)
60. <http://globo.com/infoglobo/o-globo/v/direto-da-redacao-fabiola-leoni-conta-detalhes-desta-sexta-feira-do-papa-francisco/2717004/> (vídeo)
61. <http://globo.com/infoglobo/o-globo/v/papa-emociona-moradores-de-varginha/2715578/> (vídeo)
62. <http://globo.com/infoglobo/o-globo/v/secretario-comenta-planejamento-de-transporte/2715370/> (vídeo)
63. <http://globo.com/infoglobo/o-globo/v/papa-francisco-e-seu-perfil-de-devocao-em-aparecida/2713446/> (vídeo)

64. <http://globo.com/infoglobo/o-globo/v/sao-paulo-em-linha-papa-francisco-pede-que-jovens-priorizem-valores-espirituais/2713347/> (vídeo)
65. <http://globo.com/infoglobo/o-globo/v/catolicismo-renovado/2704260/> (vídeo)
66. <http://globo.com/infoglobo/o-globo/v/mistura-de-exposicao-oracao-e-musica-atrai-jovens-na-quinta-da-boa-vista/2711310/> (vídeo)
67. <http://globo.com/infoglobo/o-globo/v/jmj-e-a-geografia-religiosa-do-brasil/2708613/> (vídeo)
68. <http://globo.com/infoglobo/o-globo/v/papa-francisco-no-rio/2711051/> (vídeo)
69. <http://globo.com/infoglobo/o-globo/v/problemas-no-metro-paralisam-linhas-1-e-2/2710944/> (vídeo)
70. <http://globo.com/infoglobo/o-globo/v/mensagens-ao-papa-francisco/2710883/> (vídeo)
71. <http://globo.com/infoglobo/o-globo/v/jmj-um-momento-de-encontro/2708433/> (vídeo)
72. <http://globo.com/rio/as-imagens-da-abertura-oficial-da-jmj-9154993> (fotos)
73. <http://globo.com/rio/peregrinos-enfrentam-problemas-para-sair-de-copacabana-9191720> (fotos)
74. <http://globo.com/rio/ministro-da-justica-diz-que-seguranca-do-papa-foi-exemplar-9249282> (hora a hora um parágrafo)
75. <http://globo.com/topico-jornada-mundial-da-juventude/fieis-poderao-dormir-na-praia-de-copacabana-mas-sem-barraca-segundo-eduardo-paes-9182005> (um parágrafo)
76. <http://globo.com/rio/mais-de-dez-onibus-com-agentes-da-forca-nacional-chegam-copacabana-9220807> (um parágrafo)
77. <http://globo.com/sociedade/educacao/dez-assuntos-ligados-igreja-que-podem-cair-no-vestibular-8982328> (tópicos)
78. <http://globo.com/rio/todos-os-acessos-copacabana-estao-fechados-9155795> (um parágrafo)
79. <http://globo.com/rio/metro-vai-funcionar-ate-1h-para-atender-aos-peregrinos-da-jmj-9145730> (um parágrafo)
80. <http://globo.com/rio/vias-de-copacabana-interditadas-para-jmj-9176285> (um parágrafo)
81. <http://globo.com/rio/estacao-cardeal-arcoverde-nao-tem-mais-filas-9214810> (poucas linhas)
82. <http://globo.com/rio/jmj-2016-arcebispo-da-cracovia-agradece-papa-francisco-9243788>
83. <http://globo.com/rio/papa-pede-aos-jovens-para-serem-verdadeiros-atletas-de-cristo-9228785>
84. <http://globo.com/rio/forca-nacional-forma-cordao-de-isolamento-para-separar-peregrinos-manifestantes-9227275> (poucas linhas)

85. <http://oglobo.globo.com/rio/papa-posta-nova-mensagem-para-os-jovens-no-twitter-9224905> (poucas linhas)
86. <http://oglobo.globo.com/rio/comeca-interdicao-na-avenida-nossa-senhora-de-copacabana-9219883> (poucas linhas)
87. <http://oglobo.globo.com/rio/ruas-no-entorno-do-sambodromo-tem-interdicoes-para-eventos-da-jmj-9139605> (poucas linhas)
88. <http://oglobo.globo.com/rio/circulacao-de-passageiros-tranquila-no-galeao-9252832> (poucas linhas)
89. <http://oglobo.globo.com/esportes/antes-do-classico-seedorf-recebe-presidente-do-suriname-9248430> (poucas linhas)
90. <http://oglobo.globo.com/rio/peregrinos-embarcam-nos-onibus-em-botafogo-9232843> (poucas linhas)
91. <http://oglobo.globo.com/rio/bares-restaurantes-da-orla-de-copacabana-funcionam-normalmente-9190313> (poucas linhas)
92. <http://oglobo.globo.com/rio/eventos-da-jmj-que-aconteceriam-em-guaratiba-serao-transferidos-para-copacabana-diz-exercito-9179458> (poucas linhas)
93. <http://oglobo.globo.com/rio/corpo-de-bombeiros-pede-cuidado-dos-peregrinos-para-evitar-afogamentos-9224771> (poucas linhas)
94. <http://oglobo.globo.com/rio/quatro-voluntarios-tem-sintomas-de-desidracao-em-copacabana-9227149> (poucas linhas)
95. <http://oglobo.globo.com/rio/padre-fabio-de-melo-se-apresenta-agora-na-praia-de-copacabana-9222314> (poucas linhas)
96. <http://oglobo.globo.com/rio/peregrinos-ensaiam-para-flash-mob-em-copacabana-9220843> (poucas linhas)
97. <http://oglobo.globo.com/rio/prefeitura-interdita-trecho-maior-da-presidente-vargas-para-passagem-de-peregrinos-9217035> (poucas linhas)
98. <http://oglobo.globo.com/rio/peregrinos-lotam-avenida-rio-branco-9216032> (poucas linhas)
99. <http://oglobo.globo.com/rio/julio-lopes-promete-monitorar-movimentacao-de-metro-trens-barcas-9164381> (poucas linhas)
100. <http://oglobo.globo.com/rio/saida-dos-peregrinos-dificultada-por-transporte-de-banheiros-quimicos-9209604> (poucas linhas)
101. <http://oglobo.globo.com/rio/vias-de-copacabana-fechadas-para-jmj-9199720> (poucas linhas)
102. <http://oglobo.globo.com/rio/missa-de-abertura-recebe-um-milhao-de-pessoas-segundo-organizacao-da-jmj-9154912> (poucas linhas)
103. <http://oglobo.globo.com/rio/que-senhor-sempre-nos-mantenha-jovens-decoracao-diz-papa-pelo-twitter-9142081> (poucas linhas)
104. <http://oglobo.globo.com/rio/manifestacao-chega-princesa-isabel-9192009> (poucas linhas)
105. <http://oglobo.globo.com/rio/metro-apresenta-problema-de-sinalizacao-mas-ja-opera-normalmente-9173737> (poucas linhas)
106. <http://oglobo.globo.com/rio/evento-da-jmj-interdita-via-de-botafogo-9172944> (poucas linhas)

107. [http://oglobo.globo.com/rio/papa-francisco-ressalta-importancia-da-
virgem-maria-pelo-twitter-9161422](http://oglobo.globo.com/rio/papa-francisco-ressalta-importancia-da-
virgem-maria-pelo-twitter-9161422) (poucas linhas)
108. [http://oglobo.globo.com/rio/vias-no-entorno-do-sambodromo-sao-
liberadas-ao-transito-9144363](http://oglobo.globo.com/rio/vias-no-entorno-do-sambodromo-sao-
liberadas-ao-transito-9144363) (poucas linhas)
109. [http://oglobo.globo.com/rio/papa-se-reune-com-jovens-argentinos-na-
catedral-metropolitana-9177164](http://oglobo.globo.com/rio/papa-se-reune-com-jovens-argentinos-na-
catedral-metropolitana-9177164)
110. [http://oglobo.globo.com/rio/organizacao-da-jmj-suspende-uso-de-
detectores-de-metais-na-entrada-do-riocentro-9240903](http://oglobo.globo.com/rio/organizacao-da-jmj-suspende-uso-de-
detectores-de-metais-na-entrada-do-riocentro-9240903) (PL)
111. [http://oglobo.globo.com/rio/manifestantes-quebram-imagens-de-nossa-
senhora-em-copacabana-9223473](http://oglobo.globo.com/rio/manifestantes-quebram-imagens-de-nossa-
senhora-em-copacabana-9223473) (PL)
112. [http://oglobo.globo.com/rio/papa-francisco-contente-por-ter-visto-
copacabana-com-sol-9240774](http://oglobo.globo.com/rio/papa-francisco-contente-por-ter-visto-
copacabana-com-sol-9240774) (PL)
113. [http://oglobo.globo.com/rio/brigada-paraquedista-monta-qg-na-praca-
arcoverde-para-seguranca-do-papa-9217027](http://oglobo.globo.com/rio/brigada-paraquedista-monta-qg-na-praca-
arcoverde-para-seguranca-do-papa-9217027) (PL)
114. [http://oglobo.globo.com/rio/voluntarios-da-jmj-orientam-peregrinos-nao-
se-misturarem-com-manifestantes-em-copacabana-9206631](http://oglobo.globo.com/rio/voluntarios-da-jmj-orientam-peregrinos-nao-
se-misturarem-com-manifestantes-em-copacabana-9206631) (PL)
115. [http://oglobo.globo.com/rio/barcas-vaio-operar-na-madruugada-de-sabado-
para-domingo-9198366](http://oglobo.globo.com/rio/barcas-vaio-operar-na-madruugada-de-sabado-
para-domingo-9198366) (PL)
116. [http://oglobo.globo.com/rio/papa-francisco-defende-casamento-como-
um-dos-pilares-na-vida-dos-jovens-9248610](http://oglobo.globo.com/rio/papa-francisco-defende-casamento-como-
um-dos-pilares-na-vida-dos-jovens-9248610) (PL)
117. [http://oglobo.globo.com/rio/apos-problemas-organizacao-muda-
esquema-de-deslocamento-do-papa-9172555](http://oglobo.globo.com/rio/apos-problemas-organizacao-muda-
esquema-de-deslocamento-do-papa-9172555) (PL)
118. [http://oglobo.globo.com/rio/mais-de-300-pms-fazem-patrolha-no-
riocentro-9243785](http://oglobo.globo.com/rio/mais-de-300-pms-fazem-patrolha-no-
riocentro-9243785) (PL)
119. [http://oglobo.globo.com/rio/fieis-fazem-fila-em-restaurantes-de-
copacabana-9234290](http://oglobo.globo.com/rio/fieis-fazem-fila-em-restaurantes-de-
copacabana-9234290) (PL)
120. [http://oglobo.globo.com/rio/voluntarios-da-jmj-se-despedem-do-papa-no-
riocentro-9232289](http://oglobo.globo.com/rio/voluntarios-da-jmj-se-despedem-do-papa-no-
riocentro-9232289) (PL)
121. [http://oglobo.globo.com/esportes/papa-francisco-presenteado-com-
camisa-do-cruzeiro-em-visita-ao-brasil-9191395](http://oglobo.globo.com/esportes/papa-francisco-presenteado-com-
camisa-do-cruzeiro-em-visita-ao-brasil-9191395) (PL)
122. [http://oglobo.globo.com/rio/campo-da-fe-sera-transformado-em-bairro-
popular-em-guaratiba-9229933](http://oglobo.globo.com/rio/campo-da-fe-sera-transformado-em-bairro-
popular-em-guaratiba-9229933)
123. [http://oglobo.globo.com/rio/apos-problemas-organizacao-muda-
esquema-de-deslocamento-do-papa-9172555](http://oglobo.globo.com/rio/apos-problemas-organizacao-muda-
esquema-de-deslocamento-do-papa-9172555) (PL)
124. [http://oglobo.globo.com/rio/marcha-das-vadias-segue-pela-avenida-
atlantica-9226420](http://oglobo.globo.com/rio/marcha-das-vadias-segue-pela-avenida-
atlantica-9226420) (PL)
125. [http://oglobo.globo.com/rio/homem-atropelado-em-frente-ao-ponto-de-
partida-da-jmj-9217282](http://oglobo.globo.com/rio/homem-atropelado-em-frente-ao-ponto-de-
partida-da-jmj-9217282) (PL)
126. [http://oglobo.globo.com/rio/continua-confusao-para-pegar-kits-da-jmj-
no-monumento-aos-pracinhas-9217116](http://oglobo.globo.com/rio/continua-confusao-para-pegar-kits-da-jmj-
no-monumento-aos-pracinhas-9217116) (PL)
127. [http://oglobo.globo.com/topico-jornada-mundial-da-juventude/tribunal-
de-justica-do-rio-vai-instalar-juizado-especial-em-guaratiba-durante-jmj-
9169676](http://oglobo.globo.com/topico-jornada-mundial-da-juventude/tribunal-
de-justica-do-rio-vai-instalar-juizado-especial-em-guaratiba-durante-jmj-
9169676) (PL)

128. <http://oglobo.globo.com/rio/peregrinos-encontram-dificuldade-para-usar-banheiros-quimicos-9228762> (PL)
129. <http://oglobo.globo.com/rio/metro-circula-sem-maiores-problemas-nesta-sexta-feira-9199289> PL
130. <http://oglobo.globo.com/rio/manifestantes-continuam-protestar-no-posto-5-9227849> PL
131. <http://oglobo.globo.com/rio/pm-fara-patrolhamento-em-copacabana-nos-protestos-no-leblon-9179423> PL
132. <http://oglobo.globo.com/rio/metro-bilhetes-especiais-da-jmj-podem-ser-adquiridos-ate-as-12h-desta-quinta-9163515> PL
133. <http://oglobo.globo.com/rio/a-alegria-dos-peregrinos-no-rio-9222914> (FOTOS)
134. <http://oglobo.globo.com/rio/vias-comecam-ser-interditadas-em-copacabana-para-evento-da-jmj-9144235> PL
135. <http://oglobo.globo.com/rio/jovens-compram-lebrancinhas-durante-missa-de-encerramento-da-jmj-9231058>
136. <http://oglobo.globo.com/rio/numero-de-inscritos-na-jmj-nao-ultrapassa-evento-em-madri-9143512> PL
137. <http://oglobo.globo.com/rio/fluxo-de-turistas-no-rio-o-maior-da-historia-do-pais-9214528>
138. <http://oglobo.globo.com/rio/homens-desfilam-de-salto-alto-na-praia-de-copacabana-em-protesto-contravisa-do-papa-9162588> PL
139. <http://oglobo.globo.com/topico-jornada-mundial-da-juventude/o-longo-caminho-de-volta-dos-peregrinos-na-saida-de-copacabana-9244079> FOTOS
140. <http://oglobo.globo.com/rio/vaticano-elogia-transferencia-de-eventos-de-guaratiba-para-copacabana-9240920>
141. <http://oglobo.globo.com/brasil/em-abertura-da-jmj-arcebispo-diz-que-jovens-sao-esperanca-para-crise-de-valores-9154229>
142. <http://oglobo.globo.com/rio/despedita-da-jmj-tem-mais-um-dia-de-superlotacao-no-metro-9229077> PL
143. <http://oglobo.globo.com/rio/martha-rocha-comenta-furto-de-celulares-carteiras-na-via-sacra-9216825> PL
144. <http://oglobo.globo.com/rio/interdicoes-dos-acessos-copacabana-serao-as-13h-9217871> PL
145. <http://oglobo.globo.com/rio/aterro-do-flamengo-parcialmente-interditado-para-montagem-de-estruturas-da-jmj-9215634> PL
146. <http://oglobo.globo.com/brasil/multidao-enfrenta-frio-chuva-para-saudar-papa-em-copacabana-9187921> PL
147. <http://oglobo.globo.com/rio/devido-mau-tempo-vigilia-da-jmj-foi-suspensa-9185233> PL
148. <http://oglobo.globo.com/rio/peregrinos-dormem-acampam-por-toda-avenida-atlantica-9228484> PL
149. <http://oglobo.globo.com/rio/peregrinos-fazem-vigilia-em-copacabana-9228331> FOTOS

150. <http://oglobo.globo.com/rio/fieis-aguardam-papa-em-copacabana-9216460> PL
151. <http://oglobo.globo.com/rio/papa-francisco-chega-copacabana-mas-ainda-ha-peregrinos-caminho-9225194> PL
152. <http://oglobo.globo.com/rio/interdicao-dos-acessos-copacabana-novamente-adiada-serao-fechados-as-14h-9218904> PL
153. <http://oglobo.globo.com/rio/grupo-de-indios-pataxos-tenta-entrar-no-theatro-municipal-sem-camisa-sao-barrados-9216915> PL
154. <http://oglobo.globo.com/rio/metrorio-culpa-empresa-siemens-por-paralisacao-de-duas-horas-dos-trens-na-terca-9164702> PL
155. <http://oglobo.globo.com/rio/protestos-no-rio-manifestantes-encontram-peregrinos-que-rezam-em-copacabana-9209743> PL
156. <http://oglobo.globo.com/rio/papa-francisco-envia-mensagem-aos-jovens-antes-da-missa-de-abertura-da-jmj-9151921> PL
157. <http://oglobo.globo.com/brasil/multidao-enfrenta-frio-chuva-para-saudar-papa-em-copacabana-9190108> PL
158. <http://oglobo.globo.com/rio/voluntarios-tentam-organizar-fluxo-de-peregrinos-no-retorno-da-cerimonia-de-acolhida-9188869> PL
159. <http://oglobo.globo.com/rio/jmj-2013-confirma-funcionamento-especial-do-metro-9186794> PL
160. <http://oglobo.globo.com/esportes/assediado-por-dupla-fla-flu-papa-francisco-vibra-ao-receber-cachecol-do-time-do-coracao-san-lorenzo-9181742> PL
161. <http://oglobo.globo.com/rio/depois-de-missa-de-abertura-da-jmj-dispersao-tumultuada-em-copacabana-9155713> PL
162. <http://oglobo.globo.com/rio/moderna-cracovia-ajuda-contar-historia-de-catolicos-judeus-9249957>
163. <http://oglobo.globo.com/rio/peregrinos-madrugam-em-copacabana-9228600> PL
164. <http://oglobo.globo.com/economia/peregrinos-poupam-com-hospedagem-vao-as-compras-9154412> PL
165. <http://oglobo.globo.com/sociedade/tecnologia/aplicativo-movel-transmite-chama-da-fe-9146538>
166. <http://oglobo.globo.com/bairros/tem-gringo-na-paroquia-9132672>
167. <http://oglobo.globo.com/rio/o-domingo-do-papa-no-rio-9253583> FOTOS
168. <http://oglobo.globo.com/brasil/peregrinacao-da-jmj-esta-mantida-apesar-de-mudanca-de-evento-copacabana-9199144> FOTOS
169. <http://oglobo.globo.com/topico-jornada-mundial-da-juventude/papa-celebra-missa-em-copacabana-9238959> FOTOS
170. <http://oglobo.globo.com/rio/sol-volta-peregrinos-curtem-praia-no-rio-9199629> FOTOS
171. <http://oglobo.globo.com/brasil/pelo-twitter-papa-francisco-agradece-recepcao-magnifica-no-rio-9140028>

172. <http://oglobo.globo.com/rio/moradores-de-copacabana-reclamam-de-mudanca-de-ultima-hora-9192736>
173. <http://oglobo.globo.com/rio/peregrinos-sao-barrados-em-aceso-estacao-do-metro-na-gloria-9198191>
174. <http://oglobo.globo.com/rio/comercio-faz-milagre-da-multiplicacao-da-comida-para-peregrinos-em-copacabana-9234055>
175. <http://oglobo.globo.com/rio/presidente-cristina-compara-francisco-nestor-kirchner-9214496>
176. <http://oglobo.globo.com/rio/leia-integra-da-despedida-do-papa-francisco-no-aeroporto-9252297>
177. <http://oglobo.globo.com/rio/papa-come-paes-de-queijo-no-cafe-da-manha-agradece-magnifica-acolhida-pelas-redes-sociais-9137472>
178. <http://oglobo.globo.com/rio/voluntarios-ja-aguardam-papa-no-riocentro-9234370> PL
179. <http://oglobo.globo.com/rio/peregrinos-aprovam-mudanca-na-programacao-da-jmj-9223752> PL
180. <http://oglobo.globo.com/rio/publico-enfrenta-dificuldade-para-sair-de-copacabana-apos-missa-da-jmj-9153207>
181. <http://oglobo.globo.com/rio/nota-da-organizacao-da-jmj-esta-mais-perto-de-zero-diz-prefeito-9201185>
182. <http://oglobo.globo.com/rio/os-peregrinos-no-ultimo-dia-da-jmj-9229325>
FOTOS
183. <http://oglobo.globo.com/rio/delegacia-de-copacabana-registra-40-ocorrencias-nesta-manha-9233344>
184. <http://oglobo.globo.com/brasil/curtas-peregrinos-delimitam-territorio-para-pernoitar-em-copacabana-9229384> CURTAS
185. <http://oglobo.globo.com/esportes/vasco-remarca-treinamento-desta-sexta-feira-para-cfz-9179733> CURTAS
186. <http://oglobo.globo.com/rio/peregrinos-pernoitam-na-praia-de-copacabana-em-clima-de-tranquilidade-9228527> CURTA
187. <http://oglobo.globo.com/rio/trem-para-perto-da-estacao-do-maracana-passageiros-abrem-as-portas-andam-por-linha-ferrea-9173660> CURTA
188. <http://oglobo.globo.com/rio/peregrinos-sofrem-com-furtos-assaltos-9225232> CURTA
189. <http://oglobo.globo.com/rio/cet-rio-indica-rotas-para-evitar-regiao-de-copacabana-que-comecou-ser-interditada-9220611> CURTA
190. <http://oglobo.globo.com/rio/indio-se-emociona-ao-dar-cocar-ao-papa-francisco-9218150> CURTA
191. <http://oglobo.globo.com/rio/forcas-armadas-vao-atuar-como-policia-na-zona-sul-no-centro-9198053> CURTA
192. <http://oglobo.globo.com/rio/peregrinos-reclamam-da-dificuldade-de-voltar-para-alojamentos-depois-de-missa-de-abertura-9156173> CURTA
193. <http://oglobo.globo.com/brasil/mau-tempo-faz-papa-ir-sao-jose-dos-campos-antes-de-aparecida-9152400> CURTA

194. <http://oglobo.globo.com/rio/manifestantes-protestam-novamente-no-leblon-contra-governador-9189427> FOTOS
195. <http://oglobo.globo.com/mundo/papa-expressa-solidariedade-as-vitimas-do-acidente-na-espanha-9172651>
196. <http://oglobo.globo.com/rio/confusao-falta-de-informacao-em-operacao-de-transito-em-copacabana-no-inicio-da-manha-9172463> CURTA
197. <http://oglobo.globo.com/rio/onibus-passam-operar-com-100-da-frota-ate-fim-da-jmj-9169652> CURTA
198. <http://oglobo.globo.com/brasil/curtas-proxima-edicao-da-jmj-em-2016-sera-na-cracovia-diz-fonte-9230965> CURTA
199. <http://oglobo.globo.com/esportes/sem-polemica-em-relacao-ao-lugar-das-torcidas-reuniao-aumenta-policiamento-para-flamengo-botafogo-no-maracana-9156155> CURTA
200. <http://oglobo.globo.com/mundo/papa-pede-dialogo-visao-humanista-da-economia-politica-sem-elitismo-9218774> CURTA
201. <http://oglobo.globo.com/topico-jornada-mundial-da-juventude/jornais-estrangeiros-destacam-viagem-do-papa-francisco-ao-brasil-9140237> FOTOS
202. <http://oglobo.globo.com/brasil/papa-francisco-visita-aparecida-para-primeira-missa-no-exterior-9159178> CURTA
203. <http://oglobo.globo.com/rio/jornais-argentinos-destacam-caos-na-recepcao-do-papa-9138647>
204. <http://oglobo.globo.com/rio/confira-na-integra-sermao-do-arcebispo-dom-orani-para-missa-de-abertura-da-jmj-9151619>
205. <http://oglobo.globo.com/rio/dom-odilo-minimiza-problemas-durante-jmj-nao-se-deve-exagerar-na-psiocese-da-seguranca-9149965> CURTA
206. <http://oglobo.globo.com/rio/papa-descreve-festa-da-acolhida-em-copacabana-como-inesquecivel-9193105>
207. <http://oglobo.globo.com/rio/moradores-peregrinos-reclamam-da-desorganizacao-em-copacabana-9224413> CURTA
208. <http://oglobo.globo.com/rio/delegacia-de-copacabana-registra-uma-ocorrencia-cada-tres-minutos-9226198>
209. <http://oglobo.globo.com/rio/checagem-falha-marca-chegada-de-voluntarios-ao-riocentro-9245924>
210. <http://oglobo.globo.com/rio/organizacao-ainda-nao-confirma-oficialmente-possibilidade-de-transferir-missa-de-encerramento-da-jmj-9176965>
211. <http://oglobo.globo.com/rio/porta-voz-do-vaticano-diz-que-rio-cidade-complexa-elogia-esforco-dos-organizadores-9171674>
212. <http://oglobo.globo.com/rio-gastronomia-2013/jmj-tera-cardapio-sem-gluten-9121129>
213. <http://oglobo.globo.com/rio/alegria-de-peregrinos-continua-mesmo-em-rodoviaria-lotada-9255016> CURTA
214. <http://oglobo.globo.com/papa-no-brasil/discurso-morno-de-francisco-frustra-manifestantes-9136905>

215. <http://oglobo.globo.com/topico-jornada-mundial-da-juventude/peregrinos-tomam-as-ruas-da-cidade-9156525>
216. <http://oglobo.globo.com/rio/peregrinos-despertam-no-acampamento-em-copacabana-9228848>
217. <http://oglobo.globo.com/rio/aceessos-copacabana-sao-liberados-9229085>
218. <http://oglobo.globo.com/rio/leia-integra-do-discurso-da-presidente-dilma-em-encontro-com-papa-no-palacio-guanabara-9185375>
219. <http://oglobo.globo.com/rio/leia-integra-do-discurso-do-papa-francisco-durante-cerimonia-de-acolhida-aos-jovens-9187217>
220. <http://oglobo.globo.com/brasil/papa-francisco-faz-cobranca-ricos-em-visita-favela-do-rio-9178011>
221. <http://oglobo.globo.com/rio/evento-com-papa-fecha-avenida-atlantica-aceessos-copacabana-9172452>
222. <http://oglobo.globo.com/papa-no-brasil/jornalista-argentina-relata-encontro-que-teve-com-papa-francisco-no-rio-9162456>
223. <http://oglobo.globo.com/infograficos/jmj-interdicoes/> INFOGRÁFICO
224. <http://oglobo.globo.com/brasil/chuva-forca-mudanca-de-eventos-com-papa-de-guaratiba-para-copacabana-9188055> CURTA
225. <http://oglobo.globo.com/rio/papa-francisco-ganha-cocar-de-indio-surpreende-9218207>
226. <http://oglobo.globo.com/brasil/papa-diz-que-dialogo-alternativa-indiferenca-ao-protesto-9218663> CURTA
227. <http://oglobo.globo.com/topico-jornada-mundial-da-juventude/as-vesperas-de-receber-francisco-campus-fidei-tomado-pela-lama-9171855>
228. <http://oglobo.globo.com/brasil/papa-pede-jovens-que-saiam-sem-medo-em-busca-de-fieis-construam-mundo-novo-9245317>
229. <http://oglobo.globo.com/topico-jornada-mundial-da-juventude/atividades-culturais-gratuitas-prometem-divertir-os-peregrinos-9140733> CURTA
230. <http://oglobo.globo.com/videos/video/?idv=2722471> VÍDEO